



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ (PUCPR)  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA – MESTRADO**

---

**DIRCE GOMES DA SILVA**

**MISSÃO EM DIÁLOGO:  
UMA PROPOSTA PARA O SER E AGIR DA IGREJA NA  
PERSPECTIVA DO CONCÍLIO VATICANO II**

**CURITIBA  
2020**

DIRCE GOMES DA SILVA

**MISSÃO EM DIÁLOGO:  
UMA PROPOSTA PARA O SER E AGIR DA IGREJA NA  
PERSPECTIVA DO CONCÍLIO VATICANO II**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia. Área de concentração: Teologia Sistemático Pastoral; Linha de Pesquisa: Teologia, Evangelização e Diversidade Religiosa, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito à obtenção do título de mestre em Teologia. Orientador: Prof. Dr. Elias Wolff.

CURITIBA

2020

Dados da Catalogação na Publicação  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR  
Biblioteca Central  
Luci Eduarda Wielganczuk – CRB 9/1118

Silva, Dirce Gomes da  
S586m Missão em diálogo: uma proposta para o ser e agir da Igreja na perspectiva do  
2020 Concílio Vaticano II / Dirce Gomes da Silva; orientador: Elias Wolff. – 2020.  
142 f. : 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,  
Curitiba, 2020  
Bibliografia: f. 131-142

1. Concílio Vaticano (2. : 1962-1965). 2. Igreja Católica – Missões. 3. Reino  
de Deus. I. Wolff, Elias. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná.  
Programa de Pós-Graduação em Teologia. III. Título.

CDD 20. ed. – 262.52



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA  
STRICTO SENSU

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO N.º 001.2021  
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado**

Aos um de fevereiro de dois mil e vinte um, reuniu-se às quatorze horas, por videoconferência, a Banca Examinadora constituída pelos docentes: Prof. Dr. Elias Wolff, Profa. Dra. Lúcia Pedrosa de Padua, Prof. Dr. Joachim Andrade, para examinar a Dissertação da mestranda Dirce Gomes da Silva, ano de ingresso 2019, aluna do Programa de Pós-Graduação em Teologia, Área de concentração: Teologia Sistemático-Pastoral - Linha de Pesquisa: Teologia, Evangelização e Diversidade Religiosa. A mestranda apresentou a dissertação intitulada "MISSÃO EM DIÁLOGO: UMA PROPOSTA PARA O SER E AGIR DA IGREJA NA PERSPECTIVA DO CONCÍLIO VATICANO II". A candidata fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos Membros da Banca e, após a defesa, foi APROVADA pela Banca Examinadora, com indicação de publicação. A sessão encerrou-se às 15:50hs. Para constar, lavrou-se a presente Ata, que segue assinada pelo presidente da Banca Examinadora e pela coordenação do Programa. Os avaliadores participaram da banca de Defesa de Dissertação por videoconferência e estão de acordo com termos acima.

*Wolff*

Prof. Dr. Elias Wolff - Presidente/Orientador

*Lúcia Pedrosa de Padua*

Profa. Dra. Lúcia Pedrosa de Pádua - Convidado Externo

*Andrade*

Prof. Dr. Joachim Andrade - Convidado Interno:

*[Signature]*



**Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner**  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia  
*Stricto Sensu*

À minha querida família, a qual tanto admiro, dedico o resultado do esforço realizado ao longo deste percurso. Aos meus pais falecidos, a quem agradeço as bases que deram para me tornar a pessoa que sou hoje.

Às irmãs de Cristo Pastor, hoje, chão da minha existência e impulso para a missão.

À Irmã Ana Aparecida Brito e Irmã Joiciele Cristina Botelhos da Silva, companheiras e irmãs de convivência fraterna, solidária, comunitária e espiritual neste tempo de mestrado.

Ao meu orientador, Dr. Pe. Elias Wolff, sem o qual não teria conseguido concluir esta difícil tarefa com perspectiva motivadora de ir em frente.

A todos os missionários e missionárias, irmãos de diferentes tradições religiosas e denominações cristãs comprometidos com a missão em diálogo.

À Sr<sup>a</sup> Nélida Teresinha Baldissera, “mãe” e amiga de coração, que generosamente me acolheu em sua casa neste período de estudo do mestrado.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Deus Uno e trino fonte da missão, mistério de Deus revelado em Cristo o Bom Pastor, estudo teológico no qual pude aprofundar e fazer a experiência como presença Universal, libertadora dialógica.

À minha Congregação Religiosa, Irmãs de Cristo Pastor, eterna gratidão.

À Pontifícia Universidade Católica PUC - PR, pelo programa de Pós-Graduação, aos dois coordenadores do programa neste período. Aos professores, de modo especial aos que diretamente contribuíram com minha formação, seja pelas disciplinas ministradas, seja pela contribuição nas diversas bancas. Aos colaboradores, meu reconhecimento e gratidão.

Aos padres Luiz Carlos Pintinho e Antônio Carlos de Souza, padres da Paróquia Nossa Senhora Aparecida Tapejara - PR onde, neste tempo, atuei em missão.

Aos mestres, professora Rejane Leão, Geovana Maria Maçaneiro e professor Oscar Garcia que generosamente complementaram essa formação com correções de textos e auxílio na língua estrangeira.

“Não dialogar é colocar em risco o ser da Igreja e sua missão” (WOLFF, 2018, p.7).

“A missão hoje será uma missão em diálogo”  
(AMALADOSS, 2000, p. 148).

## RESUMO

A presente pesquisa buscou enfatizar a missão em diálogo como proposta para o ser e agir da Igreja na perspectiva do Concílio Vaticano II. O objetivo foi compreender a problematização dessa missão. O desenvolvimento da pesquisa articulou três eixos missiológicos apontados pelo Vaticano II: a atividade missionária; o diálogo inter-religioso e a cooperação solidária nas grandes questões da humanidade. O objeto de estudo, missão em diálogo, foi o caminho trilhado pelos padres conciliares a fim de impulsionar a Igreja na abertura às diferentes tradições religiosas e ecumênicas. A metodologia utilizada para o presente estudo se deu através da pesquisa exploratória bibliográfica pelo método da análise qualitativa crítica. As Sagradas Escrituras, os documentos do magistério conciliar, as pesquisas de teólogos e teólogas foram fontes primordiais para a realização da pesquisa. Compreendeu-se, pela investigação planejada e desenvolvida, que Deus Trindade é o amor fontal da missão. Também se constatou que, em tempos de multirreligiosidade e multinterculturalidade, a Igreja é convocada pelo Vaticano II a um novo impulso missionário, uma vivência dialogal de comunhão não pode descuidar do papel das tradições religiosas, pelo diálogo inter-religioso e ecumênico. Além disso, enquanto cooperadores na *Missio Dei*, a tônica é uma igreja em diálogo, em estado permanente de missão, que seja capaz de superar as tradicionais práticas missionárias baseadas em experiências colonialistas e hegemônicas para uma Igreja dialogante, considerando, acima de tudo, o interlocutor na sua ação evangelizadora. Essa tomada de consciência e renovação profética exigirá da Igreja a superação de certezas dogmáticas e apelos à alteridade. A conclusão da pesquisa é a compreensão de que os dados pesquisados são claros em relação à valorização da missão em diálogo. Todavia, os avanços ainda são lentos e imprecisos. Urge continuar o caminho apontado pelo Vaticano II e pós-concílio na prática do método teologal do diálogo. Além disso, se faz necessário ampliar os horizontes da missão em diálogo pela hermenêutica do Reino de Deus, protagonizado por Jesus.

**Palavra chaves:** Concílio Vaticano II. Missão. Diálogo. Reino de Deus. Igreja.

## ABSTRACT

This research sought to emphasize mission in dialogue as a proposal for the Church's being and action in the perspective of the Vatican Council II. The objective was to understand the problematization of this mission. The development of the research articulated three missiological axes pointed out by the Vatican II: the missionary activity; the inter-religious dialogue; and the solidarity cooperation in the great matters of humanity. The object of study, mission in dialogue, was the path taken by the Council Fathers in order to encourage the Church to be open to the different religious and ecumenical traditions. The methodology used for this study was through exploratory bibliographic research using the method of critical qualitative analysis. The Sacred Scriptures, the documents of the Council Magisterium, and research by theologians were primordial sources for this research. It was understood, through planned and developed research, that God the Trinity is the fontal love of mission. It was also noted that, in times of multireligious and multi-culturalism, the Church is called by the Vatican II to a new missionary impulse, a dialogical experience of communion cannot neglect the role of religious traditions, through inter-religious and ecumenical dialogue. Furthermore, as cooperators in *Missio Dei*, the emphasis is on a church in dialogue, in a permanent state of mission, that is capable of overcoming traditional missionary practices based on colonialist and hegemonic experiences for a Church in dialogue, considering, above all, the interlocutor in its evangelizing action. This awareness and prophetic renewal will require the Church to overcome dogmatic certainties and appeals to otherness. The conclusion of the research is the understanding that the data researched are clear in relation to the appreciation of the mission in dialogue. However, the advances are still slow and imprecise. It is urgent to continue the path pointed out by the Vatican II and post-Council in the practice of the theological method of dialogue. Furthermore, it is necessary to broaden the horizons of mission in dialog through the hermeneutics of the Kingdom of God, led by Jesus.

**Keywords:** Vatican Council II. Mission. Dialogue. Kingdom of God. Church.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AA	-Decreto <i>Apostolicam Actuositatem</i> , sobre o apostolado dos leigos, Concílio Vaticano II.
AG	-Decreto <i>Ad Gentes</i> sobre a atividade missionária da Igreja, Concílio Vaticano II.
CCM	-Centro Cultural Missionário.
CD	- Decreto <i>Christus Dominus</i> sobre o múnus pastoral dos bispos na Igreja.
CELAM	-Conselho Episcopal Latino-Americano.
CfL	-Exortação apostólica pós-sinodal <i>Christifideles laici</i> , sobre vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo.
CIMI	-Conselho Missionário Indigenista.
CMi	-Cooperação Missionária – <i>Cooperatio Missionalis</i> .
CNBB	-Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.
COMINA	-Conselho Missionário Nacional.
DA	- Diálogo e Anúncio.
DAp	-Documento de Aparecida, Textos conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe.
DE	-Diretório Ecumênico.
DF	-Documento final Conferência Internacional Missionária de Edimburgo (1910),
DGAE	-Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil.
DH	-Declaração <i>Dignitatis humanae</i> sobre a liberdade religiosa, Concílio Vaticano II.
DM	-Diálogo e Missão.
DV	- Constituição dogmática <i>Dei Verbum</i> sobre a revelação divina, Concílio Vaticano II.
EG	-Carta Encíclica, <i>Evangelli Gaudium</i> , A alegria do evangelho.
EN	-Carta Encíclica, Exortação apostólica <i>Evangeli Nuntiandi</i> , A evangelização no mundo contemporâneo.
ES	-Carta encíclica <i>Ecclesiam Suam</i> sobre os caminhos da igreja.
GS	-Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i> sobre a Igreja no mundo de hoje, Concilio Vaticano II.

- IM -Decreto Inter Mirifica sobre os meios de comunicação social, concílio vaticano II.
- LG -Constituição dogmática, *Lumen Gentium* sobre a igreja, Concilio Vaticano II.
- LS -Carta Encíclica, Carta Encíclica, *Laudato si'*, sobre o cuidado da casa comum.
- NA -Declaração *Nostra Aetate* sobre a relação da Igreja com as religiões não-cristãs, Concílio Vaticano II.
- PPC -Plano de Pastoral de Conjunto.
- QA -Exortação Apostólica Pós-Sinodal - Querida Amazônia, Ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade.
- RH -Carta encíclica *Redemptor Hominis* a todos os homens de boa vontade no início do seu ministério pontifical.
- RMi -Carta Encíclica *Redemptoris Missio*, A Validade Permanente do Mandato Missionário.
- SC -Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a sagrada liturgia, Concílio Vaticano II.
- UR -Decreto *Unitatis Redintegratio* sobre o Ecumenismo, Concílio Documentos do Concílio Vaticano II.
- UUS -Carta Encíclica *Ut Unum Sint* sobre o empenho ecumênico.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>2 MISSÃO EM DIÁLOGO E OS IMPULSOS DO CONCÍLIO VATICANO II</b> .....	<b>13</b>
INTRODUÇÃO DO CAPÍTULO .....	13
2.1 O QUE É MISSÃO? .....	14
<b>2.2 CONCEITO DE DIÁLOGO</b> .....	<b>18</b>
2.3 MISSÃO EM DIÁLOGO COMO PROPOSTA DO CONCÍLIO VATICANO II .....	21
<b>2.3.1 O “aggiornamento” e diálogo, novas possibilidades para a missão</b> .....	<b>26</b>
2.4. A TEOLOGIA DO DIÁLOGO, O CAMINHO PARA A MISSÃO DA IGREJA .....	30
<b>2.4.1 A teologia, prática da missão em diálogo à luz do Concílio Vaticano II</b> .....	<b>32</b>
2.5 O REINO DE DEUS: A CHAVE HERMENÊUTICA DA MISSÃO EM DIÁLOGO .....	38
2.6 MISSÃO EM DIÁLOGO: UMA TEOLOGIA PLURAL E INCLUSIVA .....	40
<b>2.6.1 O mundo pluricultural e plurirreligioso: Desafios para a missão em diálogo</b> .....	<b>49</b>
2.7 DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II .....	50
CONCLUSÃO DO CAPÍTULO .....	53
<b>3 MISSÃO E A CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS</b> .....	<b>55</b>
INTRODUÇÃO DO CAPÍTULO .....	55
3.1 RELAÇÕES FRATERNAS NA DIALOGICIDADE DA MISSÃO .....	56
3.2 ELEMENTOS QUE DESAFIAM A RELAÇÃO INTERPESSOAL DA MISSÃO EM DIÁLOGO .....	62
<b>3.2.1 Uma fé frágil e fragmentada</b> .....	<b>62</b>
<b>3.2.2 Insuficiente conhecimento e compreensão do credo e das práticas das outras religiões</b> .....	<b>63</b>
<b>3.2.3 Os desafios das diferenças culturais</b> .....	<b>64</b>
<b>3.2.4 Fatores sociopolíticos</b> .....	<b>65</b>
<b>3.2.5 Compreensão inverídica dos termos: conversão, batismo, diálogo</b> .....	<b>66</b>
<b>3.2.6 Atitudes defensivas ou agressivas, fruto da autossuficiência</b> .....	<b>69</b>
<b>3.2.7 A falta de convicção da própria fé</b> .....	<b>70</b>
<b>3.2.8 Convicções religiosas e expressões de espírito polêmico</b> .....	<b>71</b>
<b>3.2.9 Falta de reciprocidade, intolerância, fatores políticos, econômicos, raciais e étnicos</b> .....	<b>72</b>
<b>3.2.10 O materialismo, a indiferença religiosa e as seitas religiosas</b> .....	<b>74</b>
3.3 JESUS DE NAZARÉ, SUA PRÁTICA RELACIONAL DE UMA MISSÃO EM DIÁLOGO .....	75
3.4 DIÁLOGO DE SALVAÇÃO COMO PROJETO DIALÓGICO DE JESUS .....	79
3.5 A RELACIONALIDADE NA MISSÃO EM DIÁLOGO .....	83
3.6 A TRINDADE, O ARCHÉ DE RELACIONALIDADE DA MISSÃO .....	86
3.7 A ÍNDOLE DA COMUNHÃO NO DIÁLOGO FRATERNAL .....	89

CONCLUSÃO DO CAPÍTULO .....	92
<b>4 O DIÁLOGO COMO MÉTODO PARA A MISSÃO .....</b>	<b>94</b>
INTRODUÇÃO DO CAPÍTULO .....	94
4.1 O MÉTODO DO DIÁLOGO NA TEOLOGIA E NA PRÁXIS DA MISSÃO.....	95
<b>4.1.1 Missão e o método dialógico .....</b>	<b>99</b>
4.2 OS HORIZONTES DA MISSÃO EM DIÁLOGO .....	102
<b>4.2.1 Evangelização .....</b>	<b>103</b>
<b>4.2.2 Nova evangelização.....</b>	<b>106</b>
<b>4.2.3 Implicações para a igreja do Brasil .....</b>	<b>106</b>
<b>4.2.4 “Missão <i>ad gentes</i>” .....</b>	<b>108</b>
<b>4.2.5 A missão “<i>Inter-gentes</i>” .....</b>	<b>110</b>
<b>4.2.6 A dimensão ecumênica .....</b>	<b>110</b>
4.3 A MISSÃO EM DIÁLOGO COMO COOPERAÇÃO .....	117
<b>4.3.2 Cooperação e “Igrejas irmãs” no contexto Amazônico .....</b>	<b>123</b>
<b>4.3.3 Cooperação ecumênica .....</b>	<b>125</b>
<b>4.3.4 A cooperação e os meios de comunicação .....</b>	<b>127</b>
CONCLUSÃO DO CAPÍTULO .....	128
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>130</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>137</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A presente, dissertação tem como tema a missão em diálogo: uma proposta para o ser e o agir da Igreja na perspectiva do Concílio Vaticano II, considerando que, nos tempos atuais, a vida clama tanto por missão quanto por diálogo. A relevância de pesquisar esse conteúdo vem das inquietações: a) enquanto batizados(as), discípulos(as) missionários(as) de Jesus podemos cooperar na “*Missio Dei*”? b) como vivenciar essa missão cujo dom, compromisso e meta é o Reino de Deus? c) em tempos marcados pela multirreligiosidade e a multiculturalidade, como considerar as importantes conquistas da humanidade no campo da subjetividade, do respeito à dignidade da pessoa e à liberdade?

Percebe-se que estamos vivenciando uma crise global em que a dor atinge toda humanidade e a faz ferida e enclausurada por acontecimentos que se impõem a todos na escancarada situação da saúde, no psicossocial, na economia e na política. As inquietudes da humanidade provocam a missão em diálogo.

Embora nem sempre constitua objeto de sua preocupação fundamental, cada vez mais a missão vem desafiando o pensamento teológico. Segundo o Concílio Vaticano II, a Igreja sente-se intimamente ligada ao gênero humano e à sua história. O discípulo de Cristo não pode se descuidar das alegrias e das esperanças, das tristezas e das angústias da humanidade de hoje (GS 1).

Por esse motivo, e levando em conta que a tarefa do Concílio ainda não está terminada, o referido estudo terá como objetivo: compreender a problematização da missão em diálogo a partir das perspectivas do Concílio Vaticano II. Para essa compreensão, serão considerados os três núcleos missiológicos que o Concílio procurou articular como relevantes para a missão da Igreja: o trabalho missionário, o diálogo inter-religioso e a colaboração solidária nas grandes questões da humanidade (cf. RATZINGER, 1976, p. 46, apud, Suess, 2006, p. 135). Assim, a Igreja convocada pelo Concílio Vaticano II para um novo impulso missionário, para uma vivência de diálogo e de comunhão, tem sido marcada pela tônica do imperativo de uma Igreja de diálogo em estado permanente de missão.

Por ser a missão a natureza e a identidade da Igreja, a percepção é de que missão em diálogo é essencial na sua dimensão missionária e evangelizadora. Portanto, sendo a missão um processo da encarnação, da proximidade, o diálogo será

constitutivo nesse delinear missionário. Essas atitudes pressupõem diálogo e respeito, assegurando a tomada de consciência como necessária. Nesse sentido, a pesquisa buscará demonstrar que as interpelações do Concílio Vaticano II constituem, com certeza, um ponto de chegada e não meramente um evento do passado. De fato, o hoje da missão, considerando as insistências conciliares, é a necessidade dela mesma e da promoção do diálogo.

Desse ponto de vista, levantamos as seguintes questões que, pelo processo da pesquisa, queremos responder: 1) Como a missão em diálogo, na perspectiva do Concílio Vaticano II, poderá se tornar, na realidade atual da Igreja, uma vivência de evangelização e respeito pelo outro? 2) De que forma realizar a missão e o diálogo no mundo de hoje? 3) Como sair de um debate autorreferencial presente em nossas culturas institucionais eclesiais, para a saída de uma prática de missão dialógica como teologia do encontro, da proximidade e do respeito às diferentes expressões? 4) Quais foram os impulsos do Concílio que configuraram essa realidade teológica missão em diálogo?

Sendo assim, no espírito do Concílio Vaticano II, missão em diálogo – como objeto de estudo da presente pesquisa – permanece não somente válido, mas também normativo para o momento atual que impulsiona a Igreja à missão e ao diálogo com as diferenças e as diferentes realidades do mundo contemporâneo. Nas conclusões dos padres conciliares, o diálogo foi o caminho trilhado, impulsionando a Igreja a assumir uma postura de abertura para as diferenças religiosas, revelando-se assim à humanidade como portadora de valores de diálogo e de respeito para com todos os povos.

A metodologia utilizada para o presente estudo será desenvolvida através da pesquisa exploratória bibliográfica com o método de análise qualitativa-crítica, teologicamente fundamentada nas Escrituras Sagradas, nos documentos do Concílio Vaticano II e em outros documentos do magistério. Apresentaremos também artigos, periódicos e livros catalogados de pesquisadores(as), teólogos(as) missiólogos(as) de várias denominações cristãs cujas pesquisas estão em sintonia com o Concílio Vaticano II. Tudo isso constitui valiosa contribuição no campo da ciência teológica, no âmbito da missão, do Ecumenismo e do diálogo inter-religioso.

Urge, portanto, explorar o objeto de estudo em questão, considerando os tempos atuais que convocam a Igreja a renovar, cada vez mais, sua visão eclesiológica, missiológica e dialógica. Assim sendo, pela pesquisa teórica – na busca

de informações, seleção de pesquisa e investigação do que existe sobre o assunto – propiciar-se-á o aprofundamento do estudo realizado. A intenção do método será a busca de atitudes missionárias de proximidade, de diálogo, de respeito, de sensibilidade e de compaixão, na relevância de que Teologia se faz acolhendo as dores e os sofrimentos do mundo.

Portanto, a partir da pesquisa, serão expostos alguns passos históricos das diversas posições assumidas pela teologia cristã diante do tema da missão e do diálogo, de forma a facultar a percepção de como a missão e o diálogo foram sendo incorporados e vivenciados, no decorrer dos tempos, com os impulsos do Concílio Vaticano II.

O aprofundamento do estudo – citado anteriormente – será apresentado em três capítulos: 1º) Missão e Diálogo e os impulsos do Concílio Vaticano II; 2º) A dimensão da Missão e do Diálogo na construção das relações e 3º) O Diálogo como método e conteúdo para a missão, seguido da conclusão.

Para maior entendimento, os documentos conciliares propiciam compreensão na abordagem da pesquisa em curso. Entre eles, destacaremos: a) a Constituição dogmática *Lumen Gentium*, sobre a Igreja onde a palavra missão é repetido 40 vezes e o caráter missionário da Igreja é tratado em 17 ocasiões; b) a Constituição pastoral *Gaudium et spes* que facilita o conhecimento sobre a missão, a partir da realidade do mundo; c) o decreto *Ad gentes* que trata especificamente da atividade missionária da Igreja é uma relevante fonte que orienta sobre a origem da missão; d) a *Missio Dei*, revista a partir das fontes bíblicas, que aponta para uma práxis missionária que contempla a função da Igreja, o anúncio e o pluralismo religioso.

Com enfoques diferentes, o Decreto *Unitatis Redintegratio* (sobre o Ecumenismo), a Declaração *Nostra Aetate* (sobre a Igreja e as religiões não-cristãs) e a Declaração *Dignitatis Humanae* (sobre a liberdade religiosa) favorecerão, na pesquisa, trilhar o conhecimento no que se refere ao autêntico diálogo. Contudo, ao referir-se à missão, sublinham que a mesma deve dirigir-se sempre a toda humanidade no respeito pleno da liberdade de cada interlocutor. E, no âmbito da missão, por fidelidade à pessoa humana, a Igreja deve sempre abrir-se ao diálogo, pois “O homem é o primeiro caminho que a Igreja deve encontrar no cumprimento da sua missão” (RH 14).

Na perspectiva teológica e eclesial dos fundamentos conciliares, perceberemos que a missão pensada de forma dialogal, posiciona a Igreja não como detentora da

verdade a ser levada aos povos, mas convocada a gestar um novo processo de descolonização na forma da transmissão da fé. Um novo deslocamento, uma nova compreensão do sujeito e dos objetivos da missão. A proposta é minimizar a batalha hermenêutica entre os diferentes nas mais diversas instâncias eclesiais (SUESS, 2015, p. 627). Logo, mais importante é aceitar de que mensagem cristã, longe ser imposta, deve ser apresentada de forma dialogal, tendo em vista que a vida cristã é opção ativa e consciente de cada indivíduo.

Concomitantemente, explicitaremos a etimologia dos vocábulos diálogo e missão, alargando a compreensão dos mesmos enquanto chamado, interação, envio, diálogo e profecia. Diante dos desafios dos tempos atuais, num mundo secularizado e pluricultural, a chave hermenêutica é o Reino de Deus, meta da missão. Assim, nas esteiras do Vaticano II, impulsionada pelo “*aggiornamento*”, apontando a tríplice abertura, isto é, abertura às fontes, abertura a outras denominações cristãs e abertura à complexidade dos problemas da humanidade, a missão em diálogo será a possibilidade para uma atividade missionária dialogal baseada numa teologia plural e inclusiva.

Nesse sentido, guiará a pesquisa o que diz o Papa João Paulo II ao afirmar que a missão e o diálogo são parte integrante da missão evangelizadora da Igreja (RMI 55). Dada a sua relevância para a missão, também o documento Diálogo e Anúncio indicará que o diálogo representa um grande desafio, “o primeiro a ser enfrentado” (DA 4-7). Assim assegurará que em um mundo multirreligioso, o papel das tradições religiosas não pode ser descuidado. Dessa maneira, na missão, o diálogo requer um espírito de equilíbrio, de abertura e de acolhimento.

Buscaremos demonstrar que se faz necessária “a prontidão em se deixar transformar pelo encontro” (DA 41.47). Um diálogo autêntico envolverá não somente conhecimento mútuo, mas também mútuo enriquecimento, ou seja, uma disposição sincera em “aprender e receber dos outros”. Como sublinham as ciências humanas, no diálogo interpessoal, o ser humano faz a experiência das suas limitações, mas também descobre a possibilidade de superá-las e pode caminhar com confiança ao seu encontro do outro (DA 21.49).

A pesquisa apontará que não se faz missão em diálogo sem a prática relacional. Por isso, dedicaremos um capítulo na construção do aprofundamento da arte das relações interpessoais. Jesus de Nazaré será o modelo indicado como vivência de relações dialogais, tendo em vista seu projeto de diálogo de salvação. A Santíssima

Trindade, enquanto mistério da missão, nos revela que missão não se faz de forma isolada. A efusão de amor revelado pela Trindade manifesta, na missão, uma *pericórese*, isto é, uma relação de interação, de intimidade, de amizade e de perfeita comunhão.

Assim sendo, toda atividade missionária, a partir da experiência do Deus trino –verdadeiro modelo de relação por excelência – se relacionará com o outro na sociabilidade, no diálogo, na alteridade e na comunhão. Nesse sentido, a partir da interculturalidade, tendo por base a vida relacional da Trindade, a pesquisa mostrará que a missão em diálogo construirá relacionamentos igualitários permeados pela dialogicidade. De forma horizontal e sinérgica, o outro será valorizado, e a individualidade será posta como serviço e doação (RIBEIRO, 2014, p. 221).

Não obstante, as turbulências históricas que, muitas vezes, comprometem as relações como um todo, a proposta é mostrar que o discípulo(a) missionário (a) de Jesus é chamado a corresponder a essa participação na comunhão trinitária. As atitudes serão o testemunho transbordante de amor na relação fraterna com todos os irmãos e irmãs independentemente da fé professada. Assim, o diálogo pode contribuir para o crescimento de uma vivência inter-relacional na atividade missionária e experimentar Deus por meio das riquezas presentes nas outras experiências religiosas.

Consciente de que teologia não se faz fora do real contexto cotidiano, no quarto capítulo, a partir do diálogo como método e conteúdo da missão, a pesquisa abordará temas relacionados à realidade da missão. Destaque-se que, nos tempos hodiernos, a Igreja em sua ação missionária é vocacionada a cooperar prontamente com as urgentes necessidades que envolvem a humanidade. O caminho que será proposto é o deslocar-se do “centro” rumo às “periferias”, sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG 20).

Desse modo, a atividade missionária da Igreja se concretizará a partir de suas tarefas vivenciadas e compartilhadas pelo exercício da comunhão. A atenção peculiar do capítulo será, portanto, o aprofundamento da missão a partir de sua atividade concretizada por suas diferentes tarefas interligadas pelo diálogo.

À vista disso, os últimos parágrafos da pesquisa apresentarão o norte da missão em diálogo na superação não apenas das fronteiras, mas também dos aspectos culturais no esforço por uma missão “*Inter-gente*”, sublinhando sobretudo que a missão é de Deus, e nós somos apenas cooperadores interligados pelo mesmo

envio e compromisso com a Boa notícia do Reino de Deus. Nesse sentido, os cristãos batizados, enquanto sujeitos da missão, levaram avante as atividades missionárias, organizados mediante os Organismos eclesiais de missão.

Por esse motivo, serão ressaltados os organismos eclesiais, enquanto cooperadores na *Missio Dei*, conforme versa o Vaticano II no capítulo VI do decreto *Ad gentes* onde descreve a consciência e a responsabilidade da missão em cooperação. Todos devem assumir essa missão, tarefa que é comum e compartilhada (AG 35). Para tanto, destacaremos que são relevantes a cooperação ecumênica e os meios de comunicação social, além da integração dos sujeitos missionários com as organizações a serviço da missão a partir das estruturas missionárias da Igreja do Brasil.

Nessa cooperação, a pesquisa apontará para os projetos das Igrejas Irmãs no contexto da Igreja da Amazônia, tendo em vista o clamor "*Amazoniza-te*": uma forma de cooperação na escuta, no respeito e na esperança com os povos da Amazônia. Assim sendo, a missão em diálogo na Amazônia, na convivência com seus diversos povos nativos, pluriétnica, pluricultural e plurirreligiosa será possível, priorizando – acima de tudo – seus principais interlocutores e protagonistas, especialmente, os povos Indígenas, Quilombolas e ribeirinhos.

Portanto, na perspectiva do Concílio Vaticano II, missão e diálogo não constituem um mero binômio inerente às relações estabelecidas entre diferenças, mas uma questão teológica fundamental que exige discernimento e diálogo permanente. Assim a presente pesquisa espera ser um conhecimento de transformação de uma Igreja hegemônica para uma Igreja dialogante, considerando acima de tudo o interlocutor na sua prática evangelizadora. E, a partir de então, superar as tradicionais práticas missionárias baseadas em experiências colonialistas. Assim buscaremos concluir, conforme afirma Wolff (2007, p. 75), essa tomada de consciência e renovação profética que exigirá da Igreja a superação de certezas dogmáticas a apelos de alteridade.

## 2 MISSÃO EM DIÁLOGO E OS IMPULSOS DO CONCÍLIO VATICANO II

### INTRODUÇÃO DO CAPÍTULO

No presente capítulo, em um primeiro momento, buscaremos resgatar a dinâmica histórica da prática missionária como atividades primordiais da Igreja. Esta prática que é buscada veementemente pelo Concílio Vaticano II como forma de concretização do tão sonhado “*aggiornamento*”, almejado pelo papa João XXIII. A saber, a transfiguração de uma prática missionária hegemônica para um desempenho missionário dialogante, inclusivista e pluralista. Além disso, a superação de práticas missionárias tradicionais baseadas no colonial para uma prática decolonial.

Por conseguinte, analisaremos a compreensão dos conceitos enquanto chamado, envio e profecia. Em base à sua natureza e objetivos, termos hoje evidentemente analisados pela missiologia como crucial e desafiante em cada contexto histórico. Indicaremos que o Concílio Vaticano II tentou expressar a necessidade de superar estes termos apontando uma concepção mais teológica, cujo conceito está na natureza trinitária de Deus. Todavia, o dia a dia da missão revela outra concepção.

Na sequência, apresentaremos os conceitos da tríade missão e diálogo, objetivando compreender as etimologias dos termos. Neste sentido, apontaremos os elementos que os caracterizam e como, epistemologicamente, incidem na complexidade vivencial do contexto na práxis. Assim, com a proposta do “método dialogal”, a perspectiva não é mais a luta contra o erro e o uso da severidade, mas o uso da medicina da misericórdia.

Entretanto, com as mais diversas indicativas da Missão da Igreja em diálogo, os documentos conciliares do Vaticano II, sustentados pela teologia da missão, deram um novo impulso às novas perspectivas de missão para a Igreja e para o mundo. Contudo, uns com mais diligência e outros que ainda necessitam de um maior aprofundamento buscam dar respostas de maneira precisa e indicam setas que sinalizam caminhos que norteiam a *Missio Dei*.

## 2.1 O QUE É MISSÃO?

A partir do Concílio Vaticano II, o conceito de missão no contexto religioso se tornou mais amplo e envolvente, firmando uma igreja que se considera por sua natureza missionária, cuja missão é de Deus. Neste sentido, o Vaticano II procurou articular três núcleos relevantes para a missão da Igreja: o trabalho missionário propriamente dito, o diálogo inter-religioso, a colaboração solidária nas grandes questões da humanidade e, graças à vontade salvífica universal de Deus, a salvação além da Igreja Católica (cf. RATZINGER, 1976, p. 46, apud, SUESS, 2017, p. 11).

Assim, a palavra missão, segundo descrevem os dicionários, vem do substantivo feminino, cuja etimologia de origem latim “*mission. onis-mittere*”, significa enviar com conotação de função ou encargo que se confere a alguém<sup>1</sup>. Nas Escrituras Sagradas, no Primeiro Testamento, o envio é uma escolha, uma eleição por parte de Deus. “O Deus de vossos pais, me enviou até vós. Eu sou, me enviou até vós” (Ex 3,13-14). Já no Novo Testamento, o conceito de missão se expressa no grego *apostello* (o enviado) e *pempo* (que envia). “Como o Pai me enviou (*apostello*), também eu vos envio” (*pempo*). Todavia, estes, por mais relevantes que sejam os termos, não exprimem o verdadeiro conteúdo da missão, que é a proclamação do Reino de Deus, (Lc 9,2), anúncio e a busca da conversão (Mc 3,1; Lc 3,3). (PANAZZOLO, 2006 p. 15-15).

No entanto, ao falar da missão enquanto envio, Amaladoss, (2000, p. 56) diz que se levarmos em conta a missão como um chamado e envio para um serviço, então ela deve começar como contemplação que se torna diálogo e continua profecia. Neste processo de um diálogo, o enviado descobre Deus presente na vida das pessoas não só olhando, mais ouvindo e respeitando suas experiências históricas, culminando assim em um diálogo de experiências espirituais que leva à comunhão com Deus fonte da missão.

Portanto, no sentido teológico, o termo missão possui dois sentidos que se complementam. Missão no singular e missão no plural. No singular se refere ao que envia, Deus. É a essência apresentada pelo Concílio Vaticano II no decreto *Ad gentes* (2) Deus é fonte da Missão, a *Missio Dei*. Missão esta que nasce do desígnio do Deus,

---

<sup>1</sup> Dicionário online em português <<https://www.dicio.com.br/missao/>> significado de missão acesso em 26.03.2020.

do seu amor fontal. Já missão, no plural, são todas as iniciativas de pregar o Evangelho tendo como fim as missões. O decreto ainda alerta para a necessidade da unidade dos cristãos quando se refere às missões, a divisão dos cristãos, nesta ação, prejudica a pregação do Evangelho à toda criatura (Mt 28,16-20). E neste sentido, se houver algum impedimento que os cristãos estejam unidos ao menos pela caridade (AG 2; KACHEL, 2005, p. 64).

Pertinente aos conceitos no âmbito religioso, o Dicionário de Teologia elabora este termo dizendo que missão é:

Em seu sentido mais amplo, a missão é uma característica fundamental da Igreja, chamada a ser sinal e instrumento de salvação de Deus no mundo, para toda a humanidade. Duas tarefas principais cabem, assim, à Igreja e a cada crente: dar testemunho do Evangelho (evangelização) e servir aos homens (diaconia). Num sentido mais restrito, entende-se por missão o trabalho de difusão da fé (LOGOSTE, 2004, p. 1151-1157).

Confirmando o que diferentes autores do século XX expressam, isto é, missão mais como presença, diálogo e diaconia, por outro lado, nem sempre este vocábulo foi uma realidade da realização da missão. Tendo em vista que foram séculos de debates teológicos sobre estes conceitos de missão como pregação e salvação dos não cristãos. Para Raschiatti (2011, p. 16. 43), o Vaticano II tentou expressar a necessidade de superar estes termos apontando uma concepção mais teológica, cujo conceito está na natureza trinitária de Deus.

Em sequência, o autor ainda diz que agora o verdadeiro sentido da missão não será mais implantação da Igreja, mas a própria Igreja é chamada a ser testemunha de Jesus Cristo. Especificamente, não a um determinado povo, mas a todos os povos. Por que Deus é amor (Jo 4,8), um amor que não se contenta, que se comunica, que sai de si para reintegrar a criatura. Missão, enquanto essência, é o próprio Deus que se auto envia pela Missão do Filho e do Espírito Santo.

Longe de ser uma prática de doutrinação, antidialogante e de exclusividade salvífica. O propósito original da tradição missionária da Igreja se entende, antes de tudo, como uma obra de Deus *Missio Dei*. Entendida como o sair de si para o outro, na perspectiva do Deus Criador e Salvador. Esta saída na direção do outro constitui o movimento missionário, também expresso como sair de uma cultura para outra, ou sair de um lugar para outro, estabelecendo assim um diálogo de salvação entre sujeitos que se encontram (ANDRADE, 2018, p. 479). E ainda afirma:

A missão está intimamente ligada a Deus; portanto falar de Deus, a princípio, é falar da missão em sua nascente, em seu desígnio gerador. Com efeito, a missão nasce da iniciativa do amor de Deus, Uno e Trino. O conceito *Missio*

Dei proclama o amor gratuito de Deus e sua generosa e não manipulável Presença no mundo: Deus é amor e, como tal, exerce sua soberania amorosamente. Tudo parte ou começa com a afirmação de São João, acima mencionada: “Deus é amor” (1Jo 4,8). (ANDRADE, p. 482).

Assim sendo, Deus é missão e a missão vem de Deus. No qual sua ação revela a essência de um Deus que dialoga e cria relação com a humanidade. Este amor é revelado através de Jesus Cristo, o missionário do Pai, é anunciado ao longo dos séculos pela Igreja a todos os povos. Que por sua encarnação, se uniu de algum modo a todo homem e mulher. Trabalhou com mãos humanas, pensou com inteligência humana e amou com um coração humano. Se tornou verdadeiramente um de nós, exceto no pecado (GS 2). Nota-se que não há mais dicotomia na ordem da realidade humana e divina, mas um fiel diálogo de salvação estabelecido pela Palavra e a humanidade.

Portanto, neste sentido, o Vaticano II descreve “a Igreja peregrina” como “[...] missionária por natureza” (AG 2). Com este adjetivo, “missionária”, ele quer afirmar que a Missão da Igreja é a sua vocação, sua identidade, sua razão de ser, sua essência estruturante e seu serviço à humanidade, isto é, católica. De fato, aqui se revela a constitutiva unidade da Igreja com o mistério de Deus Amor, testemunhada pela santidade de vida de uma comunidade cristã. Nesta lógica católica, quer dizer, universal, aberta e em diálogo com todos e, por ser essencialmente apostólica, “enviada” e “missionária”.

Neste contexto de envio, Maçaneiro (2006, p. 51) confirma o descrito pelo Vaticano II, que o mandato missionário é tão universal quanto à vontade salvífica de Deus. Que reconhece a presença da graça no coração dos crentes de qualquer religião, presente em seus elementos de bondade e verdade de seus ritos, mentalidades e costumes. No entanto, a profissão explícita da fé em Cristo é possibilitada pela pregação missionária, na qual Ele é o objeto deste anúncio como “mediador, mestre, salvador e libertador” de toda a humanidade.

### **2.1.2 Concílio Vaticano II: uma nova compreensão da missão**

Com veemência, o Concílio Vaticano II propôs resgatar uma nova compreensão do conceito Missão e missões nas atividades da Igreja. E a partir daí, a novidade foi

dar um novo impulso às questões missionárias, tendo como caminho promissor o vocábulo “diálogo”. Esta busca se dá no desejo de transformação de uma Igreja hegemônica para uma Igreja dialogante considerando, acima de tudo, o interlocutor na sua prática evangelizadora. E partir de então, superar as tradicionais práticas missionárias baseadas em experiências colonialistas, impostas por práticas missionárias sem nem uma consideração de diálogo e respeito frente ao missionado.

Pela díade missão em diálogo, este desejo de transformação almejado pelo Vaticano II, vai induzir novas práxis de missão. Conforme afirma Comblin (2005), práxis que até então a ideia central era salvar as almas reproduzindo assim em todos os territórios do mundo a estrutura do catolicismo europeu. Civilizar era a outra ideia principal da época, integrado ao colonialismo com intuito de civilizar os povos que não eram europeus (COMBLIN, 2005, p. 22).

Em sequência, Córdova (2014, p. 25) pergunta: “existem pessoas não-cristãs que são salvas?” E com isto recorda as tradicionais frases historicamente usadas nas realidades de missão, para atrair a todos para o cristianismo e para a Igreja. “Não existe Salvação fora de Cristo”. Os Pais da Igreja reivindicaram. “Fora da igreja não há salvação” - “*extra ecclesiam nulla salus*”. Para Córdova (2014, p. 25), estas expressões foram enunciadas de diferentes maneiras por vários escritores patrísticos<sup>2</sup>

Diante do exposto, não há sombra de dúvida que distante de uma prática dialógica e inclusivista, o objetivo da missão era uma Igreja autocentrada, desconsiderando todas as outras formas e meios que levem à salvação. Neste contexto, se faz pertinente o questionamento do autor. Por efeito, esta prática exclusivista confirma que no contexto católico, o exclusivismo, como paradigma de teologia das religiões, é equivalente ao eclesiocentrismo: onde a Igreja se converte em centro da ação missionária, tendo como mediação obrigatória a salvação (VIGIL, 2006, p. 75).

Este modelo de missão eclesiocêntrico, de exclusividade salvífica, produzido em um contexto de conquista e colonização, a ação missionária foi considerada como um ato, em si, de extrema violência de subalternidade, violação cultural e religiosa.

---

<sup>2</sup> Cipriano de Cartago afirma que [...] não há salvação fora da igreja” (Ep. 72 Ad Jub. Haer. Bapt. 21). Por sua parte, Irineu de Lyon fala da igreja como a única “[...] entrada para a vida [eterna]” (C. Haer. III.4.1). Enquanto Orígenes ressalta que “[...] fora da Igreja ninguém salvar” (In Iesu Nav. Hom. III.5.3). Ao mesmo tempo, Lactantius define que “[...] somente na Igreja Católica é que o verdadeiro adoração” (Div. Inst. IV.30.4). Agustín de Hipona afirma: “Nenhum ser humano pode encontrar salvação, exceto no Igreja Católica (Serm. Ad Caes. Ec. Pl. 6) (CÓRDOVA, 2014, p.25).

Sem embargo, para Bombonato (2008, p. 39), tal modelo de missão nunca foi coerente com o vocábulo teológico do diálogo, no qual o conceito é mais amplo, envolvente e de caráter relacional.

Contudo, há preocupação do Vaticano II para romper com esta realidade da exclusividade salvífica do cristianismo, conforme tão bem descrita na constituição dogmática *Lumen gentium* e no decreto *Ad gentes*. Ambos buscam corrigir tais práticas anteriores ao Vaticano II expressando: “Os que ainda não receberam o Evangelho se ordenam por diversos modos ao Povo de Deus” (LG 16; AG 7a).

Completando essas rupturas e para assegurar ainda mais a relevância de uma Igreja dialogante e inclusiva, Vigil (2006, p. 112) aponta quatro modos, como valorização positiva para uma ação missionária em diálogo e respeito.

*Uma nova imagem de Deus:* não é aceitável pensar que Deus tenha deixado imensa parte da humanidade sem atenção, abandonada a sua própria iniciativa simplesmente humana, sem sair ao seu encontro, à espera de que lhe chegasse a ação missionária da Igreja cristã. *Uma nova imagem da revelação:* esta não é uma ação positiva de Deus limitada a sua relação com um único povo; pelo contrário, é um processo ligado à existência de todo ser humano e de todos os povos, no qual toda a realidade histórica se converte em revelação. *Uma nova imagem do ser humano:* agora compreendemos muito melhor a natureza sociocultural do ser humano, e como por isso Deus tem que se relacionar com ele necessariamente por meio de uma forma de eclesialidade que, dentro de sua própria cultura, só pode ser veiculada por sua religião. Todo ser humano, todo povo, está em condições de receber a ação revelatória de Deus, porque “todo ser humano está elevado à ordem da salvação”. *Uma nova imagem do cristianismo:* que se vê, nesta nova época da história, confrontado como nunca antes com sua própria limitação perante sua pretensão de universalidade.

Como resultado desta nova valorização positiva, podemos pensar que a missão em diálogo nos leva a refletir na pesquisa sobre a origem e a importância destes conceitos. Levando em consideração a natureza e os objetivos da missão em diálogo na sua práxis e na sua complexidade. É visível que, para a missiologia, a questão em estudo se torna cada vez mais uma crucial.

## 2.2 CONCEITO DE DIÁLOGO

Segundo Resende (2014, p. 116), o vocábulo diálogo, substantivo masculino, sua etimologia vem do grego antigo *διάλογος* *diálogos* e latim como *dialōgus*, que se

entende, conversação, colóquio, fala entre duas ou mais pessoas. Também, assim descreve Teixeira:

Com base na etimologia grega do vocábulo diálogo, é importante ressaltar a presença de dois termos: "dia" e "logos". A expressão "logos" cobre uma vasta gama de significados, mas indica em particular o dinamismo racional do ser humano, a capacidade humana de pensamento e raciocínio. O termo "dia", por sua vez, expressa uma dupla ideia: alude ao que separa e divide, mas igualmente à ultrapassagem de um limite. Faz parte da natureza do diálogo a busca de uma unidade que preserve e salvide a diferença e a liberdade. O diálogo autêntico traduz um encontro de interlocutores pontuado pela dinâmica da alteridade, do intercâmbio e da reciprocidade. É no processo dialogal que os interlocutores vivem e celebram o reconhecimento de sua individualidade e liberdade, estando ao mesmo tempo disponibilizados pelo enriquecimento da alteridade (TEIXEIRA, 2008, p. 124).

No âmbito religioso, na busca da experiência da comunhão são inúmeros os avanços de testemunhos de pessoas que buscaram este diálogo, pela dinâmica da alteridade indo além de suas fronteiras religiosas, ultrapassando até suas tradições. Teixeira (2008, p. 155-157) vem complementar justificando que o diálogo experiencial, diferentemente do diálogo doutrinal, cria sintonia para a abertura e a compreensão recíprocas. Com todos os avanços do Concílio Vaticano II, no campo católico-romano, se encontram ainda muitas dificuldades de abertura nas diversas formas de diálogo com outras experiências religiosas. E para mostrar a relevância e a compreensão do diálogo nas relações, o Documento Diálogo e Anúncio (9) assim descreve:

O diálogo pode ser compreendido de diversos modos. Em primeiro lugar, em nível puramente humano, significa comunicação recíproca, para alcançar um fim comum ou, em um nível mais profundo, uma comunhão interpessoal. Em segundo lugar, o diálogo pode ser considerado como uma atitude de respeito e de amizade, que penetra, ou deveria penetrar, em todas as atividades que constituem a missão evangelizadora da Igreja. Isto pode ser chamado — com razão — "o espírito do diálogo" Em terceiro, num contexto de pluralismo religioso, o diálogo significa "o conjunto das relações inter-religiosas, positivas e construtivas, com pessoas e comunidades de outros credos para um conhecimento mútuo e um recíproco enriquecimento" (DA 9).

Neste sentido, Perrim (2005, p. 11) corrobora ao afirmar que na categoria do conceito missão e diálogo, embora não isentos de tensões, são conceitos que se complementam em uma relação recíproca de tensão e intercâmbio. Nesta mesma linha de pensamento, descrevendo sobre o espírito do diálogo, o Documento Diálogo e Anúncio (42) cita quatro modalidades de diálogo existentes nos diferentes diálogos entre as religiões. São eles:

- a) *O diálogo da vida*: este expressa a convivência humana, na capacidade de compartilhar as alegrias, as tristezas, as preocupações em um espírito de abertura e boa vizinhança.

- b) *O diálogo das obras*: em vista da libertação das pessoas, os cristãos desenvolvem colaboração mútua.
- a) *O diálogo dos intercâmbios teológicos*: são os peritos que tem em comum a capacidade de apreciar os valores espirituais nas diferentes religiões buscando aprofundar e compreender as heranças religiosas.
- b) *O diálogo da experiência religiosa*: aqui as pessoas compartilham suas riquezas espirituais a partir de suas próprias tradições religiosas, tais como: oração, contemplação, a fé e os caminhos na busca do Absoluto (DA 42).

Também o documento Diálogo e Missão considera o diálogo como elemento distintivo aplicado no contexto de pluralismo religioso inter-religioso, como "o conjunto das relações inter-religiosas, positivas e construtivas com pessoas e comunidades de outros credos para um conhecimento mútuo e um recíproco enriquecimento" (DM 3).

Portanto, Coelho (2013, p. 21) descreve que para esse diálogo se faz necessário o reconhecimento do dinamismo da comunhão, da gratuidade nas relações, disposição para o encontro, abertura à alteridade. Além disso, ainda, sustenta a importância da sensibilidade em relação à riqueza vinda do próximo e profunda compaixão com o sofrimento e a vida dos mais fragilizados. Importante também é a virtude da humildade que permite a hospitalidade mútua, fidelidade às próprias convicções sem torná-las absolutas. Também, a busca conjunta da verdade, da beleza, da bondade, da unidade, e da espiritualidade dialogal.

Concomitantemente, o autor lista alguns tópicos dos quais brota o clamor pela alteridade e pelo diálogo:

- a) O universo inteiro, do microcosmo ao macrocosmo, é feito de diálogo.
- b) O planeta Terra é uma complexa trama dialogal.
- c) A comunidade da vida é uma refinadíssima experiência de diálogo.
- d) A humanidade, feita da terra, é comunicação dialogal com toda a natureza.
- e) Mulheres e homens expressam-se em diálogo espiritual com o Mistério Divino.
- f) Em cada núcleo comunitário humano está presente o chamado à comunhão dialogal.
- g) Em cada fragilidade está um reclamo por encontro e diálogo solidário.
- h) Em cada criatura caída na estrada está um clamor para que alguém se torne próximo (COELHO, 2013, p. 38).

Levando em consideração a relevância do que diz o autor supramencionado, de fato entre missão em diálogo não há oposição na prática dos mesmos, considerando que missão é um processo de comunhão de atividades conjuntas e comunitárias e não de atividades individualistas e isoladas. Este aprendizado vem do próprio Jesus que, desde o princípio, não isentos de tensões, sua prática foi permeada

pela cooperação de muitas pessoas. Com Ele iam não só os discípulos mais próximos, mas também um grupo de mulheres (Lc 8,1-3).

Na sequência, Timóteo e Apolo se encontram em movimento permanente para apoiar o desenvolvimento da obra evangelizadora (1Cor 16,10-12); Tito é designado como cooperador de Paulo entre os Coríntios (2Cor 8,23). São exemplos claros de que através de rostos e de nomes, constatamos, mesmo em situações cambiantes e as vezes imprevisíveis, a importância da missão desenvolvida em comunhão e diálogo, no qual se fundem e se potenciam. Como versa o Vaticano II no capítulo VI do decreto *Ad gentes*, onde descreve sobre a consciência e a responsabilidade da missão em cooperação, todos devem assumir essa missão, tarefa que é comum e compartilhada. (AG 35).

### 2.3 MISSÃO EM DIÁLOGO COMO PROPOSTA DO CONCÍLIO VATICANO II

Tendo em vista a importância dos significados dos conceitos de missão e diálogo, dado a sua complementariedade, vários foram os documentos do Concilio Vaticano II que delinearão ainda que, de forma tímida, a ação missionária da Igreja, por ser esta uma tarefa única, se concretiza a partir dos diferentes condicionamentos da realidade da vida à qual a missão está direcionada. Nas variedades indicativas da missão da igreja, alguns documentos dão respostas de maneira precisa, outros ainda esperam um maior aprofundamento.

Neste sentido, Catão (2004, p. 55) vai dizer que depois de um longo período de divisões da Igreja, cujas sementes foram a infidelidade, desentendimentos, oposições doutrinárias, cisões com o Concilio Vaticano II, o impulso agora é quebrar o isolamento e primar o diálogo pela compreensão do outro.

Apesar da boa vontade de muitos missionários, a compreensão da missão em mão única, de forma revela mais um forte apelo clerical e institucional do que perspectiva de diálogo. Nos parece que os projetos missionários existentes mostram mais coesão para o assumir a fé cristã do que convencimento pela palavra, pelo testemunho do Evangelho. Uma prática missionária carregada do saber de tudo, no qual o outro é considerado como “tabula rasa”, alguém que não sabe, que não vive o evangelho e que precisa ser salvo. São atitudes de missões que não levam em

consideração os interlocutores e o contexto, e sem o mínimo de diálogo desconhecem que ali há uma tradição religiosa, uma cultura e outros valores, outras formas de vida com experiências diferentes (REIS, 2008, p. 28-29).

Nesta mesma linha de pensamento, pode-se dizer que o missionário nunca levará a salvação como se, sem sua presença, a salvação não pudesse chegar e já não estivesse ali presente. Assegura-se que o objetivo da missão não é levar a salvação a um lugar marcado pelo vazio soteriológico, privado de salvação, até porque este lugar não existe. O Deus Trindade sempre chega antes do missionário. Este Deus nunca fez, nem faz, acepção de pessoas ou de povos. Acolhe qualquer um que ama e pratica a justiça, seja de qual nação for. Além disso, em matéria de salvação, não há povos eleitos, estes para ser salvos de outros povos eleitos para viver em situações gravemente deficitárias de salvação (VIGIL, 2006, p. 383.410).

Por isso, o paradigma missionário centrado em um modelo de domínio, onde se acredita levar à salvação, vem sendo cada vez mais questionado em um mesmo tom e revisitado de maneira crítica pelos missiólogos(as) e pesquisadores(as). As mais relevantes pesquisas teológicas e missiológicas apontam como proposta que não é mais possível promover um projeto missionário marginalizando o outro. Se antes a relação missão e colonização foi preponderante, agora é possível falar em missão e descolonização.

Nascimento (2013, p. 50), ao falar em sua tese sobre descolonizar o paradigma missiológico, a autora comenta que este modelo reforça a ideologia colonial e leva o cristão a descuidar de sua tarefa principal que é: ser sal e luz (Mt 5, 13-14). No mais, este é um modelo que não responde à missão em diálogo como tarefa do Reino de Deus de uma igreja serva e samaritana. A proposta da missão em diálogo, conforme o Vaticano II, é um processo de aproximação que naturalmente implica abertura ao outro e disposição sincera para ouvi-lo.

O teólogo Brighenti diz é que as práxis de alteridade e respeito é se colocar acima de tudo no lugar do diferente e do alheio. E quando for questionado pelo dialogante, não busca se colocar em uma disposição para corrigir ou defender suas próprias opiniões. Por isso, ele propõe duas atitudes fundamentais para o diálogo: primeira, respeito e aceitação incondicional ao outro; segunda, autenticidade consigo mesmo (BRIGHENTI, 1998, p. 70).

Portanto, na relevância da missão dialógica, nota-se que logo na abertura do Concílio Vaticano II o discurso do Papa São João XXIII enfoca decisivamente essa

mudança. Maçaneiro (2006, p.11) descreve que são três as palavras-chave que marcaram desde o início do Concílio Vaticano II, que por sua vez foram citadas com grande esperança: 1º *aggiornamento*; 2º diálogo; 3º unidade. Primeiramente, o termo *aggiornamento* se tornou particularmente típico do vocabulário conciliar. Traduzido do italiano, significa ao mesmo tempo atualização, renovação ou “pôr-se em dia” em relação à fé e aos sinais dos tempos.

Por vez, o diálogo se firma como proposta prioritária do Vaticano II: diálogo entre os membros da própria catolicidade; diálogo com os demais cristãos não católicos; diálogo com outros crentes; diálogo com o mundo da cultura e das ideologias; diálogo enfim, com o mundo. Quanto à unidade, o concílio aponta como um desdobrar de esperança em todos os setores eclesiais. Sobretudo a unidade entre os cristãos, mas também unidade dos povos, todo gênero humano somando todos os esforços em vista da paz e a verdade.

Das três palavras, se considera o diálogo como uma proposta prioritária. Entretanto, dos vinte concílios realizados no decorrer da história, a construção do diálogo como processo conciliar ainda tem muito a florescer. Em tese, nem sempre o diálogo foi uma prática concreta nos concílios. Tendo em vista que, na maioria dos concílios, a aplicação do método teológico dedutivo se tinha como objetivo corrigir erros e condenar desvios doutrinários. Por isso, linguagem preponderante sempre foi a autoritativa, a exclusivista e a restrita, tendo a verdade ou funções dogmáticas maior relevância (PASSOS, 2015, p. 268).

Contraopondo essa realidade, o Vaticano II traz para a igreja uma nova proposta, um novo método dialogal. Uma inovada postura evangélica e eclesial. Isto é, não mais a luta contra o erro e o uso da severidade, mas uma igreja que prefere usar medicina da misericórdia (KLOPPENBURG, 1969, p. 8). Tal atitude não é um caminho opcional, mas sim exigência da sua fidelidade àquele que a iniciou. Um caminho irrenunciável e aberto à esperança, uma responsabilidade que é de todos.

Nesta fidelidade, o Vaticano II representou um marco para a história do cristianismo, no qual convoca a todos para o diálogo e abertura às novas tendências da vida do homem moderno. A partir de um olhar de fé e apreço, inaugurou uma nova era do Espírito no interior da vida da igreja e de toda a humanidade. Neste sentido, a igreja buscou uma nova compreensão sobre sua natureza missionária. Levando-a à revisão de um projeto histórico missionário que evangelizou colonizando e colonizou

violentando e não contemplava a complexidade dos povos nas mais diversas pluralidades. Por isso, a CNBB (2016, Doc 108, p. 17) confirma:

“As mudanças de época induziram a Igreja a uma profunda revisão de si mesma e de sua missão já com a realização do Concílio Ecumênico Vaticano II, através de um decidido retorno às fontes e de um diálogo ecumênico, inter-religioso e aberto a todos os setores da sociedade contemporânea. Nesse processo, a presença missionária da Igreja no meio dos povos foi fortemente questionada. De fato, qual seria o sentido de anunciar Jesus Cristo como “o mediador e a plenitude de toda revelação” (DV 2), diante da pluralidade das diferentes religiões e do direito à liberdade religiosa no mundo de hoje? Por que motivo precisaríamos afirmar a necessidade de pertencer à Igreja Católica se as pessoas podem conseguir a salvação do mesmo jeito fora dela, podendo ser “de várias maneiras ordenadas ao povo de Deus” (LG 16).

São questionamentos que desafiam e colocam a igreja em uma postura de mudança. Despertando-a para a sensibilidade de revisão e abertura, no qual foi essencial para a instauração de um clima de diálogo, não só com o mundo moderno, mas também de retomada das instâncias do diálogo ecumênico e inter-religioso. É notório que o Vaticano II sublinha a proposta de um diálogo apaziguador, que abre as portas para uma missão que vai ao encontro de todas as realidades do mundo e com outras tradições religiosas. Deste modo, sua proposta é que, pelo diálogo, os cristãos encontrem os que seguem outras tradições religiosas para caminhar em conjunto em direção à verdade, colaborando em ações de interesses comuns (DM 13).

Portanto, o ser missão da igreja a faz uma igreja em diálogo com toda a humanidade, como presença do Reino de Deus. Por isso, ela é chamada a estar “em saída”, como o seu Senhor que “[...] sabe ir à frente, sabe tomar iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos” (EG 24). Dizer igreja é dizer missão: “[...] “a igreja nasce da missão e existe para a missão: existe para os outros e precisa ir a todos” (CNBB, 2011, Doc 94, 76, p. 68).

A missão, assim constituída pela simples presença e pelo testemunho vivo da vida (EN 21), reconhece a sua valorização como um “tesouro que é levado em vasos de argila” (2Cor 4,7). Portanto, na abordagem deste tema, missão em diálogo no Vaticano II, basicamente se destaca a Constituição dogmática *Lumen Gentium*, a *Gaudium et Spes*. Tendo o decreto *Ad gentes* com maior ênfase e especificamente sobre as atividades missionárias da Igreja. O mesmo enfatiza uma missiologia revista a partir das fontes bíblicas, orientando para uma práxis missionária que contempla a função da Igreja, o anúncio e o pluralismo religioso.

Na linha do diálogo, a maior ênfase está nos decretos *Unitatis Redintegratio* e a Declaração *Nostra Aetate*. Com enfoques diferentes, ambos visam realçar, sobretudo, o que se refere ao âmbito religioso. Contudo, ao se referir à missão, sublinha que a mesma deve se dirigir sempre à toda a humanidade no respeito pleno da liberdade de cada interlocutor. No âmbito da missão, por fidelidade à pessoa humana, a Igreja deve sempre se abrir ao diálogo, pois “o homem é o primeiro caminho que a Igreja deve encontrar no cumprimento da sua missão” (RH 14).

Dado ao exposto dos documentos do Vaticano II com evidências, a missão em diálogo, com o Vaticano II, impulsiona intrinsecamente o ser e o modo da missão, relacionando-a com a contextualidade da humanidade. Deste modo, Suess (2015, p. 627), em seu artigo no dicionário do Vaticano II, afirma que o Concílio Vaticano II impulsionou caminhos para a missão em diálogo gestando um novo processo de descolonização na forma da transmissão da fé. Além disso, apresenta um novo deslocamento, uma nova compreensão do sujeito e dos objetivos da missão. Ainda afirma: foram caminhos, cuja proposta foi minimizar a batalha hermenêutica entre os diferentes nas mais diversas instancias eclesiais.

Dupuis (1999, p. 490) constata que neste caminho de batalha, anos anteriores do Vaticano II, a teologia da missão diante das realidades traumáticas, chegou até a tendências de permuta do termo “Missão por Evangelização”. Por conseguinte, Suess afirma que essa substituição do termo não vingou, tendo em vista, a origem, os fundamentos Bíblicos-teológicos, a mística como atividade de ser para o outro, e sobretudo, o seguimento de Jesus Cristo e o envio (SUESS, 2015, p. 627).

Confirma-se, portanto, que a motivação principal da missão está na mística fundamentada na vontade de Deus que deseja a salvação de todos. Essa missão, querida por Cristo, é uma Missão de amor, pois Ele, o enviado do Pai, é fonte e origem da missão, vivendo plenamente à vontade Pai, sua prática conteve todos os elementos da missão (AG 2-7a. 12; EN 26). Assim, o descreve o documento Anúncio e Missão apontado para a vivência do cristão:

Segundo os Evangelhos, ele manifesta-se com o silêncio, com a ação, com a oração, com o diálogo e com o anúncio. A sua mensagem é inseparável da ação; anuncia Deus e o seu Reino, não só com as palavras, mas também com os fatos, e com as ações que realiza. Aceita a contradição, o insucesso e a morte; a sua vitória passa pelo dom da vida. Tudo nele é meio e caminho de revelação e de salvação (cf. EN 6-12); tudo é expressão do seu amor (cf. Jo 3,16; 13,1; 1Jo 4,7-19). Assim devem fazer também os cristãos: "Por isto reconhecerão todos que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros" (Jo 13,35) (DM 15).

Contudo, para a vivência desta mística, se faz necessário “[...] repensar profundamente e relançar com fidelidade e audácia a missão da igreja nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais”. Tendo em vista que esta missão “[...] ainda está longe do seu pleno cumprimento, ou melhor, está ainda no começo” (Rmi 40). E sem perder seu fundamental dinamismo missionário e, principalmente, suas motivações essenciais, os tempos atuais mostram que a Igreja em seus diferentes desafios precisa repensar sua ação evangelizadora no mundo de forma dialógica e comprometida.

### **2.3.1 O “*aggiornamento*” e diálogo, novas possibilidades para a missão**

O relevante sentido da busca de um “*aggiornamento*”, seguido da pedagogia do diálogo, despertou a igreja a se abrir ao mundo, espaço onde o povo vive e se encontra. Este pensamento é corroborado por Passos (2015, p. 266-267), onde afirma que o Vaticano II, desde a sua convocação até a aprovação final, teve como foco o “*aggiornamento*”. Nos seus diversos documentos, a intencionalidade adotada como caminho foi o diálogo, um diálogo construtivo, que desencadeou outros ciclos dialogais em uma dinâmica que desobstruiu antigas polarizações.

Neste sentido, o diálogo da igreja com as sociedades, religiões e culturas é um convite insistente do Vaticano II, assumido de forma fundamental na evangelização. E acima de tudo, convocando a construção da dinâmica de relação da igreja com outras religiões. Salienta-se assim, uma ação missionária com amplo sentido de evangelização: anúncio de Cristo aos outros, como também o diálogo entre cristãos e não-cristãos (MAÇANEIRO, 2006, p. 73).

Diante deste corpo uno e diverso, a proposta agora é uma Igreja que ensina e aprende, clero que ensina-aprende e leigo que ensina-aprende. Assim, se pode dizer que na verdade o Concílio Vaticano II foi uma escola que adotou o diálogo e aprendeu a dialogar. Não obstante, a cultura católica tão consolidada da Igreja mãe e mestra, distante e acima da história, determinou por ensinar o diálogo como regra de vida para todos os cristãos (PASSOS, 2015, p. 267).

Esta sensibilidade de aprendizagem favoreceu a abertura tão essencial para a instauração de um clima de diálogo não só com o mundo moderno, mas também de

retomada das instâncias do diálogo ecumênico e inter-religioso. Como uma virada de paradigma teológico de novas possibilidades que levou à modernização a apologia e missiologia, em um sincero engajamento frente as diferentes comunidades religiosas (USARSKI, 2018, p. 22-23).

Essa virada de paradigma teológico evidência que Vaticano II quis ser um Concílio ecumênico e de diálogo. Concluindo este pensamento, já quase nas conclusões das sessões do Concílio, em uma celebração ecumênica celebrada na Basílica de São Paulo, Kloppenburg (1969, p. 15) relata que o Papa Paulo VI afirmava com satisfação a importância da unidade e do diálogo entre os cristãos. E ainda ressalta, o desejo de restabelecer a perfeita comunhão entre os cristãos querida por Cristo. Assim dizia o Papa Paulo VI: “queremos reatar relações humanas, serenas, benévolas e confiantes”. Tal pensamento mais tarde foi muito bem consolidado no Documento Diálogo e Missão, ao dizer que o diálogo pressupõe atitudes equilibradas de ambas as partes de seus interlocutores, isto é, nem ingênuos e nem hiper-críticos, mas abertos e acolhedores (DM 47, p. 39). Ainda diz o Concílio:

“Não podemos, porém, invocar Deus como Pai comum de todos, se nos recusamos a tratar como irmãos alguns homens, criados à Sua imagem. De tal maneira estão ligadas a relação do homem a Deus Pai e a sua relação aos outros homens seus irmãos, que a Escritura afirma: “quem não ama, não conhece a Deus” (1 Jo. 4,8). A Igreja reprovava, por isso, como contrária ao espírito de Cristo, toda e qualquer discriminação ou violência praticada por motivos de raça ou cor, condição ou religião. Conseqüentemente, o sagrado Concílio, seguindo os exemplos dos santos Apóstolos Pedro e Paulo, pede ardentemente aos cristãos que, “observando uma boa conduta no meio dos homens. (1 Ped. 2,12), se, possível, tenham paz com todos os homens” (NA n. 5 p. 624).

Assim, reprovando toda e qualquer atitude de discriminação, se coloca como Igreja envolvida por uma nova solicitação, marcada pela tônica imperativa de uma Igreja povo de Deus, na busca do diálogo e da comunhão. De acordo com Wolff (2007, p. 75), o diálogo faz parte da constituição da Igreja. Portanto, não é algo optativo, mas constitutivo, na qual faz que a Igreja perceba que não pode se fechar a si mesma. Essa tomada de consciência e renovação profética exigia da Igreja a superação de certezas dogmáticas, a apelos, à alteridade. Neste contexto, se almeja uma eclesiologia dialogal que seja capaz de superar uma prática eclesial eclesiocêntrica, para uma igreja povo de Deus, chamada a viver na corresponsabilidade através dos diversos ministérios revelados. Por isso, a busca da unidade através da promoção e da reintegração de todos os cristãos foi um dos objetivos do Vaticano II.

E como indica o próprio concílio, é o diálogo que irá permitir melhor conhecimento e formar uma opinião mais correta sobre os vários aspectos da missão no contexto de vida das diversas denominações (UR 1-4). Considerando, todavia, o mandato missionário de Jesus aos seus discípulos, “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei” (cf. Mt 28,19-20a). “Vós sereis testemunhas de tudo isso” (Lc 24,48).

Portanto, nos tempos atuais, a missão em diálogo, na unidade, impulsiona o discípulo Missionário à necessidade de compreender e crescer na interpretação da Palavra e na compreensão da verdade revelada, nas diversidades dos credos. Passando sua missão aos discípulos e discípulas as palavras do Ressuscitado, ainda hoje, se dirigem a todos aqueles e aquelas que o segue, visibilizando ao mundo a *Missio Dei*. Tal missão a ser realizada não apenas como uma tarefa, mas sim como uma identidade (LG 9b) que impulsiona o discípulo a ir além de si, no anúncio, no serviço e no testemunho do Reino de Deus às diversas culturas da humanidade. Não obstante, o Vaticano II afirma:

Que em primeiro lugar, devemos acreditar que a única religião verdadeira se encontra na Igreja católica e apostólica, à qual o Senhor Jesus confiou o encargo de a levar a todos os homens, dizendo aos Apóstolos: «Ide, pois, fazer discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos prescrevi» (Mt. 28, 19-20). Por sua parte, todos os homens têm o dever de buscar a verdade, sobretudo no que diz respeito a Deus e à sua Igreja e, uma vez conhecida, de a abraçar e guardar (DH n 1b).

Em contraposição, Mosconi (2015, p. 250) vai dizer que Jesus nunca pensou em fundar um novo grupo religioso, sem embargo, a missão do discípulo missionário é levar adiante o seu sonho de Jesus de Nazaré: fazer crescer o Reino de Deus na história com gratuidade e na eficácia.

Por conseguinte, ser testemunha de tudo isso é abrir os olhos e os ouvidos para que com inteligência possamos entender as Escrituras (Lc 24,45) e, urgentemente como cooperadores deste sonho, sermos presença deste projeto de amor à toda criatura (cf. 1 Cor 3,9). Contudo, na compreensão de que missão em diálogo não é ficar somente na ordem do ressuscitado, mas encarar o seu projeto como dom, gratuidade e amor por toda a humanidade de forma dialógica na comunhão com todas as tradicionais religiões, denominações cristãs e diferentes culturas.

Por isso, o Vaticano II pretendeu ampliar o conceito de missão incluindo-a em toda a História da Salvação, destacando o envio de Jesus Cristo e do Espírito para

realizar o Plano de salvação de Deus para o mundo. Assim, o processo de enviar indica um movimento global. Amaladoss (2000, p. 6) diz que os Bispos asiáticos entenderam este novo conceito e processo com diálogo constante entre a Igreja, as culturas, as religiões e os pobres da Ásia. A partir deste ponto, inculturação, libertação e diálogo inter-religioso passam a ser aspectos integrantes da Missão. Isto ele o faz ao afirmar a missão como envio de Cristo e do Espírito para realizar o plano de Deus para o mundo, levando a boa Notícia de Jesus de maneira dialógica. Portanto, assim ele se expressa:

Missão é olhar, contemplar, discernir, escutar, aprender, responder, colaborar. Assim ele completa que o caminho fundamental de tal missão é o diálogo com Deus e com as pessoas. Através de um diálogo respeitoso. Não impaciente, agressivo (AMALADOSS, 2000, p. 65).

Entretanto, nesta linha de pensamento, ele ainda insiste que o respeito exige que aceitemos a identidade diferente do outro como valiosa em si, e isto só acontece em um contexto de diálogo, permitindo aos outros a possibilidade de mudar e crescer a partir de dentro. Amaladoss (2006, p. 195), portanto, a Igreja, comunidades dos discípulos de Jesus, sua missão é olhar para fora de si mesma se despertando para o diálogo com o mundo. Dialogando estará pronta não só para oferecer, mas também para receber do mundo. Como descreve a declaração *Dignitatis Humanae*, a Igreja dialoga com as estruturas políticas, pedindo liberdade não só para si mesma, mas para todas as religiões. Assim, indiretamente, ela se comunica com as outras comunidades religiosas reconhecendo-as como legítimas detentoras de direitos humanos e políticos (DH 2-3).

Assim, caminhos e novas possibilidades de diálogo se explicitam na declaração *Nostra Aetate*, ao partilhar o diálogo com o Islã e o judaísmo. Como também o decreto *Unitatis Redintegratio* à outras comunidades cristãs não católicas. Outros documentos conciliares, em uma percepção dogmática, *Lumen Gentium*, *Dei Verbum* fornecem as bases teológicas para a missão em diálogo. Assim, o Vaticano II nos revela que não dialogando, a igreja está perdendo a oportunidade de ser um instrumento de paz e de harmonia em um mundo dividido por tantos conflitos, cujas diferenças e limitações humanas precisam ser ultrapassadas através do diálogo. Para tanto, missão na forma dialogal não é mais um fim em si mesmo, mas um elemento integral na promoção do Reino de Deus (AMALADOSS, 2013, n. 171).

## 2.4. A TEOLOGIA DO DIÁLOGO, O CAMINHO PARA A MISSÃO DA IGREJA

O diálogo não é uma estratégia sofisticada da missão, mas é uma teologia que emana do diálogo de Deus com a humanidade. Nesta teologia, a alteridade não é apenas tolerada, mas reconhecida como elemento constitutivo da liberdade do outro e da própria identidade (SUESS, 2017, p. 88-89). Partindo do horizonte de que um verdadeiro diálogo é o reconhecimento da alteridade do outro. Isto implicará a superação do colonialismo e da colonialidade, que buscam reduzir o outro a uma pessoa inferior. Por isso, o Vaticano II desenvolveu passos significativos, na busca da construção do diálogo com as diferentes culturas.

Desta forma, no processo de evangelização, teologicamente as religiões já são uma resposta coletiva ao Deus que dialoga. Por isso, Deus visita o seu povo através das religiões. Urge, portanto, ao missionário, em uma atitude humilde, reconhecer que Deus se revela em todas as culturas (BOFF, 1992, p. 358).

Nesse sentido, os documentos do Vaticano II permitem novas perspectivas na teologia da Missão reafirmando que a forma dialogal reorientará novos rumos para a missão da Igreja. Neste sentido, favorecendo assim o reconhecimento de novas posturas teológicas. Por isso, Suess (2015, p. 632) aponta algumas premissas citadas pelo Concílio Vaticano II.

1º O Salvador quer que todas as pessoas se salvem (cf. 1Tm 2,4). Aqueles que sem culpa ignoram o Evangelho de Cristo, mas buscam a Deus de coração sincero e tentam cumprir com boas obras a Sua vontade podem conseguir a salvação. (LG.16) 2º Os que ainda não receberam o Evangelho se ordenam por diversos modos ao Povo de Deus. 3º O plano de Salvação também abrange aqueles que reconhecem o Criador. Deus não está longe de ninguém que o procura (LG 16) 4º A esperança da ressurreição vale não somente para os cristãos, mas também para todas as pessoas de boa vontade em cujos corações a graça opera de modo invisível. Devemos admitir que o Espírito Santo oferece a todos a possibilidade de se associarem ao mistério de Deus. (GS 22e) 5º A liberdade Religiosa é um direito da pessoa Humana e um pressuposto da missão. Em assuntos religiosos ninguém seja obrigada a agir contra a própria consciência, nem se impeça de agir de acordo com ela (DH 2a).

Nota-se que são prepositivos os esforços do Vaticano II com bases no diálogo, propor e posicionar a igreja para o contexto plural. Para tanto, sabe-se que não foi uma tarefa fácil. Foram inúmeros encontros e orações comuns que contribuíram para justificar a relevância da missão em diálogo na pluralidade. Observadores de várias

igrejas e comunidades eclesiais, a participação dos representantes das outras igrejas e Comunidades cristãs, experimentaram a disponibilidade para o diálogo por parte do episcopado católico de todo o mundo e, em particular, da Sé Apostólica.

Desta forma, o intuito do Vaticano II é colocar a igreja, não mais no sentido de confronto e polêmica, mas na perspectiva do encontro, do diálogo, da cooperação e da comunhão. Ainda ressalta que o Vaticano II deseja a ajuda da Igreja de assumir uma postura de humildade. Sem desprezar suas convicções de fé, ela também pode, através do diálogo, aprender com seu interlocutor (WOLFF, 2012, p. 7).

Neste contexto, Wolff (2007, p. 75), ao falar da unidade da igreja, aponta especificamente a questão dialógica, ressaltando que a igreja é constituída no diálogo: diálogo este entre Deus, entre as pessoas. Sobretudo nas questões doutrinárias entre as diferentes comunidades. Por isso, afirma que o diálogo não é algo optativo na igreja, mas constitutivo, fazendo a Igreja perceber a importância de não se fechar em si mesma, tendo em vista que a sua identidade é a abertura ao outro.

Este novo modo de missão favorecerá a igreja à superação da missão enquanto sacramentalizar para o sentido maior de evangelizar. Assim, o Vaticano II propõe que a Igreja, enquanto servidora do Reino, deve se colocar em uma atitude de diálogo, principalmente com as demais religiões. Levando em consideração que o objetivo da Evangelização não é incorporar os povos na igreja, mas a Igreja se encarnar nos povos, revelando uma missão dialogal, pluriétnica e pluricultural (BRIGHENTI, 1998, p. 16-17).

Nesse sentido, urgentemente se faz necessário transcender as práticas missionárias sacramentalistas e aprofundar o diálogo na igreja com as religiões cristãs e não cristãs. Entre tantas, destacamos as religiões dos povos indígenas e afro descendentes, hoje muitas vezes ignoradas e marginalizadas. É a missão em forma dialogal que colocará a igreja em discernimento. Construirá um aprendizado na consciência de que cristianismo não é propriedade exclusiva de salvação e revelação, mas lugar de plena manifestação de Deus em Jesus Cristo (BRIGHENTI, 1998, p. 23).

Para esta eclesiologia, Wolff (2007) destaca alguns elementos fundamentais: os desafios e possibilidades para a compreensão e vivência do *kerigma* cristão; compreensão dos limites, porque quem tem pretensões não dialoga; o diálogo exige de cada tradição eclesial atitude de humildade para perceber seus limites; na questão da doutrina e estrutura, urge a consciência do diálogo como de suma importância no testemunho e na vivência da fé. Além disso, a importância de não impor a própria

verdade, mas descobrir a melhor forma de que juntas, as diferentes tradições, possam expressar a verdade da única Igreja de Cristo (WOLFF, 2007, p. 75-76).

A respeito, Bevans (2016, p. 39), no livro diálogo profético: Reflexões sobre a missão cristã hoje, dedica todo um capítulo de sua obra sobre a missão cristã como diálogo. Transcorre, acentuando que a missão, nos dias de hoje, precisa ser pensada e realizada no espírito e na prática do diálogo, reconhecendo que Deus já está ali antes da chegada do missionário. Missão não é fazer coisas para pessoas, em primeiro lugar é ser com as pessoas. E ainda acrescenta, que o método do diálogo deve ser manifestado na totalidade em todas as atividades missionárias e pastorais da igreja. Contudo, diante do exposto, não basta ser somente um diálogo, mas sim um diálogo profético.

Tudo isso se torna mais esclarecido quando uma teologia da missão, pensada de modo dialogal, posiciona a igreja não como detentora da verdade a ser levada aos povos, mas uma igreja povo de Deus, hospitaleira, missionária que se encarna nas culturas. Uma igreja que encontra e se expressa na pluralidade de seus povos, culturas e ecossistemas. Neste sentido, a proposta do agir missionário se fundamenta em uma teologia na qual a hermenêutica proposta é que a Missão deve ser realizada em Diálogo, por ser esta uma atitude integrante da missão evangelizadora da Igreja (RMI 55).

A prática de tal teologia é expressão de uma missão inculturada que busca dar atenção aos povos afro-ameríndios e suas respectivas tradições religiosas, se aproxima das religiões indígenas e comunidades eclesiais de base, tem um novo olhar sobre os cultos de origem africana na valorização de uma liturgia mais inculturada. Se revela neste sentido, uma reflexão missiológica que acena para uma missão em diálogo, onde na missão os missionários descobrem, no diálogo, os valores já presentes nas religiões e por isso respeita e valoriza o que há de diferente no outro (MAÇANEIRO, 2006, p. 16-17).

#### **2.4.1 A teologia, prática da missão em diálogo à luz do Concílio Vaticano II**

A visão histórica do Vaticano II sobre missão em diálogo, contemplada a partir do mistério da ação de Deus no mundo, cuja origem está na missão de Deus, revela

que, no decorrer do tempo, essa missão passou por múltiplos caminhos simbólicos, sociais, históricos com a humanidade (Hb 1, 1). Esses contextos históricos, o próprio Vaticano II assegura que a Igreja, enquanto peregrina e missionária por sua natureza, se confrontou com várias contingências para manter a fidelidade à missão de Deus no mundo. Por isso afirma que:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração (GS 1,1)

Todavia, o mesmo Vaticano II, ao se referir sobre a atividade missionária da Igreja, diz que os diferentes modos como esta tarefa se desenvolve se faz necessário atenção as diversas circunstâncias na qual a Igreja deve corresponder de maneira apropriada no respeito e no diálogo mútuo (AG 6). Com tal atitude, dizendo que esta atenção, tão necessária, favorece a Igreja a não correr o risco de continuar a desenvolver sua missão ligada a um passado colonial que continua presente no sofrimento histórico de muitos sujeitos emergentes, tais como: indígenas, afrodescendentes, mulheres, minorias e tantos em situação de vulnerabilidade. Estes esperam da Igreja em Missão uma prática dialogal, pluricultural e universal, afirma (SUESS, 2015, p. 188).

Neste modo, Jesus Cristo, o missionário do Pai, é o modelo apresentado pelo Vaticano II. Ele que veio para que todos tenham vida (João 10,10), percorria todas as cidades e aldeias curando todas as enfermidades e proclamando o Reino de Deus (cf Mt 9,35ss; At 10,38). Esta mesma missão deve seguir a Igreja, enquanto servidora e samaritana. E ainda reafirma, o Vaticano II, que a Igreja deve estabelecer relações de diálogo com toda a humanidade, independentemente de sua condição. Considerando acima de tudo os mais pobres e aflitos (cf 2Cor 12,13). Este modelo de missão é aquele que participa das dores e alegrias da humanidade, buscando na compaixão e no cuidado conhecer os sofrimentos que assolam suas vidas (AG 12). Conforme assegura o documento Diálogo e Missão:

A Igreja deve ser o sinal vivo deste amor de modo a torná-lo norma de vida para todos. Querida por Cristo, a missão da Igreja é uma missão de amor, pois que é nele que encontra a origem, o fim e a modalidade de exercício (cf. AG 2-5, 12; EN 26). Cada aspecto e cada atividade da Igreja devem, portanto, estar impregnados de caridade, exatamente por fidelidade a Cristo, que ordenou a missão e que continua a animá-la e a torná-la possível na história. (DM 9).

Desta maneira, por fidelidade à pessoa, a Igreja deve cada vez mais se abrir à missão em diálogo. Considerando, sobretudo, que em cada pessoa e em cada grupo humano se encontra a aspiração e a exigência de ser considerado e de poder agir como sujeito responsável. Vemos aí que a razão da atividade missionária da Igreja não pode ser simplesmente compreendida como salvação individual. Mas deve ser um processo conjunto de encarnação do Evangelho de maneira dialogante, em que os discípulos, através de um diálogo sincero e paciente e profundamente imbuídos do Espírito de Cristo, tomem conhecimento da realidade da humanidade, no meio nos quais vivem (AG 11).

Neste sentido, o Concílio Vaticano II afirma que esta missão, iniciada pelo próprio Cristo, o enviado do Pai, que veio para evangelizar os pobres (Lc 4,16-21), a igreja movida pelo Espírito Santo, deve continuar o mesmo caminho do seu Mestre. Assim, também foi a missão dos apóstolos e os discípulos missionários que, relativizando qualquer condicionalismo de seu contexto histórico, caminharam na mesma esperança no anúncio do Reino de Deus pregado por Cristo, no qual, muitas vezes, a semente foi sangue dos cristãos (AG 5).

Uma missão marcada não de conquista, mas de experiências evangélicas. Que não pretende converter o que é obra do Espírito, mas visibilizar o testemunho de servir e anunciar o Reino com muito respeito às diversidades. Por isso, o autor inda discursa que os missionários(as) não devem se preocupar mais em um “levar algo”, mas em “dar e receber”, isto é, dar da pobreza e acolher a riqueza da cultura do outro (COPPI, 2006, p. 97).

Este pensamento vem corroborar o que diz o Vaticano II, que tudo o que é de verdade e graça já se encontra entre os gentios (AG 9). Por isso, o documento Diálogo e Anúncio (38) reafirma esta concepção ao dizer que missão em diálogo é intrinsecamente teológica e não meramente antropológica. Porque Missão é reconhecer a presença encarnada de um Deus libertador, presente em um contínuo diálogo que dura ao longo dos tempos, oferecendo continuamente a salvação e a libertação à humanidade. Este também deverá ser o caminho da Igreja missionária em diálogo (DA 38).

Nesse contexto, Bombonato (2008, p. 46-47) descreve que diálogo e missão estão em íntima relação. E que somente, em um clima de diálogo respeitoso, se pode constituir um ambiente favorável para o anúncio explícito de Jesus Cristo Filho de Deus encarnado, cuja salvação é oferecida como dom à toda criatura. E citando

Aparecida (DAp 233) conclui: na missão, através do diálogo se estabelece, cresce o conhecimento, respeito e se abrem novas possibilidades de testemunho comum. Com essas atitudes, a teologia como prática da missão, a partir das esteiras do Concílio Vaticano II, poderá de forma radical substituir a prática da missão compreendida como expansão, pela missão que se realiza a partir do profundo encontro.

Bevans (2016, p. 42) sublinha que para esta expansão na linguagem, em conformidade com o Vaticano II, não há dúvidas de que a Igreja precisa superar suas técnicas de evangelização. O modo precisa cada vez mais ser repensado e realizado no espírito do diálogo. De forma convicta, conforme diz o apóstolo São Paulo, “Ai de mim se não proclamar o Evangelho” (1Cor 9,16), um anúncio de boa nova, mas também de denúncia da injustiça e do mal. Missão esta realizada com ousadia é executada muitas vezes com vulnerabilidade e fraqueza, como afirma São Paulo: “escravo por todos” (1Cor 9,19-22). Que chega não com palavras lisonjeiras, pretexto de ganancias ou pretensão. Antes diz: “Nós fomos gentis com vocês”. Estamos determinados a compartilhar com vocês não apenas o Evangelho de Deus, mas também nos mesmos, por que vocês se tornaram muito estimados (1Ts 2,5-8). Neste sentido, o método do diálogo favorecerá tais atitudes evangelicamente missionárias.

Com este diálogo, todos adquirem um conhecimento mais verdadeiro e um apreço mais justo da doutrina e da vida de cada Comunhão. Então estas Comunhões conseguem também uma mais ampla colaboração em certas obrigações que a consciência cristã exige em vista do bem comum. E onde for possível, reúnem-se em oração unânime (UR n.4).

Nesta altura de reflexão, Wolff (2012, p. 12-14) questiona: qual é a convicção do diálogo na Igreja hoje? Tendo em vista que ainda hoje em nossas igrejas a dimensão do diálogo se torna cada vez mais frágil. Wolff ainda questiona: o diálogo de maneira relacional tem hoje expressão em nossas igrejas? Por isso, cada vez mais a igreja se torna temerosa diante das perdas dos fiéis. As lacunas de referências a leva muitas vezes a assumir posições doutrinárias e espirituais que nem sempre estão relacionadas às questões do mundo, no qual implica uma missão em diálogo. Assim, percebe-se o distanciamento das convicções do Vaticano II.

Ainda descreve, o Vaticano II, como ponto de partida para muitos cristãos, ainda falta o aprendizado com as outras tradições eclesiais. O medo da perda de identidade dos fiéis, ainda leva a compreender o diálogo como riscos para a vivência da fé. Falta a compreensão de que a verdade sobre Deus, o sentido da vida e a salvação, não se esgota na doutrina da eclesiástica. Esquecem que a veracidade, a

autenticidade pode comportar diferentes formas de manifestação, como a multiforme graça de Deus (1Pd 4,10). Vale também recordar que as diferentes expressões da verdade podem se complementar e mutuamente se enriquecer. E esse enriquecimento será somente através do diálogo que se pode experimentar.

Outrossim, quando uma religião descobre uma verdade não a descobre para si mesma e nem é sua exclusividade. Esta verdade pertence igualmente aos outros. E cita Santo Agostinho, que dizia: “tua verdade não é a minha, nem deste ou daqueles, é de todos nós”. Neste sentido, o referido autor ainda descreve que: o diálogo não constitui capricho, condição intrínseca da verdade. Não é possível aproximar sozinhos, fechados no egoísmo dos próprios limites. Somente todos juntos, dando e recebendo, em um contínuo intercâmbio de descobertas e experiências, de crítica e enriquecimento mútuos, vai se construindo na história a resposta à revelação salvífica (QUEIRUGA, 2007, p. 149).

Em relação ao temor da perda de identidade, como mencionado acima, André Queiruga ainda esclarece que a missão em diálogo não obriga ninguém a renunciar ao verdadeiramente experimentado. Não se pode ignorar a luz revelada em Cristo. Portanto, não é questão de se apoderar da experiência que cada religião já descobriu, mas de forma dialogal permitir que a mesma se expanda. Isso significa que a doutrina, a verdade da minha experiência cristã, não é propriedade, mas um dom comum que foi emergindo. E completa: “que nunca a missão sai para o deserto da pura ausência, mas para o encontro com os outros rostos do Senhor” (QUEIRUGA, 2007, p. 151).

Por isso, o Vaticano II, na Constituição *Gaudium et spes*, ressalta com insistência a relevante importância da missão da Igreja realizada em diálogo<sup>3</sup>. Neste sentido, evidencia:

Em virtude da sua missão a Igreja constitui um sinal daquela fraternidade que torna possível e fortalece o diálogo sincero. Isto exige, em primeiro lugar, que, reconhecendo toda a legítima diversidade, promovamos na própria Igreja a mútua estima, respeito e concórdia, em ordem a estabelecer entre todos os que formam o Povo de Deus, pastores ou fiéis, um diálogo cada vez mais fecundo. Porque o que une entre si os fiéis é bem mais forte do que o que os divide: Voltamos também o nosso pensamento para todos os que reconhecem Deus e guardam nas suas tradições preciosos elementos religiosos e humanos, desejando que um diálogo franco nos leve a todos a receber com fidelidade os impulsos do Espírito e a segui-los com entusiasmo. (GS 92 a).

---

<sup>3</sup> Missão citada 35 vezes e diálogo 17 vezes.

Portanto, é surpreendente perceber os diversos documentos conciliares do Vaticano II, relacionados à Igreja, enquanto instituição, tais como: *Lumen Gentium*, *Gaudium et spes*, *Sacrosanctum Concilium*, *Decreto Ad Gentes*, sobressaem a missão em detrimento ao diálogo. Esta constatação nos leva à compreensão das lacunas dos próprios objetivos do Concílio Vaticano II, cujo fim pastoral foi a renovação interna da Igreja, a difusão do evangelho a todo mundo em diálogo com a humanidade (PO12).

Por vias de dúvidas, esta constatação confirma o que o próprio Vaticano II afirma ao declarar, que esta missão confiada por Cristo à sua Igreja não é de ordem política, econômica ou social, mas ordem religiosa [...]. E quando necessário, tendo levado em conta as circunstâncias de tempos e lugares, pode ela própria, e até deve, suscitar obras destinadas ao serviço de todos, sobretudo aos pobres, tais como obras caritativas e outras semelhantes (GS 42).

Diante de tais pressupostos, continuamos a perguntar: como realizar uma missão em diálogo em um contexto eclesial assimétrico, cuja relações são de desigualdade? Tendo em vista que a realização da missão deve cada vez mais estar alicerçada no diálogo permeado pela busca comum da construção do Reino de Deus, no já da História, assegurado pela fidelidade ao Espírito, protagonista da missão. Fidelidade essa que passa pela aproximação, pela escuta, compaixão, reconhecimento da vida como compromisso e dom presente no rosto de Cristo, nos diversos rostos sofredores da humanidade.

Todavia, o documento Diálogo e Anúncio reafirma que a Evangelização envolve toda pessoa em ações, palavras e testemunho de vida. Evangelização essa, cuja consciência é que o sagrado dever da Igreja não é se furtar, mas proclamar o nome de Jesus e convidar as pessoas a serem seus discípulos missionários. Sendo, portanto, o nome Jesus o elemento central na missão na qual sem o mesmo a Evangelização se tornaria incompleta. E por outras razões, que ela já cumpre sua missão por sua presença, testemunho, diálogo e colaboração no desenvolvimento humano (DA75-76). Neste sentido, como então realizar a missão em diálogo de maneira plural e inclusiva?

## 2.5 O REINO DE DEUS: A CHAVE HERMENÊUTICA DA MISSÃO EM DIÁLOGO

O principal “fim da igreja é o advento do Reino de Deus e o estabelecimento da salvação de todo o gênero humano” (GS 45). Assim, o Reino de Deus é a chave hermenêutica da missão em diálogo, meta da missão e do povo de Deus. Iniciativa de Salvação, libertação querida pelo próprio Deus na terra” (GS n 49). Reino de Deus, como anúncio e como proximidade é palavra-chave para configurar a teologia e as atividades missionárias preconizadas pelo Concílio Vaticano II. Inspirando-se nos documentos conciliares, o teólogo(a) reconhece que essa é a primeira tarefa da igreja que se desdobra na conversão e na prática da caridade. Prática esta que está na missão do Filho e do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai no seu amor fontal. Neste ponto está a passagem de uma Igreja eclesiocêntrica para uma igreja cuja centralidade é o Reino de Deus (AG 2ab; SUESS 2015, p. 627.632).

O Reino de Deus pedido por Jesus é o centro da sua mensagem. Por isso, essa chave de interpretação do Reino de Deus se encontra nos diversos escritos do Vaticano II. Neste sentido, 162 vezes o termo aparece no Novo Testamento, sendo 121 vezes nos sinóticos. Este pedido de intervenção de Deus encontra respaldo no Vaticano II que justifica este pedido da chegada do Reino de Deus na provocação das mudanças de mentalidade reinante dos tempos. Completou, o tempo e o Reino de Deus está próximo (Mc 1,15). Nessa completude, a igreja missionária na missão em diálogo, como seguidora do Reino anunciado por Jesus de Nazaré, deve anunciar este mesmo reino à toda humanidade de forma dialogante, respeitando os diferentes contextos históricos (FERRARO, 2015, p. 820).

Urge, então, a tentativa da superação de uma igreja eclesiocêntrica para uma Igreja como sinal do Reino proposta pelo o Concílio Vaticano II. Como um processo missionário a todos os povos da terra, unidos pelo Espírito Santo na mesma comunhão (LG 13). Deste modo, plenamente conscientes, os padres conciliares reconhecem a urgência do diálogo ecumênico na medida em que o anúncio e o testemunho sejam coerentes com a pregação do Evangelho. O decreto *Unitatis Redintegratio* recoloca a Igreja nessa perspectiva do Reino, cujo objetivo é a restauração da comunhão, o incentivo do diálogo e a quebra dos preconceitos. (FERRARO, 2015, p. 823).

Afirma-se, portanto, que uma teologia cristã de diálogo adotará, preferencialmente, uma perspectiva reinocêntrica, lembrando que o Reino de Deus, como centro da vida, da missão, e da mensagem de Jesus, se manifesta, sobretudo, na própria pessoa de Jesus de Nazaré. Chamado o Cristo, Filho de Deus e Filho do homem, que veio “para servir e dar a sua vida em redenção por muitos” (Mt 10,45; LG 5). Esta visão cristológica ressalta que a igreja não está a serviço de si mesma, mas do Reino de Deus. Essa é a meta, o horizonte de toda a atividade missionária da Igreja (DUPUIS, 1999, p. 491).

Por conseguinte, a igreja é por sua vez enviada por Jesus e está no mundo como um sinal de uma nova presença de Jesus, sacramento da sua partida e da sua permanência. Esta é exatamente a sua missão, na qual, antes de mais nada, ela é chamada a continuar (EN15.52). Neste mesmo sentido, Suess (2013, p. 86) diz que a igreja é convocada ao anúncio do *kerygma* missionário, cujo centro é o mistério pascal de Cristo, transformando toda a perspectiva de prosperidade em gratuidade, de narcisismo em altruísmo, de egoísmo em gestos de fraternidade e solidariedade.

Tais gestos revelam que não somos os donos da missão, a missão é de Deus, na qual por vocação somos chamados a cooperar. Por isso, “[...] tal cooperação radica-se e concretiza-se, antes de mais nada, no estar pessoalmente unidos a Cristo [...]. A participação na missão universal, portanto, não se reduz a algumas atividades isoladas, mas é o sinal da maturidade da fé e de uma vida cristã que dá fruto” (RMI 77).

Deste modo, a missão em diálogo é aquela atitude de comunhão que promove a efetiva participação do Povo de Deus na missão universal. Essa missão, como já exposto, é essencialmente uma ação sinal do Reino na qual a igreja é serva e testemunha, onde todos são convidados a participar. Por isso, a missão, por sua natureza, é sempre uma tarefa compartilhada, é um verdadeiro exercício de comunhão intereclesial que propõe um mundo sem periferias e sem centro.

Infere-se então dizer que missão em diálogo é um serviço ao Reino de Deus que, na busca da fidelidade ao Espírito de Deus, procura recriar, no hoje da história, a prática de Jesus de Nazaré. Neste sentido, se considera a missão, não práticas burocráticas que se esgotam em um “fazer”, mas uma presença amiga, amorosa, profética e crítica, capaz de manifestar o amor e a misericórdia de Deus nas suas ações, palavras e testemunhos de vida. Daí, na linha do *aggiornamento*, é de

fundamental importância a busca da unidade e do diálogo, tendo como tarefa principal a missão de Jesus para a realização da missão em diálogo.

## 2.6 MISSÃO EM DIÁLOGO: UMA TEOLOGIA PLURAL E INCLUSIVA

O Concílio Ecumênico Vaticano II quis ser um concílio: pastoral, ecumênico e doutrinário, conforme o discurso do papa João XXIII na abertura do mesmo no dia 11/10/1962. E ainda ressalta, que “nem a índole pastoral e o caráter ecumênico, não excluem a intenção doutrinária”. E conclui, com as palavras do Papa Paulo VI no dia 23.06.66 à conferência Episcopal Italiana, “o Concílio deixa à igreja um “tomo” de doutrinas e decretos” para marcar a nova primavera” (KLOPPENBURG, (1969, p. 8-15.36).

Entretanto, em seus diversos documentos: Constituições, Decretos e Declarações, apontam que um dos seus méritos foi a tentativa de recuperar a eclesiologia da missão em diálogo, um ideal almejado não somente como ponto de partida, mas um alvo a atingir. Mas será que neste mérito estão inclusivas as considerações da teologia plural e inclusiva?

Inicialmente, nos chama a atenção as considerações Kloppenburg (1969, p. 11), onde descreve que um dos padres conciliares, Mons. Emilio Guerriz, na época arcebispo de Cambrai, formula 04 condições necessárias para que o Concílio possa efetivamente seguir as orientações dadas pelo papa João XXIII. Entre elas, destacamos a quarta preposição, letra (d) onde trata “na finalidade”.

A apresentação da doutrina seja de fato missionária dominada pelo cuidado de evangelização do mundo com a determinação de atingir todos os homens onde quer que estejam para esclarecer as inteligências e conduzir à salvação em Jesus Cristo, na Igreja. Cristo não disse somente: “Eu sou a verdade, eu sou a vida, Não declarou somente “eu vim para dar testemunho da verdade”. Acrescentou eu vim para que todos tenham vida (Jo 10,10 11).

A priori, esta condição “na finalidade”, se referindo ao modo como o aspecto doutrinário deve ser levado a todos os povos, revela o desejo de ir ao encontro dos interlocutores, a fim de esclarecer suas inteligências e os conduzir à salvação em Jesus Cristo. Não fala da missão realizada em diálogo e parece uma fala ainda induzida pela prática colonial. Conforme ainda afirma o Vaticano II, a Igreja, impelida pelo Espírito de Cristo, trilha o mesmo caminho de Cristo. O caminho da pobreza da

obediência e do serviço (AG 5). Todavia, tal modo de evangelizar, levando a doutrina, revela o contexto histórico de séculos de evangelização, cujo objetivo era “cristianizar” através da difusão da doutrina católica.

Teologicamente falando, sem sombra de dúvida, a missão cristã nasce da contemplação de Jesus, o Filho de Deus, encarnado, o missionário do Pai, enviado ao mundo, quem tem um projeto de vida para toda a humanidade. Ele é o centro da missão que deu testemunho da verdade pelo caminho do esvaziamento e com ternura e indignação veio para servir e não para ser servido (cf. Mc 10,45). É o servo de Javé que renunciou ser tratado como Deus para ser um entre os seres humanos (cf. Is 50,-4-7; Fl 2,6-11). A missão que Jesus anuncia, o modo como apresenta a verdade, é marcada pela sua fidelidade ao Reino e não por estruturas exclusivistas.

Morais (2016, p. 282-283) realça, o modo como Jesus anuncia a verdade é, para nós, modelo de diálogo e acolhimento. Não abre mão da sua identidade, da sua missão, não apresenta uma verdade relativa, nem tem medo de confrontos e da verdade do outro. A partir da hermenêutica dos textos, Jesus Cristo é apresentado como "Mestre" *διδασκαλος* e "Senhor" *κύριος*. O Mestre, cuja apresentação da doutrina se faz através do falar e do agir, a partir da profundidade de si mesmo, no relacionamento de intimidade manifestado em sua vida em um conhecimento exclusivo do Pai (cf. Mt 11,25-27; Lc 10,21ss; Mt 13,11).

Ainda salienta o autor: sua prática missionária é visibilizada na apresentação de um Deus que contrapõe a doutrina de seu tempo. Um Deus comprometido com os pobres e oprimidos, que não está preso a normas religiosas, Jesus é “o filho” *ὁ υἱὸς*, expõe a verdade do Pai, o anúncio do Reino, sem imposição, apenas propõe o caminho de uma nova vida. Porque ama sem reservas, com compaixão e que compartilha dos segredos do Pai. É o modelo de escuta, diálogo e anúncio, que revela à humanidade a verdadeira natureza do Pai. E pela vivência e anúncio do amor, busca mudar a falsa religião na lei do amor e em atos de misericórdia.

Na profundidade da reflexão descrita pelo autor, Jesus, ao estar com os fariseus e doutores da Lei, dialogava sem medo dos confrontos, propondo segura reflexão sobre o acolhimento e aceitação do outro, a importância da misericórdia que extingue o legalismo gerador de exclusão e sofrimento. Inserido no meio do povo, vivendo como alguém do povo, conhecia sua história, seus desafios e esperanças. De modo simples e despojado se encontra junto ao povo de seu tempo, proporcionando atenta escuta aos clamores dos leprosos, dos cegos, doentes e das mulheres.

Por conseguinte, Jesus, seguindo a tradição dos profetas (Jr 22, 16), proclama que Deus quer a prática da justiça e do amor. Fora disso, toda e qualquer prática missionária será reduzida em meras confissões orais e ortodoxas doutrinárias. "Não é aquele que diz 'Senhor, Senhor', mas quem faz minha vontade Pai" (Mt 7, 21). A partir da práxis de Jesus, ainda afirma que o critério para medir a veracidade de uma missão é a "*Theopraxis*", isto é, a implementação da vontade de Deus como assim o fez o Nazareno (REVUELTA, (2011, p. 237).

Percebe-se então que, a partir da práxis missionária de Jesus na qual anunciou o Reino de Deus de forma dialógica e inclusiva, só podemos nos relacionar, dialogar positivamente com outras religiões quando a igreja tomar consciência que em vez de "cristianizar" o mais importante seria aceitar que mensagem cristã, longe ser imposta, deve ser apresentada de forma dialogal, porque a vida cristã é uma opção ativa e consciente de cada indivíduo. Por outro lado, a decisão para seguir Jesus e ao cristianismo é uma opção em pé de igualdade com outras experiências religiosas. Assim, o Concílio Vaticano II representou o ponto de clivagem sobre esta questão dentro da igreja Católica Romana em sua Declaração *Nostra Aetate* (1967) sobre as relações da igreja Católica Romana com religiões não-cristãs (CÓRDOVA, 2014, p. 52).

Neste sentido, Vigil (2002, p. 125), ao falar dos modelos de missão, destaca a abordagem exclusivista, enfatizando que por longos períodos da história da igreja o pensamento era que nenhum daqueles que se encontram fora da igreja católica, os pagãos, os judeus, os hereges e os cismáticos, nunca poderão participar da vida eterna. Os mesmos irão para o fogo eterno que foi preparado pelo diabo e seus anjos.

E conclui, hoje esta realidade não poderia ser diferente, tendo em vista um cristianismo que, por dezenove séculos, a missão esteve fundamentada em uma abordagem exclusivista. E recorda o próprio, São Francisco Xavier, padroeiro da Missões, que movido por um grande amor missionário foi às Índias Orientais. Sua certeza era que todos os que morriam sem conhecer Jesus Cristo não alcançariam salvação. Além disso, o autor ainda menciona, era comum às encíclicas missionárias aplicar aos pagãos e a milhares de seres humanos, distantes da religião, a frase bíblica "jazem nas trevas e nas sombras da morte" (SI 107,10).

Por esse motivo, Suess (2015, p. 192) recorda que João XXIII, ao levantar "a bandeira do *aggiornamento*" e do diálogo, quis revelar o distanciamento da Igreja com as diversidades dos povos, as denominações cristãs e as diferentes religiões. Estas

bandeiras demonstram o desejo da Igreja de sair desta fragilidade eclesiológica e hegemônica baseada em uma evangelização de cunho doutrinário para uma Igreja inclusiva de missão em diálogo.

No decurso da história, encíclicas papais lastimavam e pediam que fosse derrotado o crescimento das missões protestantes. Isto porque propagavam falsos erros e ensinamentos doutrinários. E neste contexto, é otimista ao acrescentar que hoje, com o Vaticano II, a compreensão católica de missão é outra (WOLFF, 2014, p. 60-61). Um novo espírito missionário se faz necessário. Esta visibilidade histórica vem dar clareza que a atmosfera do Vaticano II foi buscar suprir essas posturas. Com apontamentos bíblicos e teológicos para uma Igreja mais próxima e dialogante, clarificou através de um desdobramento mais fecundo da teologia da missão, um novo modo de ser missionário.

É sabido que com o Vaticano II, mesmo com os vais e com os vens, a tarefa agora é outra. A proposta é provocativa, isto é, ir ao encontro, dialogar e ser atraente. Sua tentativa foi dar um novo redirecionamento à missão a partir do primado da *Missio Dei*, equilibrado pelo dado cristológico. A proposta é uma eclesiologia dialógica, considerando posturas *Ad intra*, isto é, uma relação dialógica com a hierarquia, ministérios e fiéis. Também, uma relação dialógica *Ad extra*, revela a opção da Igreja conciliar expressa na superação das tendências autorreferenciais para uma Igreja vocacionada ao diálogo. Além do mais, com uma cooperação que é capaz de interagir com a sociedade, com as culturas, com outras denominações cristãs e outras religiões (WOLFF, 2018, p. 41).

O papa João Paulo II corrobora com este pensamento quando fala sobre o empenho ecumênico na carta Encíclica *Ut Unum Sint*, dizendo que o Concílio Vaticano II quis ser um apelo à conversão pessoal e comunitária. O Pontífice ainda reafirma que a atitude de diálogo é uma passagem obrigatória para a autorrealização da pessoa, na qual já contém em si uma dimensão existencial. O mesmo conduz os interlocutores a um sincero espírito de caridade fraterna, respeito, humildade e amor à verdade. Portanto, o Vaticano II, como acontecimento basilar, revela que, na missão, o diálogo não somente foi iniciado, mas se tornou uma necessidade a ser aprimorada (US 15.51).

A mesma Encíclica, porém, fiel ao dado doutrinário, tem o cuidado de ressaltar que o diálogo entre os interlocutores não deve seguir puramente uma direção horizontal baseada em encontros e troca de experiências, mas, acima de tudo, seja

de maneira vertical, na direção Daquele que é Senhor da história, Redentor da humanidade, fonte da unidade, na força do Espírito (US 28.42.46). E ainda diz, que quando se começa a dialogar, cada uma das partes deve pressupor uma vontade de reconciliação no seu interlocutor, de unidade e verdade. Com diálogo, todos adquirem um conhecimento mais verdadeiro e um apreço mais justo da doutrina e da vida de cada comunhão (UR 4).

Contudo, contrapondo esse exposto, Córdova (2014, p. 53.73) vai dizer que o cristianismo se desenvolve e cresce através da concepção teológica do Deus trinitário, que inclui unidade e diversidade. Nesta linha, ainda diz que a missão cristã é marcada por dois fatores que merecem ser considerados: o respeito pela opção religiosa do interlocutor; e a busca de campos conjuntos de missão. E acrescenta, a missão em diálogo nos liberta de nossos gabinetes e nos leva a descobrir elementos importantes da vida que merecem nosso maior compromisso enquanto cristãos.

Amaladoss, em sua obra “Promover a harmonia – vivendo em um mundo pluralista”, complementa este contexto ao falar do respeito às diferenças. Descreve a identidade do outro, do diferente como valioso em si e que exige respeito. No entanto, isso não exclui uma abordagem crítica. Porém, essa crítica deve ser a expressão realizada em um contexto de diálogo, isto é, que permita ao outro possibilidades de crescimento a partir de dentro. E acrescenta, que nunca o diálogo deveria ser ocasião para propagação das nossas convicções da fé. Por isso, o autor reconhece que, no contexto de missão, existem tensões entre diálogo e proclamação da fé em Jesus Cristo como único salvador. Essas discussões parecem intermináveis, gerando tensões. Esta realidade pode mostrar nas mentes dos próprios cristãos fragilidades e falta de clareza das razões para o diálogo (AMALADOS, 2006, p. 195-203).

Portanto, a missão em diálogo, na perspectiva do Vaticano II, nesta mesma linha de pensamento, Comblin (2005, p. 20-22) apresenta sete palavras chaves que segundo ele nortearam todos os encaminhamentos do Vaticano II<sup>4</sup>. Dado sua relevância, evidenciaremos as palavras missão e diálogo por serem estas objeto de estudo desta pesquisa. Palavras até então, sucessivamente, repetidas nas sessões conciliares para dar expressão e sentido na missão da igreja.

*Diálogo:* Na concepção do Concílio, o diálogo deve substituir as relações de dominação e de superioridade que eram constantes na cristandade. Deve ser expressão da caridade, por levar em conta as pessoas dos outros que são

---

<sup>4</sup> No pensamento de Comblin palavras mais destacadas no Vaticano II, 1ª Homem, 2ª Liberdade, 3ª Povo de Deus, 4ª Colégio episcopal, 5ª Diálogo, 6ª Serviço, 7ª Missão (COMBLIN 2005, p. 20-22).

diferentes, e não julgá-las com base em princípios abstratos supostamente universais. No tempo da cristandade, o clero devia impor a todos o sistema objetivo de crenças, preceitos ou ritos tradicionais sem levar em conta a subjetividade das pessoas. Agora, por fim, o Concílio reconhece a subjetividade e os valores das pessoas [...]

*Sobre a Missão:* De modo geral, é notório que os textos sobre a missão são muito fracos. No entanto, houve vontade dos Padres conciliares de mudar o sentido da missão na consciência e nas instituições da Igreja. Até o Concílio, prevalecia ainda a visão tradicional que fazia das “missões” uma parte marginal da Igreja. O principal era a cristandade tradicional. Pequena parte do pessoal e dos recursos da Igreja estava destinada a evangelizar os povos situados fora dos limites da cristandade. Essa atividade missionária estava reservada a institutos específicos de homens e de mulheres e não atingia a vida das dioceses ou das paróquias. Essas mandavam algumas ajudas financeiras, mas a atenção dada às missões era muito secundária. Na prática, a ação missionária estendeu-se principalmente e quase exclusivamente aos territórios em poder dos Estados europeus ou norte-americanos, estreitamente ligada à presença militar, política e econômica das potências coloniais. Era parte da colonização ou da dependência semicolonial, como na China.

Nos horizontes do Vaticano II, tais concepções de missão em diálogo, também dispõe Córdova (2014, p. 73), ao descrever em sua obra “Os desafios do diálogo”. Aqui, ele aponta que o cristianismo, para realizar o diálogo, se torna evidente que ainda muitas atitudes devem ser transformadas. Essas mudanças de atitudes seriam um processo que levaria ao desmascaramento de muitos mecanismos internos da igreja, tal como a dominação que foi incorporada nos discursos e na práxis, no que diz respeito à missão. Esse desmascarar serviria para canalizar energias que geralmente são investidas em lutas internas pelo poder e discussões que em nada contribuiu para uma autêntica ação missionária, segundo o projeto de Jesus Nazaré.

Além disso, o autor ainda destaca que houve muitas alternativas e interpretações teológicas dos textos sagrados que nem sempre contribuíram para a vida real das pessoas no seu contexto social, religioso e político pelas quais vivem no cotidiano. Assim, ele assegura que o trabalho em conjunto liberta o ser humano dos gabinetes e o leva a descobrir elementos da vida que são importantes e merecem um maior compromisso cristão.

Conseqüentemente, se deve partir daqueles que se dispõem a dialogar. O diálogo terá como intuito uma prática de conhecimento, interação e experiência entre as comunidades religiosas. Todavia, por não ser uma tarefa fácil, necessariamente, as pessoas precisam se desengatilhar. Por isso, a missão em diálogo não é prática proselitista e sim conhecimento, experiências e vivência com o desconhecido. Tais comportamentos e práticas farão surgir respeito, justiça e paz, eliminando assim os

obstáculos e construindo pontes e experiências de calor humano e mútuo respeito (NETO, 2017, p. 71).

Deste modo, o documento Diálogo e Missão, que por 53 vezes evoca o vocábulo diálogo, corrobora com este pensamento, afirmando que o diálogo se torna, cada vez mais, fonte de esperança e fator de comunhão na transformação recíproca. E a partir do desejo de seu coração, o cristão alimenta o desejo de partilhar a sua experiência de Cristo com o irmão de outra religião (cf. At 26,29; ES n 46). Nesta perspectiva, o diálogo é igualmente natural onde outro crente deseja também algo semelhante. E assim, ambos buscarão um diálogo franco e receberão com fidelidade os impulsos do Espírito. Tal diálogo, guiado apenas pelo amor à verdade, não exclui ninguém, nem mesmo àqueles que cultivam os altos valores do espírito humano (DM 40- 43).

Em função disto, destacamos que em pleno andamento do Vaticano II (1964), o papa Paulo VI escreve tão significativa carta Encíclica, a *Ecclesiam Suam*, direcionada a todos irmãos patriarcas, primazes, arcebispos, bispos ordinários do lugar ao clero, aos fiéis de todo o mundo e a todos os homens de boa vontade em paz e comunhão. Nesta Encíclica, descreve por 65 vezes a palavra diálogo, assegurando que:

Não é de fora que salvamos o mundo; assim como o Verbo de Deus se fez homem, assim é necessário que nós nos identifiquemos, até certo ponto, com as formas de vida daqueles a quem desejamos levar a mensagem de Cristo, é preciso tomarmos, sem distância de privilégios ou diafragmas de linguagem incompreensível, os hábitos comuns, contanto que estes sejam humanos e honestos, sobretudo os hábitos dos mais pequenos, se queremos ser ouvidos e compreendidos. É necessário, ainda antes de falar, auscultar a voz e mesmo o coração do homem, compreendê-lo e, na medida do possível, respeitá-lo. E quando merece, devemos fazer-lhe a vontade. Temos de nos mostrar irmãos dos homens, se queremos ser pastores, pais e mestres. O clima do diálogo é a melhor amizade, o melhor. Tudo isto devemos recordar e esforçar-nos por praticar, segundo o exemplo e o preceito que Cristo nos deixou (ES n 49).

Este vibrante apelo do papa Paulo VI, em pleno Concílio Vaticano II, revela a relevância da missão em diálogo no estar próximo, no desenvolvimento nas atividades missionárias da igreja, tanto *Ad intra* como *Ad extra*. Foi um estímulo que veio confirmar um dos objetivos iniciais do Vaticano II, tão almejado pelo seu antecessor papa João XXXIII. Sua fala desvenda a importância integrativa do diálogo no processo evangelizador da Igreja, até então marcado por profundas mudanças na teologia da missão.

Contudo, para Dupuis (1999, p. 490-491), a teologia da missão e do diálogo nessa Encíclica não foi tão precisa, conforme asseguram os apelos do papa Paulo VI. As mudanças no processo evangelizador não se deram sem hesitações e recaídas. De maneira crítica, o autor revela que, embora sejam relevantes e elogiáveis as palavras do pontífice, porém, em nenhum lugar do Vaticano II foi considerado e relevante o diálogo entre diferentes profissões de fé). Além disso, o próprio papa Paulo VI, considerado o papa do diálogo na sua Exortação apostólica *Evangelli Nuntiandi* (1975), dez anos após o concílio Vaticano II, nem sequer cita o assunto diálogo entre as diferentes crenças. Isto revela que, na prática, os interlocutores continuam vistos e tratados como beneficiários na missão da igreja.

Diante desta realidade, para Vigil (2012, p. 499), “missão é diálogo, somente diálogo”. Por isso, afirma: se as religiões agirem de forma despojada de preconceitos, descobrirão que no fundo de suas heranças simbólicas, em conjunto, elas têm as melhores motivações para a realização de suas missões. Neste sentido, segundo ele, missão em diálogo só é possível a partir de alguns princípios básicos, tais como:

- a) o diálogo somente será possível se houver entre os pares abertura e sinceridade;
- b) reconhecimento que não existe uma única revelação e que esteja em uma única religião;
- c) consciência de ambas as partes que o pluralismo é tolerado e querido por Deus;
- d) a certeza de que a conversão não se descarta, mas não pode ser o fim do trabalho missionário. Porque missão não é para converter ninguém, mas para compartilhar. É para anunciar e para escutar. Para entregar e para aprender.
- e) ambas as partes estarem conscientes de que Deus ama a todos os povos, não faz distinção de ninguém. Por isso, nenhuma religião pode se considerar o centro da verdade;
- f) crer que hoje se impõe a necessidade e a urgência de renunciar a todo o completo de superioridade e acertar no paradigma da pluralidade;
- g) respeitar que todas as religiões são validas e verdadeiras. A única religião que Deus supostamente criou não existe.

Diante do exposto, o autor ainda questiona: como seria a relação entre missão em diálogo a partir de uma abordagem pluralista? Na sua compreensão, a resposta se encontra na consciência da abordagem pluralista, onde podemos perceber a libertação da angústia de ver o mundo se perder em condenação. Além disso, haverá

um desenvolvimento de um "otimismo soteriológico salvífico escatológico, libertando assim as pessoas da angústia, do zelo proselitista, da responsabilidade avassaladora diante do risco de condenação da maioria da humanidade. Também acontecerá nas pessoas a libertação da incapacidade do exclusivismo para dialogar. Neste sentido, abrir-se-ão probabilidades que existe salvação fora da minha religião, possibilitando atitudes favoráveis ao diálogo entre as partes (VIGIL, 2012, p. 499).

Na ótica da missão, Klamer (2012, p. 447) também apresenta possíveis atitudes missionárias onde a pessoa enviada é capaz de missionar levando em consideração o diálogo.

Os missionários, que vão à missão não vão converter. Eles não vão proselitizar. Eles também não vão "ensinar". Eles estão dispostos a ouvir as outras religiões, aprender com suas riquezas ocultas, e nelas experimentar Deus. Vão, não apenas para se inculturar (em vez de não cultivar e aculturar as pessoas que são objeto de sua ação missionária), mas a "*inreligion*", encarnar em sua cultura e religião, e experimentar Deus também através dessa religião. O "Diálogo", então, é interação, ida e volta, eu te dou para que você me dê, eu pego e eu te dou, eu me dou e também aceito. A missão, vivida em uma atitude pluralista é diálogo, troca, aprendizagem mútua, exploração sem fundo, fertilização mútua. E tudo isso é de uma maneira altruísta, gratuita e sinceramente amorosa. Não é fingir um diálogo simplesmente para preparar o terreno para anunciar minha religião como verdadeira

Nesta lógica, a prática missionária da igreja como espaço de diálogo, é chamada a se submeter continuamente a uma rigorosa análise e avaliação crítica no que diz respeito a sua concepção de missão. A proposta é crescer cada vez mais na consciência de que a teologia do diálogo é indispensável na dinâmica da missão. Sobretudo, por ser este o instrumento vivificador das relações e do desenvolvimento da missão. Pelo exposto, já percebemos que não é qualquer conversa ou comunicação entre as partes que merece receber o nome de diálogo. Mas, acima de tudo, é respeito, abertura. Como afirma o documento Diálogo e Anúncio, um cristão está predominantemente despreparado para anunciar o evangelho quando não é capaz de ter apreço e respeito pelos outros crentes e pelas suas tradições (DA 73).

Assim sendo, a indiferença e a falta de conhecimento recíproco não favorecem as autênticas relações entre os irmãos e irmãs (cf. 1Cor 9,5). A missão em diálogo, já tão bem mencionado por diversos autores, nos leva à compreensão de que o Espírito já abriu caminhos, e neste caminho temos muito a aprender. Ensinamos e aprendemos em diálogo fraterno, na direção do Reino de Deus, lugar onde não há espaço para o domínio ou para competição.

### **2.6.1 O mundo pluricultural e plurirreligioso: Desafios para a missão em diálogo**

É de notável consideração que cada vez mais a humanidade está convivendo em um mundo que se distancia de uma sociedade monocultural e religiosamente homogênea para uma realidade pluricultural e plurirreligiosa. Tal contexto se impõe e interpela uma reflexão teológica e missiológica que supera toda e qualquer forma exclusivista e prepotências doutrinárias. Neste sentido, nos lembra o teólogo das religiões Paul Knitter, “que o teólogo ou a teóloga é a pessoa que está no meio entre aquilo que está acontecendo no mundo e aquilo que está acontecendo na comunidade cristã”. Logo, pela sua própria natureza, a teologia é dialógica (KNITTER, 2010, p. 189).

As tendências dramáticas de um caráter monorreligioso, religiosamente isoladas e muitas vezes escondidas nas consciências da prática cristã atravessam fronteiras enrijecendo a missão em diálogo a partir do uso restritivo da fé não compartilhada e vivenciada pelas diferentes expressões de profissão de fé. Por isso, o Documento Diálogo e Missão afirma que toda a missão da Igreja deve ser realizada de forma dialogal (DM 29). Dado essa importância, Knitter (2010, p. 191) reafirma que a missão da igreja se faz através de uma hermenêutica conversacional, mediante diálogo correlacional e de forma global na consciência dos limites e não pretensão de toda verdade.

Por conseguinte, na perspectiva do Vaticano II, a Igreja almeja realizar sua missão em diálogo em um mundo plurirreligioso e pluricultural. Por isso, urge resgatar com fidelidade uma sustentada e apropriada reflexão teológica, uma conversão interior, uma clareza de horizontes e uma ousada ação evangelizadora que vai além de uma pastoral de mera conservação para uma ação evangelizadora que tem por princípios a missão em diálogo no respeito e acolhida. Para tanto, se faz necessário considerar a importância do diálogo inter-religioso, teologicamente tão necessário nos tempos atuais. Por isso, o magistério da igreja afirma que todas as religiões existentes no mundo, de várias maneiras, desejam ir ao encontro das inquietações do coração humano propondo caminhos, isto é, doutrinas e normas de vida e também ritos sagrados (NA 2; DAp 370, EG.15).

## 2.7 DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II.

Para Amaladoss (1995, p. 18), o diálogo inter-religioso é um processo interpessoal entre as várias religiões por meio de símbolos, cultura, língua e sentimentos, no qual envolve os aspectos pessoal e social. Neste sentido, se Deus é a origem comum e a finalidade de todos os povos, compreender o pluralismo de religiões não é uma questão “caótica”, mas uma construção cujo arquiteto é o próprio Espírito Santo. Assim sendo, o diálogo inter-religioso ainda é algo expressivamente novo na dinâmica das tradições das Igrejas cristãs. Por isso, o Documento Diálogo e Anúncio, assim se expressa ao falar do diálogo inter-religioso.

Uma justa avaliação das outras tradições religiosas supõe normalmente um estreito contato com elas. Isto implica, além de conhecimentos teóricos, uma experiência prática do diálogo inter-religioso com os seguidores destas tradições. Mas também é verdade que uma correta avaliação teológica destas tradições, pelo menos em termos gerais, permanece sempre um pressuposto necessário para o diálogo inter-religioso. Devemos nos aproximar sensivelmente destas tradições porque encerram valores espirituais e humanos (DA 14).

Essa justa compreensão das outras diferentes tradições devem levar à aproximação respeitosa para com as diferentes expressões de fé presente nas diversas religiões. Valorizar as diferentes religiões é fomentar a união, perceber o que de comum os leva à convivência e, sobretudo, à caridade que as constitui uma só comunidade na qual o gênero humano se torna cada vez mais unido e irmãos pela fé no mesmo Deus. Neste sentido, a “Igreja católica nada rejeita do que nessas religiões existe de verdadeiro e santo. Olha com sincero respeito esses modos de agir e viver, esses preceitos e doutrinas” (NA 1.2).

Levando em consideração os importantes avanços do concílio Vaticano II, no que diz respeito ao diálogo inter-religioso, se assegura que a postura dos conciliares foi de uma aproximação das religiões. Neste sentido, Wolff (2016, p. 98), o comportamento de distanciamento e não valorização da Igreja católica à outras religiões teve sua expressão de conversão e abertura às diferentes religiões a partir do Concílio Vaticano II. Por isso, o Papa Francisco alerta para a relevância do diálogo com as outras religiões ao exortar:

Uma atitude de abertura na verdade e no amor deve caracterizar o diálogo com os crentes das religiões não-cristãs, apesar dos vários obstáculos e dificuldades, de modo particular os fundamentalismos de ambos os lados. Este diálogo inter-religioso é uma condição necessária para a paz no mundo

e, por conseguinte, é um dever para os cristãos e também para outras comunidades religiosas. Este diálogo é, em primeiro lugar, uma conversa sobre a vida humana ou simplesmente – como propõem os Bispos da Índia – estar aberto a eles, compartilhando as suas alegrias e penas. Assim aprendemos a aceitar os outros, na sua maneira diferente de ser, de pensar e de se exprimir. Com este método, poderemos assumir juntos o dever de servir a justiça e a paz, que deverá tornar-se um critério básico de todo o intercâmbio. Um diálogo, no qual se procurem a paz e a justiça social, é em si mesmo, para além do aspecto meramente pragmático, um compromisso ético que cria novas condições sociais. Os esforços à volta dum tema específico podem transformar-se num processo em que, através da escuta do outro, ambas as partes encontram purificação e enriquecimento. Portanto, estes esforços também podem ter o significado de amor à verdade (EG 250).

Sem dúvida, desde o Concílio Vaticano II e também pós Concílio, esta reflexão é chamada para uma maior consciência dialogal dos cristãos para com as outras tradições religiosas. O Documento Diálogo e Missão, oficialmente como documento da igreja, exorta a comunidade cristã à colaboração comum nos interesses, no que diz respeito ao bem-viver da vida da humanidade e, sobretudo, ao caminhar em conjunto em direção à verdade. Além disso, recorda que um espírito de diálogo se torna necessário para inspirar cada aspecto da interação da igreja com o mundo (DM 13.29).

Por isso, o Papa João Paulo II destaca que o diálogo inter-religioso faz parte da missão evangelizadora da Igreja. O compreende como método e meio para um conhecimento e enriquecimento recíproco. Dado à relevância da missão *ad gentes*, ir aos povos, afirma que o mesmo não contrapõe essa atividade missionária da igreja, “pelo contrário, tem laços especiais com ela e constitui uma sua expressão”. Portanto, vale ressaltar que o diálogo não nasce de atividades que mostram motivações, exigências, dignidade e respeito profundo por tudo o que o Espírito sopra onde quer que opere em cada pessoa humana (RMi 55.56; RH 279). Neste contexto, tão bem descreve Saraceni (2015) ao afirmar a importância do diálogo inter-religioso no processo evangelizador da Igreja.

A Igreja declara que o respeito é essencial na evangelização. Ela reconhece nas outras religiões elementos de salvação, muitas vezes incompreendidos pela razão humana, haja vista, a grandiosidade do amor de Deus, e a inalcançável ação do Espírito Santo. Entende que o diálogo inter-religioso é uma forma autêntica de evangelização, visto que a unidade da família humana está pautada nos mistérios da criação e da redenção. O diálogo implica respeito e reconhecimento da diversidade religiosa e cultural, bem como da ação de Deus em cada pessoa e em cada consciência. Implica ainda respeito pelas diversas religiões a começar pelas que tem seu fundamento em Deus Pai. Diálogo, missão e inculturação do evangelho nas culturas diferentes, são uma realidade unitária, complexa, legítima e necessária (SARACENI, 2015, p. 67).

Nesse sentido corrobora, Amaladoss (1995, p. 160.161), ao considerar que uma atitude de diálogo não rejeita a responsabilidade do cristão de anunciar a Boa Nova. Precisamos cada vez mais testemunhar o que recebemos de Deus. Porém, um anúncio que dispensa qualquer proselitismo e comunica pela própria experiência religiosa o verdadeiro amor de Deus, pelo testemunho da fé em palavras e obras, em um sincero respeito à liberdade de cada um em sua profissão de fé. Isto também é evangelização.

Como bem assinalou Wolff ao destacar 03 elementos essenciais nesta dinâmica dialogal do diálogo inter-religioso: a) o caráter teológico-espiritual, isto é, uma vivência que não se baseia apenas no contexto sociocultural ou antropológico, mas o reconhecimento do mesmo espírito, agindo no coração de cada pessoa. Somos um nas diferentes formas de buscar a Deus; b) a espiritualidade do diálogo inter-religioso: essa forma de espiritualidade desenvolve, naquele que deseja partilhar sua experiência, um intercâmbio de dons manifestado em atitudes de respeito e alteridade. Assim sendo, “o missionário cristão, deixando Deus ser Deus, não leva Deus aos membros das outras religiões, mas partilha com eles suas experiências”; c) objetivos e formas do diálogo inter-religioso: um diálogo inter-religioso marcado pela espiritualidade dialogal tem como objetivo aprofundar os compromissos religiosos e, ao mesmo tempo, responder aos apelos de Deus e ao dom gratuito que ele faz a cada pessoa. Portanto, mais do que relacionamento é aprofundamento de fé em uma caminhada conjunta como apelo do próprio Deus.

Por conseguinte, Faustino Teixeira com razão descreve que o “diálogo requer “cortesia espiritual e abertura do coração”. Uma tarefa difícil para a vivência dialogal, entretanto, pelo processo espiritual, com esta capacidade se chega ao desapego e a hospitalidade. Portanto, ele afirma que, para a construção de um diálogo inter-religioso autêntico, se supõem o reconhecimento dos valores do pluralismo religioso, o qual se desdobra na acolhida do desígnio misterioso de Deus. Mesmo sendo uma realidade relativamente recente nas relações entre as tradições religiosas, o diálogo inter-religioso cada vez mais se torna expressivo nos tempos modernos (TEIXEIRA, 2008, p. 128-129).

## CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Concluindo este capítulo sobre a missão em diálogo e os impulsos do Vaticano II trazendo presente os conceitos do que é missão e diálogo, a compreensão e metodologia vai nos colocando na dinâmica do reconhecimento daquilo que propomos analisar, isto é, o ensaio de como sair de um debate autorreferencial presente em nossas culturas institucionais eclesiais, ainda, de certo modo, com tendência colonizadora para a saída de uma prática missionária de forma dialógica, inclusiva e plural tendo em vista a teologia do encontro, da proximidade do respeito às diferentes expressões.

Na perspectiva da missão em diálogo percebemos que, com o Vaticano II, surge uma nova compreensão da missionariedade da igreja. O “*aggiornamento*” provoca novas possibilidades para a missão, a igreja é chamada a realizar. A teologia do diálogo se torna o marco relevante que aponta caminhos para uma nova visão eclesiológica. E assim, o Reino de Deus, como chave hermenêutica, coloca a missão como proximidade. Portanto, os desafios apresentados pelo mundo pluricultural e plurirreligioso apontam o diálogo inter-religioso como exercício de alteridade e reciprocidade.

Dado o exposto dissertado neste capítulo, percebemos que o Concílio Vaticano II apontou e abriu caminhos e novas possibilidades para a missão em diálogo. No entanto, ainda resta alcançar a resposta para a percepção dos impulsos do concílio que configuram essa realidade teológica: missão em diálogo? Como realizar essa missão de forma dialogal como experiência de vida compartilhada em fidelidade ao evangelho de Cristo? Como propor o espírito e prática do diálogo como método na concretização da missão?

Com efeito, os documentos conciliares do Vaticano II, nos seus diversos documentos, revelaram que a igreja é, por sua natureza, missionária. Revelaram que essa missão, que tem sua origem no amor fontal de Deus, portanto, é *Missio Dei*. Neste sentido, ela não deve ser realizada de forma monológica, hegemônica e exclusivista, mas em diálogo com as diferentes realidades do mundo, em comunhão com diversas denominações cristãs e outras religiões. Conforme afirma Wolff (2016, p. 99), um diálogo que vem de uma espiritualidade dialógica, orientado pelo ensino do Vaticano II, aberto para o mistério Divino indo além da Igreja e do cristianismo.

Por essa razão, a relevância de toda a ação missionária, independente do que se acredita, é contundente de atitudes procedentes de forma despojada de preconceitos e alienações. De mais a mais, ter a firme convicção que a conversão, já indicada pelo próprio Cristo, não se descarta, mas não pode ser o fim de uma ação missionária. Porque missão não é para converter, mas para compartilhar. É para anunciar e para escutar, para entregar e para aprender. Nesta sequência, a chave hermenêutica da missão em diálogo é o Reino de Deus, preconizada pelo Concílio Vaticano II, Reino de Deus como anúncio e proximidade.

### 3 MISSÃO E A CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS

#### INTRODUÇÃO DO CAPÍTULO

Tendo em vista que o caráter interpessoal é a primeira característica do diálogo (SPINSANTI, 1993, p. 314), neste capítulo, objetivamos realizar uma articulação de variados elementos e conceitos teológicos para compreensão da dimensão da missão em diálogo na construção das relações interpessoais fraternas. A sistematização do capítulo dar-se-á de forma sequencial, primeiramente pela apresentação das perspectivas da dialogicidade da missão em diálogo tendo como fundamento o que foi exposto pelo Concílio Vaticano II, uma Igreja, povo de Deus, configurada em uma missão em diálogo fraterno, aberta a toda humanidade.

Nos parágrafos que seguem, a proposta é responder à pergunta: Quais seriam os elementos teológicos para uma missão em diálogo fraterno relacional no atual contexto histórico das Igrejas? Considerando os autores pesquisados, a tentativa de resposta será pelo que é constitutivo ao ser humano: o diálogo, a intersubjetividade e a relacionalidade. Não obstante, levando em consideração as diferenças que circundam o ser humano, todo o diálogo se fundamenta de forma primária nas experiências das relações fraternas. Justifica-se: missão sempre supõe relacionamento eu-tu.

Do ponto de vista do *aggiornamento*, almejado pelo Vaticano II, a missão realizar-se-á no diálogo, na inserção, na inculturação, adaptação, solidariedade, testemunho e serviço. Todavia, os obstáculos que fragilizam este tão sonhado desejo, apontaremos algumas pontes fundamentadas pelo próprio Vaticano II, as quais podem favorecer os anseios deste novo ar para a missão em diálogo. O modelo vital e primordial é o próprio Jesus de Nazaré, o missionário do Pai, Verbo encarnado, revelação do diálogo de Deus com a humanidade. Ele que realizou sua missão no mundo derrubando os muros da desigualdade e construindo pontes de relações humanizadoras fraternas, em uma prática inclusiva que a todos acolhe sem nenhuma distinção.

Os textos enunciados que seguem propõem acentuar que missão em diálogo não se faz de forma isolada, mas em comunhão, tendo como suporte uma espiritualidade de diálogo. E assim, nesta arte fraternal, ninguém possui obsoletas iniciativas. Do ponto de vista teológico, todos somos irmãos e irmãs, cuja fonte é a própria Santíssima Trindade, modelo de relação e diálogo.

### 3.1 RELAÇÕES FRATERNAS NA DIALOGICIDADE DA MISSÃO

O Vaticano II assinalou novas etapas de relações e tentativas de aproximação com a humanidade. Na dinâmica do *aggiornamento*, em uma perspectiva de abertura e sensibilidade, pelo espírito dialogal, a igreja agora é convocada a desenvolver sua missão. Deste modo, uma vez tendo o diálogo como elemento básico da missão, perguntamos: quais seriam as condições para esse diálogo? Queremos responder a partir do que é constitutivo ao ser humano, a saber, a vivência de relações fraternas e interpessoais mediatizada pela relação eu-tu. Como nos pede o Papa Francisco: “não deixemos que nos roubem o ideal do amor fraterno” (EG 101).

Brighenti (1998, p. 69) afirma que o início de um processo de diálogo se move preponderantemente pelas relações e pelo afeto. Wolff (2016, p. 181) também ressalta que “o verdadeiro encontro interpessoal se dá no espírito que move as pessoas que se encontram”. Não obstante as diferenças, o ser humano através de sua interioridade busca relacionar-se com o outro, pelo respeito mútuo, nos espaços de acolhida, no reconhecimento e valorização mútua, e sobretudo na reciprocidade dialogante. Neste sentido, esse modo relacional será expresso muito mais pela vivência recíproca existencial do que pelas expressões de verdade e conhecimentos intelectuais.

Neste horizonte, a missão vem consolidada, permeada pela percepção de uma ação missionária, cujas atitudes estão comprometidas pela dimensão de um comportamento relacional, interpessoal, na valorização das intersubjetividades. Tais comportamentos implicam atenção, respeito e acolhimento no que tange nas relações interpessoais sobre as diferentes diversidades pelo qual somos chamados a conviver e a dialogar. Com essas novas atitudes, “o diálogo torna-se, assim, fonte de esperança e fator de comunhão na transformação recíproca” (DM 43).

Esta nova atitude recebeu o nome de diálogo. Este vocábulo que é norma e ideal. Torna-se assim uma nova linguagem eclesial e muito frequente no Vaticano II. Uma linguagem que não é somente colóquio, mas também o conjunto das relações inter-religiosas, positivas e construtivas com pessoas e comunidades de outras confissões religiosas para um mútuo conhecimento e um recíproco enriquecimento (DM 3).

Wolff (2014, p. 94) aponta que este conjunto de relações, na perspectiva do Vaticano II, tem como propósito da missão contribuir para que em Cristo “todos sejam um” (Jo. 17,21). A missão tem então uma dimensão *comunional*: viver e agir em comunhão. “Vede como eles se amam”. É uma vivência relacional que não exclui ninguém, mas através da inter-relação, cativa, atrai. O próprio testemunho se torna a cooperação na missão de Deus. Assim, a experiência inter-relacional implica um método, um modo de agir. Compreende-se então que missão é um compromisso comunitário, que não se faz de modo individualista, isolado, mas em “um só coração e uma só alma” (At. 4,32).

Portanto, o Vaticano II vai dizer que toda atividade missionária ao dar a conhecer Cristo, imbuídos pelo amor fraterno, transcendem todos os particularismos de povos, raças e nações. E acima de tudo, busca reconhecer e valorizar todos os povos considerando-os a todos irmãos, no qual ninguém é estranho em nenhuma parte (AG 8). Neste sentido, de forma implícita está a missão em diálogo na qual a igreja é convocada a valorizar “todas as riquezas da sabedoria infinita e multiforme de Deus” (DM 41).

Quando nos referimos à missão, no contexto de encontro com o outro, estar na casa do outro, muito bem sabemos o quanto as relações fraternas e interpessoais estão fragilizadas ou estremecidas. Dialogar é um ato de fé, na certeza de que o outro é um dom de Deus que se renova a cada dia, tanto nos dons pessoais que nos engrandecem como nas fragilidades e diferenças que nos aproximam. Vale então recordarmos o que diz o Papa Paulo VI (1975) do perigo que se corre quando uma ação missionária ou evangelização não se realiza a partir de convivência e relacionamento fraterno com os outros. Assim,

A força da evangelização virá a encontrar-se muito diminuída se aqueles que anunciam o Evangelho estiverem divididos entre si, por toda a espécie de rupturas. Não residirá nisso uma das grandes adversidades da evangelização nos dias de hoje? Na realidade, se o Evangelho que nós apregoamos se apresenta vulnerado por querelas doutrinárias, polarizações ideológicas, ou condenações recíprocas entre cristãos, ao capricho das suas maneiras de

ver diferentes acerca de Cristo e acerca da Igreja e mesmo por causa das suas concepções diversas da sociedade e das instituições humanas, como não haveriam aqueles a quem a nossa pregação se dirige vir a encontrar-se perturbados, desorientados, se não escandalizados? (EN 77).

Em razão disto, o Papa Paulo VI ainda enfatiza que, como evangelizadores, devemos ter o cuidado de não apresentar aos fiéis de Cristo uma imagem de missionários divididos e separados por litígios que nada edificam. Contudo, na missão se faz necessário apresentarmos uma imagem de pessoas amadurecidas na fé. Sem nenhum subterfúgio ao anúncio de Cristo, as pessoas sejam capazes de se encontrar e se relacionar para além das tensões e conflitos próprios da missão. Assegurando que a graça da evangelização sem dúvida está ligada ao testemunho de unidade, da comunhão e da relação fraterna entre os irmãos (EN 77).

Portanto, o gênero desta afeição, segundo o próprio Vaticano II, transcende toda forma de relacionamento puramente de natureza humana, pois a convivência fraterna vem do próprio Deus que é amor. Considerando que a divisão dos cristãos se torna prejudicial, o anúncio do Evangelho a toda a criatura e fecha a muitos o acesso à fé. Urge, portanto, que por uma necessidade missionária todos os batizados sejam chamados a unir-se em um só rebanho para assim poderem dar um testemunho unânime de Cristo (UR 1; AG 6).

Tendo ponderado tudo isso, o Vaticano II renova o que foi declarado pelos Concílios anteriores e também pelos Pontífices Romanos: para restaurar ou conservar a comunhão e a unidade, é preciso “não impor nenhum outro encargo além do necessário” (At. 15, 28). Veementemente deseja que, nas várias instituições e formas de vida da igreja, se envidem todos os esforços para que gradualmente aconteça a concretização desta unidade, principalmente pela oração e pelo diálogo fraternal (UR 18).

Por conseguinte, acentua-se então a valorização da dialogicidade na relação interpessoal, no conjunto de toda e qualquer ação missionária. O pensamento de Freire (1987 p. 30.51) em sua obra *Pedagogia do oprimido* nos auxilia ao descrever que o “diálogo fenomeniza e historiciza a essencial intersubjetividade humana. E ainda assegura, “ele é relacional e, nele, ninguém tem iniciativa absoluta”. Um diálogo autêntico que leva em consideração as intersubjetividades, deixar-se transformar pelo encontro, pelo diferente com sincera disposição para receber e aprender com o outro. “Os dialogantes “admiram” um mesmo mundo”.

O filósofo e teólogo da teoria do diálogo, Martín Buber, em sua ontologia sobre as relações, traz como base de seu pensamento o diálogo. No mundo em que viveu, dividido e marcado pela intolerância e pela violência, para ele o diálogo foi a única saída. Segundo Buber (2012, p. 10), o fato primordial do seu pensamento é a relação existencial permeada pelo diálogo na atitude existencial do face-a-face. Assim, as principais categorias desta vida em diálogo são as seguintes: palavra, relação, diálogo, reciprocidade como ação totalizadora, subjetividade, pessoa, responsabilidade, decisão-liberdade, inter-humano. Assim,

No encontro dialógico acontece uma recíproca presentificação do Eu e do Tu. No relacionamento Eu-Isso se o Isso está presente ao Eu não podemos dizer que o Eu está na presença do Isso. A alteridade essencial se instaura somente na relação Eu-Tu; no relacionamento Eu-Isso o outro não é encontrado como outro em sua alteridade. "Na relação dialógica estão na 'presença' o Eu como pessoa e o Tu como outro (BUBER 2012, p. 72).

Neste sentido, afirma o Vaticano II, "o homem, por sua própria natureza, é um ser social que não pode viver nem desenvolver as suas qualidades sem entrar em relação com os outros" (GS 12). Por isso, a igreja em sua ação missionária é vocacionada a se relacionar com as pessoas e povos, buscando na inter-relação o caminho do diálogo para superar todas as diferenças raciais, sociais e religiosas e assim enriquecer-se reciprocamente (DM 44).

À vista disso, tendo presente a gigantesca missão de levar o anúncio em diálogo às humanidades, na linha do Vaticano II, percebemos que se instaura uma nova esperança, como também uma responsabilidade de saber harmonicamente conviver e se relacionar com as diversidades que o mundo moderno se apresenta. Na perspectiva pós concílio, confirmando essa realidade, o documento diálogo e missão corrobora:

Como sublinham as ciências humanas, no diálogo interpessoal o homem experimenta os próprios limites, mas também a possibilidade de superá-los; descobre que não possui a verdade de modo perfeito e total, mas que pode caminhar com confiança ao seu encontro, juntamente com os outros. O acerto mútuo, a correção recíproca, a permuta fraterna dos respectivos dons favorecem uma maturidade cada vez maior, que gera a comunhão interpessoal (DM 21).

Todavia, diante de toda essa dinamicidade dialogal e interpessoal, o próprio Vaticano II interpela para que se evite, o quanto possível, qualquer escândalo e divisão. Por isso, firma ao dizer, que nas iniciativas missionárias se busque todos os possíveis meios através da colaboração e da convivência fraterna com outras comunidades cristãs (AG 29). Esta provocação, para uma missão realizada a partir de

verdadeiras de relações humanas, impele-nos a escutar e compreender o que os outros crentes possam nos transmitir e tirar proveito dos dons que Deus concede a cada um a partir das suas diferentes expressões de fé (DM 21).

Neste sentido, com veemência, o Vaticano II ainda afirma que: “O Espírito Santo habita nos crentes, enche e rege toda a Igreja, realiza aquela maravilhosa comunhão dos fiéis e une a todos tão intimamente em Cristo, o qual é princípio da unidade da Igreja” UR 2. Portanto, é preciso recordar que o empenho da igreja no diálogo não depende do êxito em conseguir chegar à uma compreensão e a um enriquecimento recíprocos; nasce, antes, da iniciativa de Deus que entra em diálogo com a humanidade, e do exemplo de Jesus Cristo cuja vida, morte e ressurreição deram ao diálogo a sua última expressão (DA 53).

Por isso, o Papa Paulo VI, ao se referir à obra da evangelização, pressupõe e compreende que o amor fraterno na prática missionária do evangelizador deve ser sempre crescente. Nesse sentido, a pessoa do Apóstolo Paulo é apresentada como protótipo para o evangelizador. As suas palavras aos tessalonicenses é um programa para toda a ação missionária: "Tanto bem vos queríamos que desejávamos dar-vos não somente o evangelho de Deus, mas até a própria vida, de tanto amor que vos tínhamos" (1Ts 2,8).

Urge, portanto, que para se colocar em prática os ensinamentos do Vaticano II, se faz necessário que o plano da missão não pode acontecer por estratégias fechadas, onde cada grupo, como se fossem o único modo, isoladamente busquem exercer sua ação missionária. Tais atitudes somente sublinham as divisões do anúncio em diálogo. Nesta sequência é urgente que o discípulo missionário de Jesus pratique a missão, sem que isso relativize a especificidade das igrejas. Daí a relevância da missão realizada na corresponsabilidade, no testemunho comum do Evangelho, na formação de parcerias, na soma das forças e na superação dos desafios que a missão implica (WOLFF, 2014, p. 115-116).

Desta forma corrobora Freire (1987 p. 51):

O diálogo, como encontro dos homens para a tarefa comum de saber agir, se rompe, se seus polos (ou um deles) perdem a humildade. Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim? Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros “isto”, em quem não reconheço outros eu? [ ] Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo. Não há, por outro lado, diálogo, se não há humildade. A pronúncia do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante.

Diante do exposto, podemos então inferir que esta sensibilidade e esta atenção de corresponsabilidade não é uma tarefa fácil. Não obstante, sabe-se que ela somente será possível mediante uma sólida espiritualidade de diálogo, na qual requer discernimento interior e uma reflexão teológica sobre o significado das diversas tradições religiosas no desígnio de Deus, e sobre a experiência daqueles que encontram nelas o seu alimento (DM 78). O que Wolff (2016 p. 19) expõe, que a “espiritualidade do diálogo é intercâmbio, interação, comunhão de existenciais diferentes”.

Por esse motivo, é patente que todos os povos se unem cada vez mais, que os seres humanos de diferentes culturas e religiões estabelecem entre si relações mais estreitas, baseadas sobretudo no amor fraternal, na comunhão e na dialogicidade. Neste agir se espera que finalmente haja o aumento da consciência da responsabilidade própria de cada um. Desta maneira, se estabeleçam e consolidem verdadeiras relações pacíficas e a concórdia e, acima de tudo, cuidem que se respeitem os supremos deveres e direitos de todas as pessoas, no sentido de livremente praticarem sua religião na sociedade (DH 15).

A fé é relação interpessoal. Por ser um dom teologal, sua difusão e crescimento não se faz de forma isolada e individualista. Sua difusão através do anúncio da Palavra é fruto da iniciativa de Deus, da vivência comunitária e fraterna em obediência ao Espírito que envia (cf. At. 12, 24 -13a). O próprio Jesus, o missionário do Pai, conduzido pela força do Espírito, encontrou obstáculos com aqueles do seu tempo que não quiseram estabelecer relações de comunhão. Sua maneira de dialogar é a busca sincera do que está na base de toda relação fraterna (cf. Jo 10, 22-30). Por isso, sua confiança relacional com o Pai assegura sua missão de anúncio do Reino. “Eu e Pai somos um” (Jo 10,29).

Wolff (2012, p. 151) afirma que a fé é relação. A qual se desenvolve na relação com o diferente, na compreensão realista e positiva da pluralidade. Portanto, urge cada vez mais o exercício da capacidade de escuta, do reverter as posturas e refazer o caminho, se necessário for. Enquanto seres humanos, somos constituídos em relação e nós desenvolvemos na relação com o outro e em atitude *comunional* e integrador, isto é, divina, cósmica e sobrenatural.

### 3.2 ELEMENTOS QUE DESAFIAM A RELAÇÃO INTERPESSOAL DA MISSÃO EM DIÁLOGO

Como já mencionado, percebermos que a missão em diálogo, na dinamicidade da vivência das relações interpessoais, é uma tarefa árdua. Os múltiplos desafios, de certa forma, tornam frágil sua realização. Portanto, na consciência de que missão em diálogo não é fácil, o documento Diálogo e Anúncio (DA 52) apresenta alguns fatores humanos que interferem na dialogicidade e que nascem da falta de compreensão da verdadeira natureza do diálogo. Dado a sua importância, buscaremos aprofundar cada um deles conforme segue nos parágrafos seguintes. E como o mesmo documento diz: “esses obstáculos ao diálogo requerem muita paciência, portanto, se faz necessário explicá-lo incessantemente” (DA 53).

Conforme diz Wolff (2012, p. 145), a “igreja é do diálogo e no diálogo”. E ainda diz: “o diálogo é a melhor postura da igreja para se inserir no mundo”. O Vaticano II também ressalta, não obstante os obstáculos, a igreja é chamada para ser no mundo uma presença integral, sacramento do Reino proclamado por Jesus. Iluminada pela Trindade mistério de comunhão, através das relações interpessoais, ela é convocada a prolongar esta comunhão, contribuindo assim para a construção da fraternidade universal (NA 5).

#### 3.2.1 Uma fé frágil e fragmentada

Irmão Nery (2013, p. 55) vai dizer que o maior desafio hoje, no anúncio, consiste em viver e partilhar a fé cristã em um mundo cada vez mais secularizado e plural. A fragilidade da fé é expressa como se Deus não existisse e sem perceber pouco a pouco esta filosofia está enraizada. O papa Paulo VI também afirma que cada dia mais são crescentes as situações de descristianização. São inúmeros os homens e mulheres que receberam o batismo, mas vivem fora de toda a vida cristã. E acrescenta, uma fé, exposta a provações e ameaçada, sobretudo quando hoje confrontada com o secularismo. Portanto, é uma fé que corre o risco de morrer de asfixia ou de inanição, se ela não for alimentada e amparada todos os dias” (EN 52.54).

Diante desta frágil fé, o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* aponta alguns fatores: a questão distanciamento, a falta de relacionamento com o outro, a falta de compromisso com o mundo e a falta de paixão pela evangelização. Neste sentido, acentua-se um declínio do fervor, crise de identidade cristã e um acentuado individualismo. Tais comportamentos refletirão na debilidade da entrega e sufocamento da missão. (EG 78-79). “A fé vai se deteriorando e se degenerando na mesquinhez” (RATZINGER, 2007, apud, EG 83). Francisco ainda afirma que tal fé desenvolve a psicologia do túmulo (EG 83). Uma fé que leva ao confortável círculo dos íntimos. A vivência de um Cristo sem carne e sem cruz e de um relacionamento interpessoal mediado apenas por artefatos.

Por outro lado, para uma vivência positiva da fé, Francisco acrescenta que a verdadeira fé nos leva ao encontro com o rosto do outro, estar lado a lado, na pertença à comunidade. E ainda, com a presença física, estar atentos as interpelações dos sofrimentos humanos (EG 88). Contudo, o desafio que perdura é nunca escapar das relações pessoais, comprometidas com Deus e ao mesmo tempo com os outros (EG 91). Neste sentido, o pontífice apela para que os cristãos vivam uma fé ardorosa e alegre no testemunho da comunhão fraterna. “Nisto conhecerão que sois os meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,15).

### **3.2.2 Insuficiente conhecimento e compreensão do credo e das práticas das outras religiões**

O Vaticano II considera que este elemento, de vários modos, existe e por vezes muito grave, à plena comunhão eclesial. Essas discrepâncias são comprovadas tanto por questões doutrinárias e também, às vezes, disciplinares. Todavia, de modo algum o método de formular a doutrina católica deve se transformar em obstáculo no diálogo com os irmãos (UR 3. 11).

Com toda a abertura do Concílio Vaticano II, o Papa João Paulo II, ao escrever sobre o empenho ecumênico, enfatiza que o diálogo, inevitavelmente, tem seu esbarro com o problema das diferentes formulações, mediante as quais se exprime a doutrina nas várias igrejas e Comunidades eclesiais. E ainda diz, que as polémicas e as controvérsias intolerantes transformaram em afirmações incompatíveis aquilo que, de fato, era o resultado de dois olhares ocupados a perscrutar a mesma realidade, mas

de dois ângulos distintos. O papa chama atenção que para retirar as falsas interpretações se faz necessário encontrar um meio que, recolhendo a realidade em toda a sua integridade, permita superar leituras parciais e eliminar falsas interpretações (UUS 38.49).

Mesmo consciente de que essa compreensão pode ser uma tarefa tensa, positivamente o Vaticano II afirma: “uma teologia cristã das religiões deve ser capaz de expor teologicamente os elementos comuns e as diferenças entre a própria fé e as convicções dos diferentes grupos religiosos” (NA 1). Além disso, busca entender as verdades presentes nas outras religiões ao confirmar:

[ ] as religiões que existem no mundo procuram de vários modos ir ao encontro das inquietações do coração humano, propondo caminhos, isto é, doutrinas e normas de vida e também ritos sagrados. A Igreja católica nada rejeita do que nessas religiões existe de verdadeiro e santo. Olha com sincero respeito esses modos de agir e viver, esses preceitos e doutrinas que, embora se afastem em muitos pontos daqueles que ela própria segue e propõe, todavia, refletem não raramente um raio da verdade que ilumina todos os homens (NA 2).

O Papa Francisco também ressalta o quanto podemos aprender uns com os outros. Não se trata apenas de receber informações sobre os outros, para os conhecermos melhor, mas de recolher o que o Espírito semeou neles como um dom também para nós (EG 246). Neste aprendizado, em uma harmoniosa convivência, todos adquirem um conhecimento mais verdadeiro e um apreço mais justo da doutrina e da vida de cada Comunhão. E em vista do bem comum, essa forma de se relacionar poderá dar maior amplitude na colaboração e certas obrigações que a consciência cristã exige (UR 4). “Cada verdade que procede de Deus deve ser reconhecida e venerada como tal” (WOLFF, 2018, p. 89).

### **3.2.3 Os desafios das diferenças culturais**

No âmbito da missão, o paradigma da convivência fraterna entre as diferentes culturas, línguas e níveis de instrução, tem elementos que, quando não compreendidos e aprofundados, podem dificultar ou até mesmo fragilizar a concretização da missão em diálogo. Sues (2008, p. 165) afirma que, mesmo diante dos desafios, não é impossível a realização da missão em diálogo. Neste sentido aponta como modelo a missão realizada pelo apóstolo Paulo, que mesmo diante das

diferenças conseguiu dialogar com os gregos e fundar comunidades na Grécia (cf 1Cor 1,18). E ainda enfatiza que a complexidade da linguagem e dos conhecimentos está inserida nos contextos das relações. E que, portanto, só podem ser compreendidas nas relações recíprocas (SUESS, 2008, p. 168).

Diante de tais mecanismos desafiantes para a missão em diálogo, Bevans (2016, p. 59) diz que o missionário, ao missionar, antes de mais nada, deve estudar os mapas locais, aprender a língua, os provérbios e os saberes tradicionais do povo, e, acima de tudo, deve ser ensinado por pessoas. Como resultado, ambos, missionário e povo serão transformados. E Wolff, (2012 p. 146) também enfatiza que o Vaticano II interpela a igreja a assumir uma postura de humildade na forma de apresentar sua verdade.

### **3.2.4 Fatores sociopolíticos**

Tendo em vista que os fatores sócio-políticos fazem parte da dimensão da vida, Amaladoss (2006, p. 73) diz que os indivíduos são profundamente influenciados pelo contexto social em que vivem, desafiando a construção das relações no âmbito da missão em diálogo. Tais como os fatores que influenciam negativamente acerca dos direitos humanos, dos processos de democratização, da política, da etnia, do racismo, dos grupos e movimentos sociais. Além disso, crescem a violência física e simbólica, as questões de gênero, nos estudos culturais e sobre a cultura.

O Papa Francisco, ainda, conclama que não podemos esquecer que a maior parte dos homens e mulheres do nosso tempo vive o seu dia a dia precariamente. O medo e o desespero se apoderam do coração de inúmeras pessoas, mesmo nos chamados países ricos (EG 52).

Por outro lado, o Vaticano II, na Constituição sobre a Igreja no mundo atual, constata as dificuldades sociopolíticas, ao considerar que o progresso da pessoa humana e o desenvolvimento da própria sociedade estão em mútua dependência. Tendo em vista que por sua natureza a pessoa humana necessita da vida social. Ao se relacionar, em contatos sociais, este cresce segundo suas qualidades e se torna capaz de responder à própria vocação, ao mútuo serviço e ao diálogo com seus irmãos (GS 25).

Todavia, o Vaticano ainda diz: o nosso respeito e amor devem se estender àqueles que pensam ou atuam diferentemente de nós em matéria social, política ou até religiosa. Nesta compreensão, aponta a caridade como meio para chegarmos ao diálogo. Contudo, este “amor e benevolência de modo algum nos devem tornar indiferentes perante a verdade e o bem” (GS 28). Sendo o mundo a *oikoumene* de Deus, é necessário cada vez mais a relativização das estruturas que dificultam o diálogo e ação social conjunta (WOLFF, 2007, p. 244).

Por isso, a partir da vivência dos sacramentos com veemência assim interpela o Vaticano II a todos os cristãos envidados à missão.

“Com efeito, todos os fiéis cristãos, onde quer que vivam, têm obrigação de manifestar, pelo exemplo da vida e pelo testemunho da palavra, o homem novo de que se revestiram pelo Batismo, e a virtude do Espírito Santo por quem na Confirmação foram robustecidos, de tal modo que os demais homens, ao verem as suas boas obras, glorifiquem o Pa. [...] Para poderem dar frutuosamente este testemunho de Cristo, unam-se a esses homens com estima e caridade, considerem-se a si mesmos como membros dos agrupamentos humanos em que vivem, e participem na vida cultural e social através dos vários intercâmbios e problemas da vida humana; familiarizem-se com as suas tradições nacionais e religiosas” (AG 11).

Portanto, para levar avante esta missão, é dever da igreja perscrutar a todo momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho. Deste modo, ela poderá, a cada geração, dar respostas convincentes às eternas perguntas feitas pela humanidade acerca do sentido da vida. Daí a importância de cada vez mais conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu carácter tantas vezes dramático, o qual se manifesta na realidade sócio-política (DA 4).

E para concluir, Wolff (2007, p. 244), diante da situação sócio-política que vive a humanidade, destaca a relevância teológica da unidade em vista da fidelidade missionária. Dentro deste contexto de serviço ao mundo, a Igreja, estão intrinsecamente juntas a unidade e a missão.

### **3.2.5 Compreensão inverídica dos termos: conversão, batismo, diálogo**

A missão em diálogo poderia de fato ser bem mais compreensiva e frutífera no seu desenvolvimento se ambas as partes, que se propõem a dialogar, compreendessem a importância do que é constitutivo para a unidade. Neste sentido,

o diálogo, a unidade pedida de forma orante, pelo próprio Jesus e dada pelo Espírito Santo, não seria meramente uma vivência aglomerada. Todavia, um testemunho que passa pelo compromisso da fé professada, dos sacramentos da comunionalidade (UUS 9).

No que se refere à conversão, isto é, aquele movimento que implica retorno para Deus, superação de si mesmo, e progressivamente mudanças de mentalidade e costume. “É obra da graça, na qual o homem se deve reencontrar plenamente a si mesmo” (RH 12). Neste sentido, a pessoa é introduzida no mistério do amor de Deus. Em consequência, inicia um caminho espiritual, passando do homem velho ao homem novo, em uma vida guiada por Cristo (2 Cor 8,2; AG 13).

O Vaticano II, seguindo a dinâmica da proposta missionária anterior a sua realização, apresenta a conversão como objetivo do anúncio missionário para que os não-cristãos, sob a inspiração interior do Espírito Santo, se convertam livremente à fé no Senhor (AG 13). Assim, confirmará a mensagem evangélica do anúncio de conversão que passa pela adesão de fé no Evangelho. “Convertei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15). Neste sentido, Golfi (1993, p. 202) diz que a imperativa proposta de conversão apresentada por Jesus é uma metanóia, isto é, o que vai além, é a abertura da mente e do coração. Portanto, não só do estado de pecador, mas uma mudança de transformação de caráter e forma de pensar. Uma nova aliança de intimidade com Deus, consigo mesmo, com a humanidade e com o cosmo.

Por isso, a conversão, enquanto objetivo da evangelização, de uma igreja dialogal, passa pela transformação que move o nível da consciência de maneira holística, uma mudança de vida, na alegria de uma autêntica vida cristã (Rm 12,2).

Contudo, afirma o mesmo concílio, “ninguém deve ser forçado a agir contra a própria consciência. O exercício da religião consiste em atos livres, pelos quais o homem se ordena diretamente para Deus” (DH 3). Assim sendo, a missão em diálogo, cuja finalidade última é a qualificação e a humanização da vida, ela não se realiza por ações dominadora ou por proselitismo, mas é ação interpessoal, que visa, antes de mais nada, partilhar uma alegria, sem exclusão, imposições, com a consciência missionária de que “a igreja não cresce por proselitismo, mas por atração” (EG 14).

Bevans (2016, p. 96), sobre a conversão, vai dizer que a missão não pode ser reduzida a questão da conversão, tradicionalmente falando. Contudo, missão, mais do que isso, inclui compromisso com a justiça, a paz à integridade da criação, sensibilidade cultural e contextual. Além disso, é proclamar as convicções cristãs a

partir de um diálogo honesto com as religiões e o mundo. Se missão é conversão, e de fato é. Portanto, em vista disso, será um chamado à abandonar as próprias convicções e sonhar um mundo diferente com o diferente.

Em relação ao sacramento do Batismo, o Vaticano II afirma que o “Batismo constitui um vínculo sacramental da unidade que liga todos os que foram regenerados por ele”. Por isso, acrescenta que todo batizado pela fé é incorporado a Cristo no qual “todos sois um em Cristo Jesus” (Gl 3, 27-28). Evidentemente, todos com direito ao honrado, com o nome de cristão. Em função disso, são reconhecidos pelos filhos da Igreja católica como irmãos no Senhor (UR 3.22).

O papa João Paulo II recorda que os que creem de coração em Deus Pai onipotente e em Cristo, Filho de Deus Salvador, são marcados pelo Batismo que os une a Cristo. Maçaneiro (2004, p. 161) descreve que o Vaticano II, ao qualificar as igrejas como “comunhões”, vem confirmar que o sacramento do Batismo é unidade, na qual ordena a completa profissão de fé, integra e incorpora em um único corpo de Cristo. Por consequência, teologicamente ele é valorizado quando associado a cada comunidade cristã, reunidos como único Povo de Deus.

Como também os ministros católicos podem em determinados casos particulares administrar os sacramentos da Eucaristia, da Penitência, da Unção dos Doentes a outros cristãos que não estão em plena comunhão com a igreja católica, mas que desejam ardentemente recebê-los, nos pedem livremente. Em certas circunstâncias particulares, igualmente de forma recíproca, os católicos podem recorrer para os mesmos sacramentos daquelas Igrejas onde eles são válidos (UUS 12.46). No qual o próprio Vaticano II reconhece que essas igrejas, embora separadas, têm verdadeiros sacramentos (UR. 15).

O Diálogo, enquanto atitude que edifica o Reino de Deus (DM 39), revela que o ato de missionar é o encontro de partilha da experiência de Cristo, mesmo com outras religiões, na escuta humilde de que o outro também tem algo a partilhar. Tal atitude demonstra a consciência de que “toda comunidade humana tem gérmenes de bem e de verdade, e que Deus tem um projeto de amor para todas as nações (cf. At 17,26-27). Neste sentido, pelo diálogo franco e pela fidelidade aos impulsos do Espírito, há o reconhecimento e a valorização de todos os que reconhecem Deus e guardam nas suas tradições preciosos elementos religiosos e humanos (DM 41-42). Por conseguinte, mesmo diante das compreensões inverídicas, a Igreja faz recordar que:

O empenho da Igreja no diálogo não depende do êxito em conseguir chegar a uma compreensão e a um enriquecimento recíprocos; nasce, antes, da iniciativa de Deus que entra em diálogo com a humanidade, e do exemplo de Jesus Cristo cuja vida, morte e ressurreição deram ao diálogo a sua última expressão. Além disso, os obstáculos, mesmo reais, não devem levar a subestimar as possibilidades de diálogo ou a esquecer os resultados obtidos até agora. Houve progresso na compreensão recíproca e na cooperação ativa. O diálogo também teve um impacto positivo sobre a própria Igreja. Também, outras religiões foram levadas através do diálogo à renovação e a uma maior abertura. O diálogo inter-religioso permitiu à Igreja compartilhar com outros os valores evangélicos. É por isto que, apesar das dificuldades, o empenho da Igreja no diálogo se mantém firme e irreversível (DA 53-54).

### **3.2.6 Atitudes defensivas ou agressivas, fruto da autossuficiência**

Diante da contextualidade dos tempos atuais, Faustino afirma que “a maior resistência ao diálogo advém de pessoas e grupos animados pela autossuficiência e pela arrogância” (TEIXEIRA, 2008, p. 141). Com tais adjetivos, defensivas e agressivas, torna-se incapaz o diálogo, tendo em vista que retratam um modelo de conviver independente e autônomo, sem depender dos outros. Portanto, tais atitudes só podem ser superadas com virtude fundamental da humildade e o exercício pessoal do esvaziamento de si.

O papa João Paulo II também considera que os obstáculos das diversidades dos pontos de vista, as divergências, não favorecem a plena comunhão entre os cristãos. Entretanto, o diálogo será um instrumento natural para o confronto realizado através do amor da caridade e da humildade. Sem esse amor, afirma o Papa, seria impossível enfrentar divergências teológicas, culturais, psicológicas e sociais (UUS 36).

Todo comportamento ofensivo e autossuficiente leva os cristãos a divisões. Por conseguinte, acarretará impedimento da Igreja em realizar a plenitude da catolicidade que lhe é própria. Embora incorporados pelo Batismo, não obstante, diante dos obstáculos de tais atitudes defensivas, consideramos que tais atitudes não favorecem a comunionalidade, o diálogo fraterno e a valorização da intersubjetividade dos interlocutores na qual somos chamados à unidade.

Por outro lado, na aventura dialogal, complementa Teixeira, “quando em uma relação nega-se a singularidade da diferença, o interlocutor permanece só e empobrecido” (TEIXEIRA 2008, p. 143). Evidenciando o valor da vivência relacional em comunidade, Michael Amaladoss corrobora destacando que a comunidade

transcende a identificação de pessoa com o próprio grupo religioso ou ideológico, e ainda acrescenta: “se não formos capazes de nos contrapor às perspectivas individualistas e competitivas, jamais seremos capazes de vivermos pacificamente em um mundo pluralista” (AMALADOSS, 2006, p. 85).

### **3.2.7 A falta de convicção da própria fé**

Estes elementos e outras formas de pensar comprometem a singularidade das diferenças. São mal-entendidos que podem trazer graves consequências no campo da missão em diálogo. Na visão de Faustino Teixeira, “não é colocando a fé em suspenso que se consegue chegar de forma mais profunda ao universo do outro”. Neste contexto, Andrès Torres Queiruga também ressalta que a missão não se trata de uma universalidade de conquista, na qual a revelação está concentrada unicamente em uma tradição bíblica. Estas são maneiras de jogar com a horrível tentação de um exclusivismo cristão, que já deveria ter sido sepultado e esquecido (QUEIRUGA, 2007, p. 69).

Dado que a missão em diálogo e a convivência com outras religiões não está restrito aos especialistas e não converge para a traição da fé, diante destes dados Queiruga (2007, p. 140) assim descreve:

O diálogo não é, portanto, um capricho, mas constitui uma condição intrínseca da verdade, porque não é possível aproximar-se sozinhos, fechados nos egoísmos dos próprios limites, da riqueza infinita da oferta divina. Unicamente todos juntos, dando e recebendo, num contínuo intercâmbio de descobertas e experiência, de crítica e enriquecimentos mútuos, vai-se construindo na história a revelação salvífica.

Em contrapartida, em uma visão mais positiva, vemos que o diálogo está intrinsecamente presente na convivência interpessoal das religiões, sobretudo no que diz respeito à missão. De forma que Sinner (2007, p. 130), em outras palavras, confirma que o “diálogo implica uma posição própria e uma postura de abertura frente ao outro”, na qual seremos capazes de fazermos a leitura da própria fé da fé do outro e da outra. Além disso, na confiança de um Deus que deseja salvar a todos ressalta que na convivência e na interrelação posso aprender com o outro e com a outra. E reafirma: a relevância da hermenêutica da confiança, onde através da mesma nos ajudaremos mutuamente, sobretudo no conhecimento de Deus e do nosso lugar no mundo.

Daí, podemos inferir a relevância da convicção da própria fé, na qual essa transcende quaisquer grupos seletos, determinados aglomerados, religião ou especialista no assunto. Por outro lado, um sentimento arraigado de pertença à uma determinada fé, na busca de uma identidade, muitas vezes se torna espaço gerador de conflitos, na insegurança de trair a própria fé. Neste sentido, percebemos fragilidade na convivência fraterna entre os que professam a mesma fé e conseqüentemente uma recusa explícita a qualquer relacionamento dialogal, o qual leva ao enfraquecimento da missão em diálogo.

A missão em diálogo não é uma técnica para conseguir determinados resultados, nem meio de conquista ou proselitismo. De mais a mais, não é uma prática manipuladora para converter as pessoas à sua própria religião. Também não é um serviço oportunista de estratégias para convencer as pessoas de suas fragilidades e erros. Mais do que ideias e convicções, é atenção, acolhida, relacionamento aberto de estima pelo outro. Como diz o Papa João Paulo II, “o diálogo, um caminho que conduz ao Reino e, certamente dará frutos, mesmo se os tempos e os momentos estão reservados ao Pai” (RMI 57).

Nas esteiras do Vaticano II, assim é o desejo de Aparecida: despertar novas formas de discipulado de missão em comunhão. Por isso afirma que “cabe observar que onde se estabelece o diálogo diminui o proselitismo, crescem o conhecimento recíproco e o respeito, e se abrem possibilidades de testemunho comum” (DAp. 233).

### **3.2.8 Convicções religiosas e expressões de espírito polêmico**

Segundo Teixeira (2007, p. 192), “um dos maiores entraves para o diálogo é o sentimento de predomínio sobre os outros”. Tendo em vista que polêmica não é sinônimo de violência ou discórdia hostil e, as vezes, necessária para a busca do conhecimento, contudo, consideramos que todo espírito polêmico baseado em uma convicção religiosa centrada em si mesmo, sem possibilidade de abertura ao diferente, pode abafar a criatividade e compromisso comum em favor da missão, na construção do Reino. Neste sentido, é muito difícil em um mundo plural a preservação de identidades isoladas e estanques. Além disso, muitas vezes, prontas para a

repugnância e diante do risco se reage com afirmações ortodoxas. (TEIXEIRA, 2007, p. 194).

Em contraposição, o fiel discípulo missionário de Jesus Cristo, mesmo tendo consciência da urgência da atividade missionária da salvação em Cristo, testemunhada e anunciada pela igreja, como a auto comunicação de Deus (RM 7), não realiza essa atividade de forma isolada com desrespeito ao diferente. Busca considerar as outras crenças, como pedagogia divina para atrair assim as pessoas, respeitando suas culturas e anseios espirituais. Em uma atitude dialogante, alimenta no seu coração o desejo de partilhar a sua experiência de Cristo com o irmão e a irmã de outras experiências religiosas (cf. At 26,29; ES 46; DM 40).

Em uma perspectiva mais positiva, o Concilio Vaticano II também exorta o cristão, que pelo diálogo, colaboração, prudência, caridade e testemunho de vida cristã, reconheça, conserve e promova os bens espirituais, morais e os valores culturais presente nos seguidores de outras religiões. Não obstante, não descuidem da obrigação de incansavelmente anunciar Cristo, “caminho, verdade e vida” (Jo. 14,6). Pois Nele, as pessoas encontram a plenitude da vida (NA 2).

### **3.2.9 Falta de reciprocidade, intolerância, fatores políticos, econômicos, raciais e étnicos**

Diante da falta de reciprocidade no diálogo e frente as constantes atitudes de intolerâncias, o Papa João Paulo II já argumentava a tendência do mundo moderno de reduzir o ser humano unicamente à dimensão horizontal sem abertura ao Absoluto. “Buscam construir uma humanidade sem Deus” (RMi 8). Sem embargo, nos tempos atuais, percebemos o crescimento das intolerâncias, atitude mental caracterizada pela falta de habilidade ou vontade em reconhecer e respeitar diferenças ou crenças segundo suas verdades. Muitas vezes configurada por atos de violência ideológicas ou até mesmo física, levando à degradação as relações sociais e morais. Tais comportamentos obstaculizam a reciprocidade da missão em diálogo.

Conquanto o Vaticano II reafirme, no que se refere à religião, todas as pessoas, pela sua própria dignidade, são impelidas e moralmente obrigadas a procurar a verdade. Além disso, também tem obrigação de aderir à verdade conhecida. E livres

de qualquer coação, quer por parte dos indivíduos, grupos sociais ou qualquer autoridade humana, em matéria religiosa, ninguém seja forçado a agir contra a própria consciência e ordenar toda a sua vida segundo as exigências desta verdade (DH 2).

Diante dessas constatações desoladoras, o Vaticano II, levando em conta a possibilidade de superação, aponta como meio o diálogo fraterno. Na qual o mesmo não se realiza em vista de progressos técnicos, econômicos e políticos, mas ao nível mais profundo da comunidade de pessoas, a qual exige o mútuo respeito da sua plena dignidade espiritual. Isto só será possível se cada um renunciar aos próprios preconceitos e se mostrar disposto a um diálogo sincero (GS 23.85). Então, assim conclui o Vaticano II:

Por nossa parte, o desejo de um tal diálogo, guiado apenas pelo amor pela verdade e com a necessária prudência, não exclui ninguém; nem aqueles que cultivam os altos valores do espírito humano, sem ainda conhecerem o seu autor; nem aqueles que se opõem à Igreja, e de várias maneiras a perseguem. Como Deus Pai é o princípio e o fim de todos eles, todos somos chamados a ser irmãos. Por isso, chamados pela mesma vocação humana e divina, podemos e devemos cooperar pacificamente, sem violência nem engano, na edificação do mundo na verdadeira paz (GS 92b).

Portanto, como irmãos e irmãs, criaturas, filhos de um único Pai, fonte da missão, somos vocacionados à cooperação de um mundo mais fraterno na qual, em comunhão, construir relações de fraternidade em vista do bem comum. Pois, temos um bem comum que ultrapassa qualquer interesse próprio, o Reino de Deus. Assim sendo, pela força da sua vocação humana e cristã, o discípulo missionário de Cristo é chamado a viver o diálogo na sua vida cotidiana, quer se encontre em situação de maioria, quer em situação de minoria (DM 30).

Neste sentido, o diálogo recíproco será o fundamento das relações entre as Igrejas, considerando a dignidade da pessoa na vivência da comunhão fraterna das relações interpessoais. O diálogo é a ponte que possibilita derrubar muros e construir a paz. Além disso, onde a vida da humanidade é marcada pelas “bipolaridades” o diálogo destrói os muros de silêncio levantados nas realidades de contrastes. (SUESS, 2017, p. 63). Portanto, é “um bem que não consiste em coisas, mas nas próprias pessoas que mutuamente se dão no diálogo” (EG 142).

### 3.2.10 O materialismo, a indiferença religiosa e as seitas religiosas

Nos tempos atuais, o desequilíbrio do que sofre o mundo, em diversos aspectos, social, político religioso, econômico e ambiental, leva a humanidade a sofrer em si as divisões, a discórdia, fundado sobretudo no desenfreado materialismo. A busca pragmática e imediatista pelo materialismo, sem critérios éticos, desafia cada vez mais o dinamismo da missão em diálogo. Por isso Aparecida recomenda,

O discípulo e missionário de Cristo que se empenha nos âmbitos da política, da economia e nos centros de decisões sofre a influência de uma cultura frequentemente dominada pelo materialismo, pelos interesses egoístas e por uma concepção do homem contrária à visão cristã. Por isso, é imprescindível que o discípulo se fundamente no seguimento do Senhor que lhe concede a força necessária, não só para não sucumbir diante das insídias do materialismo e do egoísmo, mas para construir ao redor dele um consenso moral sobre os valores fundamentais que tornam possível a construção de uma sociedade justa (DAp 506).

O papa João Paulo também impele para o cuidado e atenção no corajoso caminho para a unidade. Neste sentido, indica como caminho evitar todo tipo de indiferença, para tanto se faz necessário a clareza e a prudência da fé. Como superação, o papa apresenta o diálogo da caridade como método a seguir para a plena comunhão (UUS 60.79).

Diante dos desafios apresentados e as possíveis indicações positivas para superações dos mesmos, dissertamos a considerável descrição sobre a importância do diálogo em vista da comunhão e da superação, apresentado por Ronilda Iyakemi Ribeiro. Aqui, ela apresenta este vocábulo diálogo, como central para a promoção da justiça e da paz. Por isso, afirma a importância do diálogo na interioridade de cada integrante nas diversas religiões. Tanto no âmbito de intersubjetivo como nas relações interpessoais. Ao escrever sobre relações dialéticas e dilemáticas aponta que há pessoas incapazes de vivenciar relações dialógicas e dialéticas. Entre essas pessoas, cita como exemplo aqueles empedernidos nas suas próprias crenças.

E ainda recorda, que todo diálogo exige compromisso com a própria convicção e ao mesmo tempo transformação de posturas para o exercício da escuta acolhedora. Explicita que um diálogo autêntico supõe encontros humanos marcado pela alteridade com capacidade de conviver com as inquietações própria deste caminhar. Assim ela afirma: “para o diálogo é indispensável pôr para conversar os seus que compõem o coletivo” (RIBEIRO, 2018, p. 71).

Considerando que os elementos que dificultam a missão em diálogo, mesmo que reais, não subestimam as possibilidades da missão em diálogo. Por isso, o Documento Diálogo e Anúncio sublinha:

Houve progressos na compreensão recíproca e na cooperação ativa. O diálogo também teve um impacto positivo sobre a própria Igreja, também outras religiões foram levadas através do diálogo, a renovação e a uma maior abertura. O diálogo inter-religioso permitiu à Igreja compartilhar com os outros valores evangélicos. É por isto que, apesar das dificuldades, o empenho da Igreja no diálogo se mantém firme e irreversível (DA 54).

O diálogo, então, não brota de oportunismos táticos do momento, mas sim de razões que a experiência, a reflexão, bem como as próprias dificuldades, fora aprofundada. É neste sentido que a igreja se abre ao diálogo por fidelidade à pessoa. Porque em cada homem e em cada grupo humano há a aspiração e a exigência de ser considerado e de poder agir como sujeito responsável (DM 20.21).

### 3.3 JESUS DE NAZARÉ, SUA PRÁTICA RELACIONAL DE UMA MISSÃO EM DIÁLOGO

Jesus de Nazaré, o que Ele fez em sua prática relacional de missão? Primeiramente, Jesus vive sua missão dialogal *ad intra*, “Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 15,24), uma práxis missionária dirigida ao seu povo Israel, com um agir a partir de uma nova relação com o Abbá e com o povo, criando assim o círculo dos doze para ficar com ele e ser enviado por ele (Mc 3,13-19). Suess (2008, p. 181) descreve que Jesus de Nazaré é a missão em diálogo inserida no coração da história e cultura do seu povo. Ele veio para derrubar os muros marcados pela corrupção do pecado e recuperar a imagem de Deus nos rostos humanos em uma relação livre entre iguais e diferentes.

Com esta prática Jesus de Nazaré, a própria salvação da pessoa humana Deus não realiza de forma individualista, mas junto a um povo que o segue e vive em constante diálogo com Ele, o Senhor da História. O Filho de Deus, Palavra que se faz carne e veio fazer parte da humanidade. Participa da vida social de todos, armando sua tenda no meio de nós (Jo 1, 14; Jo 3,16 GS 32).

Jesus Nazaré, o missionário do Pai, tornar-se o Cristo dialógico, que com a sua Encarnação e missão constrói a unidade a partir da articulação da humanidade excluída e marginalizada do seu tempo. Assim completa o Concílio Vaticano II,

O Filho de Deus, pelo caminho de uma verdadeira Encarnação, veio fazer as pessoas participantes de sua natureza divina e, sendo rico, fez-se por nós necessitado para que nos tornássemos ricos da sua pobreza [...]. De si mesmo disse Cristo, a quem o Pai santificou e enviou ao mundo (Jo 10,36): “O Espírito do Senhor está sobre mim; por isso me ungiu e me enviou a anunciar a boa nova aos pobres, a sarar os contritos de coração, a proclamar a libertação dos cativos e a restituir a vista aos cegos” (Lc 4,18). (AG 3).

Guiado e cheio do Espírito Santo, e a partir de sua intimidade com o Pai, Jesus vence as tentações de se colocar acima das demais pessoas. São tentações de satanás na qual ele vai superando ao longo de toda a sua missão. Os sinóticos apresentam (Mt 4,1-11; Mc 1,12-13; Lc 4, 1-13) o clímax dialógico do Nazareno com as forças do mal, dizendo “não” às sugestões do seu tempo e afirmando sua missão livre no cumprimento da vontade do Pai. O que o autor, a carta aos Hebreus, ressalta: “*eis que venho... para fazer, ó Deus, a tua vontade*” (Hb 10,9). Resistindo estas tentações, Jesus de Nazaré revela sua opção de se colocar próximo, de forma relacional com toda a humanidade (FORTE, 1985, 248-249).

Apesar das tentações no viver de sua missão, a missão *ad extra*, Jesus a vive na escolha do caminho do diálogo e do serviço. O Documento Diálogo e Anúncio (21) diz que Jesus busca entrar em diálogo com os diferentes do seu tempo, em uma atitude de abertura para com os homens e as mulheres que não pertenciam ao Povo Eleito. Assim, realizou milagres, sinais da vinda do Reino com a prontidão do centurião em crer, dizendo que “nunca tinha encontrado uma tão grande fé em Israel” (Mt 8,5-13). Beneficiou os “estrangeiros” (cf. Mc 7,24-30; Mt 15,21- 28). Dialogou com a mulher Samaritana e lhe falou da hora em que o culto não seria limitado a um lugar particular, mas os verdadeiros adoradores “hão de adorar o Pai em espírito e verdade” (Jo 4,23).

Vemos ainda que Jesus se relacionava com as pessoas independentemente da vivência de suas experiências. Logo, é capaz de ver, em cada interlocutor, a fé necessária à salvação. Por isso, se deixou tocar pela mulher com fluxo de sangue, considerada impura pela religião (cf. Mc 5, 25-34). Elogiou o samaritano e apresentou sua prática como exemplo a seguir (Lc 10, 25-37). Comoveu-se com a gratidão do leproso, observando que ele era um samaritano (Lc 17,11-18). É capaz de reconhecer os direitos e a boa intenção dos diferentes, dos de fora, por isso corrige os discípulos

(Mc 9, 3-40). E advertiu severamente aqueles que se julgavam dono de Deus e da religião, por isso, no qual não entrarão no Reino de Deus (Mt 23,13).

Por isso, o Vaticano II, através da Constituição dogmática *Dei verbum*, (2) afirma que Deus no seu amor fontal vem dialogar e se relacionar com a humanidade através de Jesus de Nazaré. “Como Aproveu a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade” (Ef. 1,9). Assim, por Jesus, o missionário do Pai, a humanidade tem acesso ao Deus que é amor e pelo Espírito Santo se tornam participantes da vida divina (cf Ef. 2,18; 2 Ped. 1,4). Este amor revelado dialoga, convive e se relaciona com seus interlocutores como amigo (cf. Ex. 33, 11; Jo. 15,14-15).

Por conseguinte, através de Jesus, a forma relacional de Deus e sua solidariedade com a humanidade chega a todos. Por sua vez, Jesus, o missionário do Pai, com sua ação dialógica revela que o Pai, fonte da missão, é amor e misericórdia. Neste sentido, Jesus de Nazaré revelou o amor do Pai e a sublime vocação de toda a pessoa que é amar. Assim, Wolff, (2015, p. 230) considera o evento cristológico como o eixo de unidade entre os cristãos e o *Kerigma* é apontado como ponto de partida e como eixo dialógico entre as diferentes Igrejas.

Dessa maneira, vemos que Jesus, o Filho de Deus, pelo caminho de uma verdadeira Encarnação, que sendo rico, por nós, se fez pobre, para que nos tornasse ricos da sua pobreza (Cl. 3, 5-10; Ef. 4, 20-24; AG 3). Considerou todas as realidades sociais comuns e se servindo de uma vida comum. Realizou sua missão sem de nada prevalecer, isto é, viveu uma vida igual à própria vida do povo. Construiu e conviveu relações sociais buscando levar uma vida comum do seu tempo (GS 32).

Por isso o Vaticano ainda assegura que a vida humana de Jesus de Nazaré, “o médico corporal e espiritual”, conforme assim o chama o Vaticano II, louvado em tudo, foi, na unidade da pessoa do Verbo, o instrumento da nossa salvação (SC. 5). Como afirma o papa João Paulo II, “Cristo é o Verbo que ilumina toda pessoa humana, porque nele se manifesta ao mesmo tempo o mistério de Deus e o mistério do homem” (RH 8, 10, 11, 13).

A prática dialógica relacional de Jesus se dá, portanto, a partir do seu próprio coração manso e humilde (Mt 11,29). Nesta perspectiva ontológica, Jesus de Nazaré atraiu e convidou com muita paciência os seus discípulos (Jo 6,69). Uma prática missionária cuja apresentação se relaciona com a do servo (Is 42,1-4). Assim, o

diálogo com seus interlocutores é realizado sem qualquer coação. Realiza um anúncio expresso pela proximidade, compaixão, e por sinais de libertação.

Além do mais, se esquivando de toda forma de plausibilidade de um Messias político e dominador, preferiu se chamar Filho do homem, que veio “para servir e dar a sua vida para redenção de muitos” (Mc 10, 45). Àqueles que contradizem a sua verdade não os contrapõe de forma impositiva (Jo 18,37). O seu reino não se defende pela violência (Mt 26, 51-53; Jo 18,36.), mas se implanta pelo testemunho, pela escuta da verdade; pelo diálogo e cresce pela prática do amor. O Vaticano II enfatiza que, finalmente, Jesus de Nazaré, realizando na cruz a obra da redenção, alcança para toda a humanidade a salvação e verdadeira liberdade, completando assim a sua revelação (DH 11).

Logo, em razão disso, o próprio Vaticano II ressalta este alcance de redenção à toda a humanidade ao dizer que um raio desta Verdade ilumina toda a humanidade (NA 2). Além disso, essa redenção oferecida por Jesus não está distante de nenhum povo, mesmo daqueles que o desconhecem. Já que é Ele a revelação perfeita daquele que dá a vida à toda criatura (cf At. 17, 25-28). Como Salvador, quer que toda a humanidade seja salva (cf 1 Tim. 2,4). Pois, “tudo nele é meio e caminho de revelação e de salvação” (EN 6-12).

Assim, Deus de modos diversos, muitas vezes, no passado se revelou ao mundo e agora se comunicou ao mundo através de seu Filho Jesus (Hb 1,1). É incontestável para os que professam a fé no cristianismo a relevância da alta revelação de Deus em Jesus de Nazaré. Por conseguinte, Deus tem modos diferentes de se manifestar à humanidade, logo, a fé cristã não tem o monopólio da verdade sobre Deus, portanto, a revelação cristã não é exclusiva (WOLFF, 2016, p. 123).

Assim sendo, não obstante as diferenças, na perspectiva do Vaticano II, o desafio para os cristãos enviados em missão será em identificar os elementos da graça presente em outras formas de expressão de fé. E em uma atitude dialogante, acolher essas experiências autênticas com elementos de verdade e graça, verdadeiro e santo, presente em outras tradições religiosas. E neste sentido, são também caminhos de salvação para os seus membros. Eis portanto o desafio (GS 92; LG16, AG 3; DA 30).

Em vista disto, podemos então vislumbrar que Jesus, a revelação do Pai, abre um horizonte novo que vai além do que é puramente local para uma universalidade que é cristológica e pneumatológica no seu caráter (DA 21). Diz Córdova (2014, p.

23), os Evangelhos nos apresentam uma prática de Jesus que revela um senso de pluralidade e inclusão ao praticar um projeto humano conjunto, cheio de igualdade, não tingido de caráter homogeneizador.

De forma plausível, a ação missionária de Jesus de Nazaré, concretamente realizada em sua missão, confiada a Ele pelo Pai, revela que o seu testemunho de se dar a si mesmo, e que São Lucas recolheu no seu Evangelho, "eu devo anunciar a Boa Nova do Reino de Deus" (Lc 4,42), tem, seguramente, uma grande importância porque define, em uma frase apenas, toda a missão: "para isso é que fui enviado" (Lc 4,43) (EN 6). Por isso é que Mosconi (2015, p. 83) diz que Jesus de Nazaré é a revelação que mais nos aproxima de Deus Pai, fonte da missão. É neste sentido que o Documento Diálogo e Missão (15.) descreve:

A vida de Jesus contém todos os elementos da missão". Segundo os Evangelhos, sua prática manifesta-se com o silêncio, com a ação, com a oração, com o diálogo e com o anúncio. A sua mensagem é inseparável da ação; anuncia Deus e o seu Reino, não só com as palavras, mas também com os fatos, e com as ações que realiza. Aceita a contradição, o insucesso e a morte; a sua vitória passa pelo dom da vida (DM 15).

Nisto, o Concílio Vaticano II reconhece e renova essa compreensão cristológica ao afirmar que a prática missionária de Jesus Cristo se desenvolve a partir de sua encarnação no meio da humanidade. Pelo despojamento (FI 2,7) de si próprio, o Filho de Deus, se uniu de certo modo à todas as pessoas. Por isso, em sua vida de missão "trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado" (GS 22).

### 3.4 DIÁLOGO DE SALVAÇÃO COMO PROJETO DIALÓGICO DE JESUS

Casaldáliga (1998, p. 49) afirma que o "Filho de Deus não se encarnou nas nuvens, mas se encarnou em um ser humano, em um povo, em uma cultura, em uma estrutura e em uma conjuntura". E acrescenta, "a Igreja não pode querer outra missão a não ser a missão de Jesus". Assim, o Deus que é amor, veio dialogar com a humanidade, através do envio do Filho Jesus Cristo. E através dos discípulos e

discípulas, de forma dialogante com os povos, dar prosseguimento à sua missão. Portanto, assim corrobora Natel (2013, p. 6),

A realidade do diálogo está enraizada no fato de que, desde a criação do mundo, Deus age e continua agindo na história e, como tal, todas as realidades humanas estão sob a luz do "verbo" de Deus. O anúncio, por sua vez, está profundamente ligado ao mandato de Jesus de ir para o mundo todo e pregar o Evangelho a todas as criaturas e, também, está profundamente ligado à necessidade de comunicar o tesouro que foi encontrado. Para o missionário, o ponto de partida é sua fé em Jesus Cristo, mas sabe, também, que o diálogo representa a busca do rosto de Deus que se encontra presente também em diferentes povos e em diferentes culturas e religiões. Esta dinâmica "diálogo-anúncio" deverá acompanhar constantemente a vida missionária nos próximos anos e deverá ressoar como uma resposta à realidade do "ad gentes" e da "paganização".

Para ir ao encontro dos rostos de Deus, muitas vezes feridos e machucados, nos diferentes povos, segundo Amaladoss, nos tempos atuais, Deus continua a chamar e a enviar ao mundo discípulos e discípulas. Mundo este, marcado por conflitos entre forças do bem e do mal, o mesmo Deus chama e envia. À maneira de Jesus de Nazaré, assim deverá ser o discípulo. Viver, relacionar e dialogar com todas as formas de diferentes povos e culturas, onde o viver deve falar mais alto que as palavras. Jesus continua apresentando um novo modo de vida, muitas vezes em contrastes com as práticas dos tempos atuais (AMALADOSS, 2000, p. 71).

Em consequência, nos tempos hodiernos, as configurações que desafiam a nova proposta de Jesus de Nazaré e que, por conseguinte, enfraquece toda e qualquer forma de relacionamento humano destacam-se: o individualismo, a corrupção, intolerâncias, manipulação e mercantilização da fé, secularismo, relativismo, indiferentismo, a violência, desigualdade social, racismo, xenofobia, feminicídio, devastação do planeta, sobretudo com a degradação ambiental. E ainda mais, o enfraquecimento do exercício dos direitos humanos, o atenuado desemprego, conflitos na política, na economia e na saúde e sobretudo, a desproteção social desde as crianças até os idosos.

Em meio a tudo isso, se expande cada vez mais a pobreza, a fome que em poucos meses leva à morte milhões de pessoas, às guerras, às migrações e refugiados. Outrossim, é o crescente número de novas doenças que, de forma pandêmica, assola toda a humanidade gerando sofrimentos físicos, psíquicos, sociais, econômicos, religiosos e, subitamente, levando à morte um grande número de pessoas em todo o planeta.

Todo esse mal-estar que aflige as relações humanas leva à compreensão a teoria de Freud (1974a) sobre o mal-estar da civilização. A teoria freudiana considera que o desenvolvimento da civilização pode ser compreendido como um processo peculiar experimentado pela humanidade, caracterizado pelas modificações que ele mesmo ocasiona nas habituais disposições pulsionais. Nesta sequência, ele apresenta a sublimação como aspecto evidente para tornar possível o desenvolvimento da pessoa em suas atividades psíquicas, científicas, artísticas ou ideológicas (FREUD, 1996, p.103).

Este breve olhar sobre a complexa realidade acima apresentado, um contexto embaçado, em dores, conduz o fiel discípulo missionário a reconhecer e testemunhar que não está sozinho. Mas, diante dos desafios do mundo de hoje, mudanças históricas com fidelidade criativa tem o seu horizonte em Jesus de Nazaré. O Filho de Deus, e missionário do Pai que, pela sua encarnação, missão, morte e ressurreição, perscrutou os corações das pessoas e por meio de relações humanizadas concretizou a missão recebida, do Pai em uma prática de missão em diálogo. Logo, imbuídos pelo espírito de Cristo, seus discípulos e discípulas, conduzidos pela luz divina, são vocacionados a se relacionarem com as realidades dos quais vivem e convivem.

Neste sentido, Aparecida diz: “não podemos ficar tranquilos em espera passiva em nossos templos” (DAp, 548). Logo, o desafio da missão é não se sentir sozinho, mas de forma dialogante, dar as mãos com aqueles que percorrem outros caminhos de fé. O Papa Francisco ressalta que “devemos sempre lembrar que somos peregrinos e peregrinamos juntos” (EG 244). Somos enviados a conversar com o companheiro de estrada. E como afirma o Vaticano II, através de um diálogo sincero e paciente, aprender as riquezas que Deus liberalmente outorgou aos povos. Assim, se faz mister, “esforçar-se por iluminar estas riquezas com a luz evangélica, por libertá-las e restituí-las ao domínio de Deus Salvador” (AG 11.41; AA 14.29).

Confiante na presença do Ressuscitado que pela sua Palavra e gestos sacramentais, continua hoje seu projeto de libertação, suas palavras ainda se dirigem a todos aqueles e aquelas que o seguem (Mt 28,10). Neste seguimento, cabe ressaltar que por fidelidade a Cristo e a sua missão, o Vaticano II, com seu espírito renovador e inovador, não obstante, as mudanças históricas e os constantes desafios que hoje o mundo apresenta, despertou a Igreja para o anúncio de uma ação missionária em atitude dialogante.

Tendo em vista que a missão que Jesus confia a seus discípulos não é apenas uma tarefa e sim uma identidade (LG 9b) que os projetava além de si, no anúncio, no serviço e no testemunho do Reino de Deus ao mundo inteiro mediante as diversas culturas da humanidade. Podemos dizer que a missão em diálogo é um serviço ao Reino de Deus que, na busca de fidelidade ao Espírito de Deus, procura recriar no hoje da História. Conforme a Palavra retrata sobre o anúncio de Cristo, “era grande a alegria em Samaria, todos unânimes com atenção escutavam o que Filipe dizia, pois viam os milagres que ele fazia” (At. 8,6-7).

Costalunga (2013, p. 107) afirma que, como Jesus na força do Espírito, a igreja vive a missão no mundo a partir dos pobres e excluídos. Uma missão que ao longo dos séculos, por fidelidade ao Mestre, se concretiza nas resistências e forças em favor da vida. Isto significa que os discípulos e discípulas do ressuscitado optam pelas situações missionárias não por algumas horas, por alguns dias ou por algum tempo da vida para dar testemunho do evangelho. As situações missionárias são os lugares teológicos a partir dos quais anunciamos a Boa Nova à toda pessoa humana.

Não obstante, as turbulências históricas que muitas vezes comprometem as relações como um todo no cosmo. Uma missão em diálogo, pela vivência interpessoal, o diálogo respeitoso com as diferentes realidades que a missão implica, busca trilhar os mesmos passos de Jesus (cf. Mt 9, 35-36). Ele, o Senhor, se fez servidor e obediente até à morte de cruz (Fl 2,8); sendo rico, escolheu ser pobre por nós (2 Cor 8,9). Aqui podemos aplicar o que diz o Vaticano II, “o mistério do ser humano só se ilumina de fato à luz do mistério do Verbo encarnado” (GS 22).

Neste sentido, é de suma importância a compreensão de este mistério, a igreja em missão é vocacionada a continuar como diálogo de Salvação conforme apresentado pelo papa Paulo VI. Por isso, o pontífice, em pleno andamento do Vaticano II, apresenta as características necessárias da relação de diálogo de Deus com a humanidade por meio de Jesus Cristo no Espírito Santo, dizendo:

O diálogo da salvação foi aberto espontaneamente por iniciativa divina: "Ele Deus foi o primeiro a amarmos" (1 Jo 4,10). A nós tocará outra iniciativa, a de prolongarmos até aos homens esse diálogo, sem esperar que nos chamem. O diálogo da salvação partiu da caridade, da bondade divina: "Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu Filho Unigênito" (Jo 3,16). Nada, senão o amor fervoroso e desinteressado, deve despertar o nosso. O diálogo da salvação não se proporcionou aos méritos dos interlocutores convidados, nem aos resultados que iria conseguir ou que teriam faltado: "Os sãois não precisam de médico" (Lc 5,31). Também o nosso diálogo deve ser sem limites nem cálculos. O diálogo da salvação não obrigou fisicamente ninguém a responder: foi pedido insistente de amor que, se constituiu responsabilidade tremenda naqueles a quem foi dirigido (cf. Mt 11,21). (ES 42-43).

O teólogo Andrés Torres Queiruga diz que a vida de Jesus, habitada pelo Espírito, realizada na confiança relacional com o Pai e na doação aos irmãos, é a vida que culmina na ressurreição. É aqui que se enraíza a força do chamado ao seguimento, de forma livre, exigente e criativa. Um seguimento que supera qualquer entusiasmo e manipulação ideológica. Portanto, ser como Cristo é a meta que esperamos, mas o caminho é a vida concreta do Jesus terreno. Mostra que o caminho de sua vida é o verdadeiro para qualquer homem e mulher. Assim apresenta as chaves fundamentais de qualquer vida que queira se autenticar:

“A confiança amorosa e reconciliada no Abba, Pai/Mãe, como atitude fundamental; o amor e o serviço aos irmãos como práxis de vida; a esperança no Reino, como salvação definitiva: esse é o estilo da vida verdadeira, que não será aniquilada pela morte, mas realizar-se-á plenamente como vida ressuscitada” (QUEIRUGA, 2010, p. 226-228).

Portanto, este estilo de vida, o Vaticano II, descreve como um verdadeiro testemunho de vida, na qual o discípulo missionário de Cristo procurará através do anúncio de Cristo, trabalhar na salvação e libertação da humanidade. Não de forma isolada, conforme afirma Brighenti (1998, p. 96), “o isolamento é esterilizador”, mas em comunhão com as diferenças. Assim, mesmo quando não se pode anunciar plenamente a Cristo, o missionário busca estar unido às pessoas de forma relacional, dialogal, na vida e no trabalho. E na fidelidade do seguimento ao Mestre não procura o progresso e a prosperidade material dos homens, mas promove a sua dignidade e fraterna união (AG 12).

### 3.5 A RELACIONALIDADE NA MISSÃO EM DIÁLOGO

Não obstante os processos históricos e as mudanças de época, o projeto de Jesus segue como proposta de vida, e vida em abundância (cf Jo 10,10) para toda a humanidade. Essa constatação é coerente pelos tempos através da fidelidade dos discípulos e discípulas missionários. Pelo envio missionário, na relacionalidade fraterna, buscam com confiança levar avante a missão confiada. Segundo Vigil (2012, p. 446), o Diálogo, baseado em uma relação sincera, obviamente não se trata de converter o outro para atrair à sua religião, mas será uma oportunidade diferente de

buscar a face de Deus, que será revelada lá, de uma maneira provavelmente diferente do que ela experimenta.

Vigil ainda acrescenta que na missão em diálogo um dos pressupostos importantes na dimensão da relacionalidade é a disposição para ouvir as outras religiões, para aprender com suas riquezas ocultas, para experimentar Deus nelas. Neste sentido, os missionários vão, não apenas para se inculturar, mas também para se auto relacionar, encarnar na cultura e experimentar Deus por meio das riquezas presentes nas outras experiências religiosas. Em uma palavra, é transferir essa riqueza para as comunidades religiosas que as enviaram (VIGIL, 2012, p. 447).

Brighenti (1998, p. 16) ressalta que o Vaticano II faz do diálogo algo pertinente para a missão com a tentativa de romper com o eclesiocentrismo e o etnocentrismo. Assim, inaugura um novo modelo de missão, sobretudo, na forma de relações fraternas com as outras religiões e culturas. Neste sentido, a missão em diálogo é a proposta de processo de aproximação, relação fraterna, interpessoal, no qual implica a abertura e disposição sincera para ouvir. Ainda mais, por mais alheio que pareça, é um se colocar no lugar, em uma atitude de respeito dialogante.

Por isso, a relação dialogante não é somente um método para a realização da missão, mas um elemento autêntico de missão. Logo, a atitude de escuta faz parte do anúncio (BRIGHENTI, 1998, p. 70-71). Enfim,

Trata-se de estabelecer uma relação de simpatia, que permite conhecer o outro. Por isso o diálogo exige uma relação horizontal, e só ele comunica e gera uma práxis criadora e transformadora. Por isso se nutre do amor, da humildade e da confiança. O antidiálogo quebra as relações, estabelece uma relação vertical, desamoroso arrogante, desesperançoso, autossuficiente. Não é possível uma relação entre sujeitos, numa relação dominante (BRIGHENTI, 1998, p. 72).

Dessa maneira, Wolff (2016, p. 158) corrobora com o teólogo Agenor Brighenti ao afirmar que a missão em diálogo passa pela capacidade de acolher, de estabelecer empatia e simpatia pelo outro e sentir compaixão. E acima de tudo, reconhecer que o outro tem algo a me oferecer. Além disso, eu preciso dele para realizar a missão que o Senhor, fonte da missão, me confiou. Ainda mais discursiva, que de maneira isolada e sozinhos não há felicidade. Para tais atitudes, firma, porém, que a virtude da humildade é fundamental para as relações entre os crentes e que não há espaço e lugar para acolher o outro, quem está cheio de si.

Viver na solidão ou isoladamente pode ser uma expressão de ausência do outro. Neste caso, o fato de procurar um outro pode ser a necessidade de preencher

a experiência de ausência. Percebe-se aqui a peculiaridade do diálogo, isto é, uma forma de sair da solidão e do isolamento. Por isso, a importância do indivíduo buscar através do diálogo aqueles pressupostos essenciais, o qual favorece o preencher de toda a ausência, tais como: amizades, relações interpessoais, gestos de solidariedade, comunhão, aceitação do diferente, convivência, partilha, rodas de conversas e outros métodos (ANDRADE, 2008, p. 195).

Neste contexto, a missão em diálogo está em íntima e profunda relação. Pois, na ótica do dinamismo do Vaticano II, não é concebível uma ação missionária que posterga a dinâmica da relacionalidade e da integração intersubjetiva. Por isso, assim afirma Bombonato (2008, p. 46), o discípulo missionário oferece ao interlocutor o testemunho de uma vida coerente. Daí a relevância de que Anúncio e testemunho são duas maneiras que se complementam na missão do discípulo e da discípula, cuja ação se concretiza pela solidariedade em atitude de diálogo da proclamação da fé e do exemplo de uma vida baseada em relações fraternas.

Por isso, antes de mais nada, a tarefa da missão é a comunhão, é vida, vivida na inter-relação e no amor. Neste sentido, afirma o papa João Paulo II: a comunhão com os outros é o fruto mais lindo que as pessoas podem dar; Essa comunhão é, na verdade, um dom de Cristo e do Seu Espírito. Portanto, o papa expõe que:

A comunhão gera comunhão e reveste essencialmente a forma de comunhão missionária. Jesus, de fato, disse aos seus discípulos: A comunhão e a missão estão profundamente ligadas entre si, compenetraram-se e integram-se mutuamente, ao ponto de a *comunhão* representar a fonte e, simultaneamente, o fruto da missão: a comunhão é missionária e a missão é para a comunhão (Chl 32).

Na sequência, por isso que o próprio Papa João Paulo II recomenda ainda a relevância do exemplo de vida na própria ação. Neste caso, ele aponta que este modo de ser e de viver podem favorecer o melhoramento das relações entre os membros das diferentes religiões. Hoje são inúmeros os fiéis que vivem no meio de povos de outras religiões, tanto nas terras de origem como em terras de emigração. Por isso, adaptados às circunstâncias de vida de cada lugar, com uma vida testemunhal sejam um sinal do Senhor e da Sua Igreja.

Neste sentido, o Papa escreve que: “o diálogo entre as religiões tem uma importância fundamental, pois conduz ao amor e ao respeito recíproco, elimina, ou ao menos, atenua os preconceitos entre os adeptos das várias religiões e promove a unidade e a amizade entre os povos” (Chl 35).

O que até o momento dissertamos sobre os pressupostos na relacionalidade, se justifica que o ser humano é por sua natureza um ser relacional. Portanto, quanto melhores e mais positivos forem os nossos relacionamentos interpessoais, principalmente no âmbito relacional da missão, maiores são as chances de construirmos conexões verdadeiras com os grupos com as quais convivemos e dialogamos. Todavia, se faz necessário considerar os processos de autoconhecimento, de empatia, tolerância e autoestima.

E assim, juntos, na mesma travessia, na relacionalidade da comunhão fraterna, prolongaremos o diálogo de Salvação, que pela misericórdia e bondade de Deus, fonte da missão, espontaneamente ofereceu à toda a humanidade independentemente de sua forma de crer. Pelo Vaticano II, somos convocados a “oferecer a todos o mistério de salvação e a vida trazida por Deus. A igreja deve se inserir em todos os agrupamentos, impelida pelo mesmo movimento que levou o próprio Cristo, sua encarnação, foi levado a se sujeitar às condições sociais e culturais da humanidade com quem conviveu” (AG 12)

### 3.6 A TRINDADE, O ARCHÉ DE RELACIONALIDADE DA MISSÃO

Assim afirma Brighenti (1998, p. 73), como na Trindade tudo é relação, do ponto de vista teológico, ela é o paradigma de toda a missão em diálogo. As três pessoas divinas estão estreitamente unidas pela relacionalidade, sempre uma em relação a outras. Como Arché<sup>5</sup>, a Trindade é a origem, a fonte e a meta para todo relacionamento interpessoal. Um Deus de dentro para fora no mundo para ser presença palpável, possível de se relacionar com toda a humanidade. Por isso, ele sai. Saindo de si, em vista da criação da *missio-Dei*. Sai na pessoa de Jesus de Nazaré (Gl 4,4) pela sua encarnação e guiado pelo Espírito (Lc 4,18-19) revela um Deus que reina. E pelo mesmo Espírito, Jesus, através do círculo dos doze, envia a igreja, a *ecclesia-Dei*, enviada em missão através de todo batizado na qual a missão

---

<sup>5</sup> KOUTANTOS Dimitrios, **Arché**: para os filósofos pré-socráticos, a arché/ἀρχή, origem, seria um princípio que deveria estar presente em todos os momentos da existência de todas as coisas: no início, no desenvolvimento e no fim. A fonte ou origem, foz ou termo último, e permanente sustento (ou substância) de todas as coisas”. Assim, é a origem, mas não como algo que ficou no passado e sim como aquilo que, aqui e agora, dá origem a tudo, perene e permanentemente: Disponível em: <[https://www.eduportal.gr/wp-content/uploads/2011/02/www.eduportal.gr\\_media\\_files\\_lexeis\\_2.pdf](https://www.eduportal.gr/wp-content/uploads/2011/02/www.eduportal.gr_media_files_lexeis_2.pdf)> acessado em 20.05.2020.

tem uma Igreja. E assim, um Deus que estende a todas as culturas para a geral comunhão (BEVANS, 2016, p. 27-31).

Neste sentido missão é comunhão, *koinonia*<sup>6</sup>, impulso amoroso, dom recíproco e comunicação de pessoas. Como fonte da missão, é o modelo para toda uma vivência de comunhão e diálogo. Neste sentido, Maçaneiro assegura:

Na comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo, que juntos (co)operam para a salvação universal, se encontra o arché, (princípio) donde se desenvolve e manifesta o mistério íntimo da Igreja: sua natureza e, sua sacramentalidade, seu significado e sua realização se vinculam frontalmente à *Koinonia* trinitária (MAÇANEIRO, 2004, p. 144)

O teólogo Elias Wolff destaca que a relação entre as pessoas da Santíssima Trindade é o protótipo de comunhão e relacionamento para toda pessoa humana. Por isso, a comunhão é relações fraternas, a essência mais profunda da natureza da Igreja. De mais a mais, como o próprio termo indica, envolve a interioridade, cria relações de compromisso mútuo tanto sociais como grupais e das partes que estão em relação apresenta uma efetiva interação. Outrossim, o termo *Koinonia*, cujo sentido é um bem, com a comum participação de muitos, tem sua forte demonstração na vivência das primeiras comunidades cristãs, nas quais por 19 vezes se encontra citada nos livros do segundo testamento, sendo 14 nas cartas paulinas. Assim, “comunhão descreve o dom da íntima relação dos cristãos com Cristo e com Deus” (WOLFF, 2015, p. 162-164).

Sinner (2008, p. 51) também sublinha que atitudes de alteridade, participação, confiança e coerência, são fundamentais para a convivência fraterna em vista da interação e a comunhão entre os seres humanos. Tais atitudes fundamentadas na Doutrina trinitária, *pericorética*, mistério de amor, identificar-se-á os traços de Deus. Sobretudo, quando vivenciada e testemunhada em uma verdadeira interação de comunhão e convivência, tanto no âmbito eclesial como também nas esferas da sociedade civil.

À visita disso, a Santíssima Trindade é o sentido da missão em diálogo. O Deus Uno e Trino nos desafia à vivência de uma relação de amor, alicerçada na comunhão.

---

<sup>6</sup> *Koinonia* do grego κοινωνία) significa comunhão. O termo é utilizado no cristianismo com o significado de **participação, companheirismo, comunicação, ter em comum, compartilhar**. O termo aparece pela primeira vez no Novo Testamento da bíblia em grego, mais precisamente em Atos 2,42, e explica a forma da vida cristã e como era compartilhada pelos seguidores de Jesus. Identifica de comunhão e unidade que deve existir dentro da igreja cristã. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Koinonia>> acessado em 20.05.20.

O Deus trinitário se revela a nós como estímulo para a prática da caridade, para o diálogo e a missão em vista do Reino de Deus. O discípulo missionário de Jesus, portanto, é chamado a corresponder à essa participação na comunhão trinitária, com atitudes transbordantes de amor, na relação fraterna com todos os irmãos e irmãs.

Não obstante, se faz necessário a superação dos desafios que os tempos atuais revelam, tais como: divisões, intolerâncias, competições, um análogo eclesiocentrismo que ainda impera em algumas comunidades cristãs. Contudo, a Trindade, como modelo de comunhão, de diálogo e complementariedade, é força motivadora para uma ação missionária que busca, acima de tudo, a mística dialógica e o compromisso de relações fraternas baseadas no acolhimento do outro em uma mútua relação.

Assim sendo, o Vaticano II revela alegria pelos os irmãos que invocam o Deus Trino e professam a fé ao Cristo Salvador. Não obstante, os modos diferentes de professar a fé em Cristo Jesus. Nisto, manifestam a pulsão do coração pelo desejo de unidade, e juntos aspiram a universalidade da Igreja enviada ao mundo inteiro. Por isso, são inúmeras as comunhões cristãs que trazem a beleza de ser discípulo missionário de Jesus. Tais atitudes, dos que creem em Cristo, demonstram, sobretudo, a alegria pela concretização do pedido de Jesus ao Pai e sua relação íntima com o Pai: “Pai, que todos sejam um, como tu, Pai, em mim e eu em ti; para que sejam um em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste” (cf. Jo. 17,21). (UR 1).

Assim, os cristãos, em *Koinonia*, na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo na vivência da relacionalidade na missão é epifania da caridade de Deus para com todos (cf. 1 Jo 4,9; 11,52) em vista à realização do Reino. À vista disso, o Vaticano II insiste na comunhão, na unidade dos que creem em Cristo, a exemplo do Deus Uno e Trino, que a todos propõe o seu projeto de redenção, no sentido de vida para todos (Jo 10,10). Por este motivo, recorda aos cristãos:

Lembrem-se todos os cristãos de que tanto melhor promoverão e até realizarão a união dos cristãos quanto mais se esforçarem por levar uma vida mais pura, de acordo com o Evangelho. Porque, quanto mais unidos estiverem em comunhão estreita com o Pai, o Verbo e o Espírito, tanto mais íntima e facilmente conseguirão aumentar a fraternidade mútua (UR 7).

Este lembrete do Vaticano II recorda aos cristãos a índole peculiar da vida de relacionalidade a partir do dom da comunhão. O Espírito reúne os dispersos para a vivência do dom da comunhão, em uma íntima relação com Cristo em Deus no Espírito

(Rm 8,15-17; 2Cor 13-14; Fl 2,1). Uma relação vertical com o Deus Uno e Trino, e uma relação horizontal com o mundo. A exemplo do Cristo Verbo encarnado que em sua missão uniu a dimensão humana e divina. Neste sentido, os que vivenciam esse dom terão como prêmio o suportar as dores do evangelho, receberão a consolação de Deus (2Cor 1,7). (WOLFF, 2014, p. 81-82).

Dessa maneira, Panazzolo, (2006, p. 28) sublinha que a missão da igreja é a mesma de Jesus Cristo, cuja origem está na Trindade. Nesse caso, intrinsecamente, a fonte da missão está na Santíssima Trindade. “Como o Pai me enviou, eu também vos envio” (Jo 20,21). Uma missão que se realiza no mundo e na história através dos cristãos em unidade, em comunhão que gratuitamente o Pai nos chamou à comunhão em vida. É a efusão do amor que vem da comunhão da Trindade. Assim a igreja, intimamente ligada à Trindade, é enviada em missão a todos os povos (cf. Mt 28,16).

Recordemos, então, o que diz Amaladoss, a missão de forma primária é “mistério de Deus, Pai, Filho e Espírito, ativo no mundo”. Esse mesmo Deus não age sozinho e isolado no mundo, mas nos chama e envia. O seu diálogo é contínuo, não é exclusivo. Por meio de gestos e ações, de forma progressiva, o seu amor se revela de maneiras simbólicas a todas as pessoas sem nenhuma distinção. Assim sendo, o nosso jeito de missão é o mesmo de Jesus: amor e autodoação. Logo, em comunidade, na comunhão fraterna, irmãos unidos, como servos, somos vocacionados a contemplar e a cooperar com o Reino de Deus no mundo (AMALADOSS, 2000, p. 67.71-76).

Nessa inter-relação, em um projeto de missão em diálogo, Amaladoss (2000, p. 131) ainda insiste que, no interesse do Reino, o diálogo é essencial, no qual supõe respeito e boa vontade para dar e para receber. O método indicativo é o reconhecimento de que o Espírito está ativo e presente em tantas outras pessoas de boa vontade, como também em outros credos e religiões.

### 3.7 A ÍNDOLE DA COMUNHÃO NO DIÁLOGO FRATERNAL

A partir do próprio envio missionário que Jesus faz aos seus discípulos e discípulas, missão não se faz de forma isolada, mas a partir de uma vivência de comunidade. O próprio Vaticano II, na Constituição *Gaudium et spes*, assegura que a

missão não se concretiza pelo profundo desenvolvimento do progresso, porém através do diálogo fraterno, cuja origem está no nível mais profundo de uma comunidade de pessoas. Uma relação fraterna que vive sua experiência a partir da exigência do mútuo respeito e da sua plena dignidade espiritual. E acrescenta que “a revelação cristã favorece poderosamente esta comunhão entre as pessoas” (GS 23).

Junqueira (2015, p. 171) registra que em 16 documentos conciliares do Vaticano II, 155 vezes aparece o termo comunidade. Por tanto, para ele, comunidade é grupo de ‘indivíduos, conjunto de interações de comportamentos humanos que mantendo sua própria identidade compartilham histórias e objetivos comuns. Por isso, o Vaticano II, no intuito de superar a visão hierárquica, apresenta a comunidade como elemento essencial para a vida em missão. E como protótipo, busca retornar o ideal das primeiras comunidades cristãs (At 2,42-47).

Em nota, esse texto Bíblico (At 2,42-47) é tão bem explicativo na Bíblia Sagrada, “tradução africana” que diz: nestas comunidades está a fidelidade aos ensinamentos dos apóstolos acerca de Jesus. A unidade vivenciada pela comunidade é expressão de confiança em Jesus a quem seguem e que por amor se fez pobre (cf. 2Cor, 8,9). Como resultado da efusão do Espírito, a fé manifestada pela comunidade cria solidariedade que se concretiza em sentimento de pertença, atenção uns para com os outros, de modo que ninguém passe necessidade. Desse modo, revela que o amor pelos irmãos supera qualquer bem material.

Por conseguinte, retomando Junqueira, constatamos que o Vaticano II, esse importante acontecimento eclesial traz um novo ar que respira a ascensão de renovação no que diz respeito as relações interpessoais para a vivência em comunidade no que diz respeito ao contexto eclesial. Neste sentido, os novos elementos essenciais para o desenvolvimento das experiências de comunidade é a consciência de: Povo de Deus, comunhão, comunidade teologal, esperança, caridade. O retrato de uma comunidade salvífica, onde através de sua palavra, Cristo de forma atuante se revela.

Logo, é perceptível pelos gestos vivenciais dessas comunidades que o plano de salvação de Deus está vinculado à comunidade. A revelação de um projeto libertador vinculado ao plano coletivo. Uma comunidade missionária que tem uma missão confiada por Jesus e uma vida de comunhão, atenta aos desejos divinos. Assim, cada membro, em relação fraterna, de forma cultural diversificada, impregna o mundo com o testemunho cristão. Confirmando, então, o espírito de unidade, de

diálogo que deve conduzir às relações fundadas em Cristo (JUNQUEIRA, 2015, p.171-172).

Nessa sequência, salienta Amaladoss, que uma comunidade unida no amor mútuo e serviço, por meio da Palavra e do Espírito, desenvolverá ações missionárias transformadoras. Não suprimindo a pluralidade, será uma comunidade que, através do respeito, integrará as diferenças na mutualidade do amor, serviço com uma gentileza que gera gentileza (At 28,2). Ele considera esta comunidade como “limiar”, isto é, saber viver diferente, não obstante, os desafios do mundo. Por isso, será testemunha de encarnação dos valores do Evangelho de modo simbólico e profético. Não, desvinculada do mundo, mas empenhada em viver os valores do Evangelho no mundo.

Ainda sublinha, o mencionado autor: “se o cosmo é uma rede de vida, o homem se torna humano na e por meio da comunidade”. Ainda assegura: “a missão hoje será uma missão em diálogo”. Por isso, se faz necessário a descoberta consciente da vida que é: dom, amor, e relações fraternas em comunidade. Tendo em vista que é na relação com o outro que se descobre a si mesmo. Não obstante, o egoísmo que impera na humanidade, pelo acentuado individualismo e competitividade que gera isolamento do outro, dominação, desigualdade social, tal comunidade em Deus se mantém pelo amor, pela unidade, como sinal da Boa Nova do Reino proclamado por Jesus (AMALADOSS, 2000, p. 74.142-143).

Neste contexto, o Vaticano II conclama os fiéis que, na vivência em comunidade, considerem cada vez mais a vocação recebida no batismo. No dia a dia, com fé, na liturgia e na caridade, ordenem as iniciativas missionárias pela colaboração e convivência fraterna. E partir de então, deem testemunho da presença de Deus no mundo. Conjuntamente com outras comunidades cristãs, este testemunho de vida, produzirá bons frutos. Além disso, enquanto povo de Deus, que vive em comunidade, com efeito, a Graça será abundante cada vez mais se a caridade se estender até os confins da terra (AG 15-19.36-37).

“Daí vem a importância da igreja em missão que, no decorrer dos tempos, vem cooperando com a missão de Deus. “Realizando suas atividades missionárias conserve ainda hoje e haja de conservar sempre toda a sua eficácia e a sua necessidade”, portanto, pela missão em diálogo, a tendência é o restabelecimento da concórdia fraterna, Deus será plenamente glorificado e a humanidade experimentará a salvação, na qual o próprio Deus em Cristo realizou. E assim, finalmente, em

comunidade fraterna, todos em Cristo, pelo Espírito Santo, poderão pronunciar em uma só voz, “Pai nosso” (AG 7).

Unidos ao mesmo Pai, Deus e Senhor da História, fim último, que a todos estende sua providência, a humanidade se constitui uma só comunidade. Daí provém a missão da igreja, favorecer o diálogo e a convivência fraterna. Todavia, primeiramente, levando em consideração tudo aquilo que a humanidade tem em comum. Assim, a missão da igreja é fomentar cada vez mais a união e a caridade. E neste sentido, proporcionará maior crescimento das relações fraternas entre os diferentes povos e religiões não cristãs (NA 1).

## CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Ao concluir este capítulo sobre a dimensão da missão em diálogo na construção de relações interpessoais e fraternas, buscamos vislumbrar a convivência relacional, interpessoal, permeada pelo diálogo como uns dos métodos primordiais para a missão em diálogo. Independente da fé professada, missão é diálogo, portanto, é relação, convivência fraterna e compromisso conjunto na cooperação da *Missio-Dei*. Sendo a atividade missionária um testemunho de fé, urge proclamar que fé é relação. E o desenvolvimento deste dom teológico não se faz de forma isolada, individual, mas em uma constante relação de acolhida, escuta e alteridade, convivialidade com o diferente.

Sem embargo, os mecanismos que dificultam esse dinamismo missionário se apresentam de várias modalidades e de forma impactante, muitas vezes fragilizam e deixam lacunas na *Missio-Dei*. Conscientes que, mesmo no plano humano, nos diversos modos de se relacionar, o diálogo manifesta suas dificuldades. Contudo, concluímos que sendo o diálogo teológico, no qual revela a essência da comunicação do próprio Deus, e por isso, tudo o que vive e respira dialoga. Além do mais, a missão também é teológica porque é a essência de Deus. Portanto, se espera que missão em diálogo, mesmo diante dos obstáculos, na sua proatividade, será geradora do anúncio do Reino da vida, com vida em abundância para todos (cf. Jo. 10,10).

Todavia, se assegura que toda pessoa centrada em Deus e na fidelidade ao seu projeto de libertação, de profunda experiência de sua própria fé, na busca de uma

vivência de comunhão e relacionalidade, estará mais preparada para reconhecer suas próprias fragilidades e na humildade desejar aprender com o outro que pensa e atua diferente de si.

Neste sentido, sublinhamos que, enquanto irmãos e irmãs, cuja origem se encontra no próprio Deus que é Pai/mãe de toda a humanidade, se faz mister dizer que as reflexões teológicas necessitam cada vez mais acentuar o tão almejado desejo de Deus que é a “*communio*” dos seus filhos e filhas. Como interpela o próprio Vaticano II, a todos fiéis: “quanto mais unidos estiverem em comunhão estreita com o Pai, o Verbo e o Espírito, tanto mais íntima e facilmente conseguirão aumentar a fraternidade mútua” (UR 7).

## 4 O DIÁLOGO COMO MÉTODO PARA A MISSÃO

### INTRODUÇÃO DO CAPÍTULO

O capítulo que segue tem como objetivo demonstrar as possibilidades da missão em diálogo permeada pelo método e pelo conteúdo do diálogo. Através da pesquisa bibliográfica e documental, situada no atual contexto sociocultural e eclesial renovado e evolutivo do Vaticano II, perceberemos que o método do diálogo enquanto teologal é a base para a compreensão do mesmo como conteúdo da missão. Assim sendo, nos primeiros parágrafos esboçaremos o método do diálogo como forma expressiva na práxis missionária. Conforme indica Dupuis (1999, p. 495), a evangelização é um processo complexo e articulado, por isso, para a concretização da mesma, torna-se relevante o diálogo como método.

Na construção do Vaticano II, como também na sua prática, o diálogo é o indicativo que foi articulado não somente como colóquio ou meio para a aproximação missionária, mas como conteúdo que sustenta as relações construtivas da missão. Logo, a dimensão teologal do diálogo é trinitária, pois o Deus Uno e trino pelo diálogo aproxima-se da humanidade oferecendo pelo diálogo sua proposta de salvação. Por isso, toda e qualquer forma de atividade missionária deve ser permeada por um espírito dialogal.

Nesta sequência, tentaremos responder à pergunta: em um mundo marcado por tantas diferenças e multirreligioso, quais são as consequências que o método do diálogo poderá delinear? Aprofundando a literatura do Vaticano II e o magistério da igreja e a pesquisa dos teólogos e teólogas, mostraremos que a proposta do Vaticano II é a exclusão de qualquer forma de eclesiocentrismo que subestima a missão em diálogo. Porque os horizontes e a fonte da missão é o próprio Deus, o caminho é Cristo e o protagonista é o Espírito Santo.

Deste modo, a atividade missionária da Igreja se concretizará a partir de suas tarefas, vivenciadas e compartilhadas pelo exercício da comunhão. Portanto, a atenção peculiar deste capítulo será o aprofundamento da missão a partir de sua atividade concretizada pelas tarefas de Evangelização e missão ecumênica. Missão não se faz de forma isolada, mas em e a partir de uma comunidade formada pelos

diferentes sujeitos e atores que formam o povo de Deus. Isto é, o povo de Deus que, de forma sistemática e organizada, leva avante a “*Missio Dei*”. Missão essa desenvolvida em forma de cooperação missionária através de projetos, tais como: Igrejas irmãs no contexto amazônico; cooperação ecumênica; e meios de comunicação social.

#### 4.1 O MÉTODO DO DIÁLOGO NA TEOLOGIA E NA PRÁXIS DA MISSÃO

Com a relevante abertura da igreja, realizada pelo Concílio Vaticano II, apontando o vocábulo diálogo como método e conteúdo para a missão, o mistério de Cristo pode estar ao alcance de todos aqueles e aquelas que pertencem à religião cristã (RH 11). De maneira visível, tal constatação se percebe nos textos da Constituição *Gaudium et spes* e na declaração *Nostra aetate*, as quais sancionaram o método do diálogo na teologia e na práxis eclesial. Sobretudo, as afirmações de *Nostra aetate* apresentou ideias novas na maneira oficial da Igreja de realizar o anúncio e desenvolver a sua ação Evangelizadora.

Tão significativa abertura se tornou ainda mais acentuada a partir da Carta Encíclica *Ecclesiam Suam* do papa Paulo VI (06 de agosto 1964) sobre os caminhos da igreja. Nesta Encíclica, o Papa Paulo VI, citando por 65 vezes o vocábulo diálogo, recorda que o mesmo, até então visto como um problema, cabe agora ao Concílio se esforçar para a resolução do problema. Na verdade, o considerado “problema”, se torna agora um chamado da Igreja à uma práxis dialogal (ES 5). Em vista da “origem transcendente do diálogo”, conforme descreve o Papa, o mesmo é indicado não só como colóquio entre irmãos, mas também o conjunto de relações positivas e construtivas para o verdadeiro caminho eclesial.

Como esta encíclica não se revestiu de caráter doutrinal ou proposta de ensinamentos morais ou sociais, sua proposta fundamental foi uma mensagem fraternal e familiar dando maior coesão à alegria, à comunhão de fé e à caridade (ES 2). Assim, o diálogo, como impulso da caridade que tende a se fazer dom exterior, se destaca como uma importante atitude para a missão da Igreja. Sobretudo da sua importância para mútuo relacionamento, conhecimento e enriquecimento entre as diversas denominações cristãs e confissões religiosas.

Percebe-se então, que por sua dimensão teológica, o quanto o diálogo é necessário e urgente para a práxis missionária da igreja. A sua real importância se fundamenta no método do próprio Deus que, pela sua autocomunicação, se revela na história, contempla toda a humanidade, nas suas mais variadas culturas e formas religiosas. Desta maneira, revela que a salvação vai até os confins da terra (Is 49,6b), cuja vontade salvífica é universal, inclusiva e sem distinção, e por si alcança toda a humanidade através da “missão do Filho e do Espírito Santo” (LG 16, GS 22, AG 1).

Neste sentido, a legitimidade e a eficiência do diálogo se reconhecem na ação do Espírito que antecede qualquer forma de comunicação da graça salvífica (AG 4). Assim confirma o Papa Paulo VI.

A história da salvação narra este diálogo longo e variado, a partir de Deus e a travar conversação com o homem, variada e admirável. É nesta conversação de Cristo entre os homens (cf. Br 3,38) que Deus dá a entender alguma coisa mais de si, o mistério da sua vida, admiravelmente una na essência e trina nas pessoas, e diz, em resumo, como quer ser conhecido: Ele é Amor, e como quer ser honrado e servido por nós: amor é o mandamento supremo que nos impõe. O diálogo torna-se pleno e confiado; é convite para a criação, o místico se exaure plenamente nele (ES 41).

Tendo presente a iniciativa Divina, como diálogo de salvação de Deus, a proposta da missão, portanto, é prolongar em diálogo esta mesma salvação, sem expectativas de convites, com fervoroso desinteresse e sem limites nem cálculos. Todavia, sendo múltiplas as formas do diálogo da salvação, na missão o essencial é obedecer às exigências ensinadas pelas experiências e pelos meios que sejam os mais possíveis convenientes. Para tanto, se faz necessário não se prender a vãos apriorismos nem se fixar em expressões estáticas (ES 48).

Ratzinger (2016, p. 432.457) afirma que a missão sempre esteve presente aos olhos dos colonizadores e colonialismo, não obstante, as fraqueza e fracassos ela sempre foi e é necessária no decorrer do movimento histórico, porque continua a “peregrinação de Deus entre os povos”. Neste sentido, a realidade cristã, enquanto vai ao encontro dos outros de maneira efetiva e afetiva, está em constante purificação. E a abertura para o mundo, na perspectiva dos textos do Vaticano II, consiste em diálogo e colaboração com todas as pessoas de boa vontade. E conclui: “diálogo e missão não estão longe de significar a mesma coisa”.

Em atitude dialogante, a missão se concretiza pelo respeito à vontade humana, sem coação e persuasão. Assim, o Vaticano II chama atenção quando diz que a experiência de Deus que cada pessoa se ordena deve ser por atos livres e voluntários (DH 3). Destarte, a relevância da capacidade de compreender as lentidões, tanto no

que diz respeito a maturação psicológica como histórica dos interlocutores, valorizando sobretudo o sentido do tempo (ES 42-44).

Desta maneira, a Igreja em missão, conduzida pelo Espírito, através da história, em diálogo, é vocacionada a ser continuadora da missão de Cristo que foi enviado para evangelizar os pobres (cf. Lc 4,18). Pela inculturação, no contexto real em que se vive, através do diálogo, o “método mais aconselhável”, o missionário, fazer-se palavra, fazer-se mensagem, fazer-se colóquio (AG 5; ES 38). À vista disto, para a prática do método do diálogo, a missão em diálogo implica quatro características existenciais apontadas pelo Papa Paulo VI (ES 47), sendo elas:

- 1) *Clareza*: o diálogo supõe e exige compreensibilidade, é mudança de pensamento. Segundo o Papa, “bastaria este seu título para o classificar entre os mais altos fenômenos da atividade e da cultura humana”; e basta, esta sua exigência inicial, para levar o nosso zelo apostólico a rever todas as formas da nossa linguagem: para examinar se ela é compreensível, popular e digna.
- 2) *Mansidão*: característica buscada e aprendida no próprio ser de Cristo, como Ele nos recomendou: “aprendei de mim que sou manso e humilde de coração” (Mt 11,29). O diálogo não é orgulhoso, não é pungente, não é ofensivo. A verdadeira autoridade da caridade que difunde, do exemplo que propõe; não é comando, não é imposição. O diálogo é pacífico, evita os modos violentos, é paciente e é generoso.
- 3) *Confiança*: essa atitude na missão favorece o desenvolvimento de amizade, de confidências, e exclui tudo e qualquer interesse baseado no hedonismo e no egoísmo.
- 4) *Prudência*: é a última característica, cuja atitude pedagógica atende precisamente às condições psicológicas e morais de quem ouve segundo as faixas etárias do interlocutor (cf: Mt 7,6). “Essa prudência leva a tomarmos o pulso à sensibilidade alheia e a modificarmos as nossas pessoas e modos, para não sermos desagradáveis nem incompreensíveis”.

Apesar dos vários obstáculos e dificuldades de modo particular, o eclesiocentrismo, as atitudes intolerantes de ambos os lados, pela missão em diálogo, deve ser a característica evangélica entre os crentes da mesma fé cristã, como também, com os crentes das religiões não-cristãs. Por conseguinte, o próprio Papa Paulo VI (ES 49) descreve como o método do diálogo se deixa transparecer na práxis da missão.

Assim como o Verbo de Deus se fez homem, assim é necessário que nós nos identifiquemos, até certo ponto, com as formas de vida daqueles a quem desejamos levar a mensagem de Cristo, é preciso tomarmos, sem distância de privilégios ou diafragmas de linguagem incompreensível, os hábitos comuns, contanto que estes sejam humanos e honestos, sobretudo os hábitos dos mais pequenos, se queremos ser ouvidos e compreendidos. É necessário, ainda antes de falar, auscultar a voz e mesmo o coração do homem, compreendê-lo e, na medida do possível, respeitá-lo. E quando merece, devemos fazer-lhe a vontade [...]. O clima do diálogo é a amizade; segundo o exemplo e o preceito que Cristo nos deixou (cf. Jo 13,14-17).

Em vista disso, afirma Amaladoss (2000, p. 22-23) que na missão, “a pessoa não proclama em um momento e dialoga no outro. Proclamação e diálogo se tornam um mesmo elemento de uma única relação”. A missão em diálogo é holística e não dicotômica. Objetivos e métodos na missão não são diferentes. Diálogo e missão são necessariamente subordinados um ao outro. “Na vida se encontram juntos, porque a proclamação é dialógica”. No dinamismo da missão, até mesmo a Boa de Jesus Cristo se leva em conta a atividade do Espírito no outro, isto é, sua liberdade e seu contexto existencial. Logo, a missão baseada pelo método do diálogo envolve sensibilidade ao contexto, testemunho e convicções de fé.

A vivência de tal diálogo na questão interpessoal é desafiante como também é geradora de crescimento convergente. E essa percepção não deve excluir a abordagem holística do método do diálogo, independentemente da percepção sobre o papel exato que tenho da minha tradição histórica de salvação. O diálogo é caminho para o reconhecimento holisticamente do fenômeno da autocomunicação de Deus. Embora tenhamos consciência de nossa própria tradição religiosa, devemos cada vez mais estarmos abertos e acolhedores à autocomunicação de Deus às outras pessoas (TEIXEIRA, 1995, p. 66-67).

Frente as implicações que remete ao método do diálogo na missão, temos consciência que falamos de diálogo, temos o cômico de nossa vocação missionária, cujo objetivo é acima de tudo proclamar a Boa nova de Jesus. Além disso, com ela testemunhar a promoção de uma vida reconciliada, dialogante em defesa da vida e da paz como sinal do Reino de Deus. Por outro lado, falamos de missão em diálogo, mas ainda temos muitas atitudes incoerentes quando se trata de dialogar. Ainda temos uma forte imagem de missão colonizadora. Nos falta a humildade de nossas próprias percepções e fraquezas.

Nesta sequência, Wolff (2016, p. 101-102) destaca que através do diálogo o missionário cristão louva a Deus e anuncia a salvação de Deus primeiramente reconhecendo a presença e ação de Deus na vida de cada interlocutor. Por isso,

afirma que o missionário, ao invés de impor seu conhecimento de Deus, primeiramente admite que Deus já está presente na vida das pessoas a quem o evangelho será anunciado. Com sua vida partilha com outras religiões suas experiências religiosas. Tais atitudes exigem gratuidade, humildade para aceitar as diferentes formas de Deus se manifestar. Portanto, na missão é preciso, acima de tudo, “deixar Deus ser Deus”, reconhecendo a ação da graça de Cristo e do seu Espírito.

Uma vez pela fé tendo-se reconhecido ação divina do Deus que se dá a entender, o diálogo na missão se torna não apenas um método, uma opção, mas um dever, uma necessidade. O diálogo, apesar de ser parte integrante na missão, deixa de se tornar um fim em si mesmo e menos ainda, um caminhar para o anúncio, mas um elemento integral da ascensão da vivência do Reino de Deus como ponto central de toda ação missionária (TEIXEIRA, 1995, p. 11-12).

#### **4.1.1 Missão e o método dialógico**

Desde a sua convocação, sabe-se que a intencionalidade do Vaticano II, focado no “*aggiornamento*”, desde cedo conheceu o processo e a tarefa do método do diálogo. Conforme a natureza do objeto, todo pensar necessariamente requer um método que etimologicamente significa guiar no caminho (BOFF, 1998, p. 7). Portanto, este método dialógico foi adotado como caminho consciente no discernimento e revisão para acolher a nova forma da igreja de ser no mundo e a partir daí definir a sua missão. Passos (2015, p. 267) vai dizer que, por si mesma, toda reunião conciliar, seja pela dialética, seja pelas contradições ou escuta do Espírito, já é uma convocação ao método dialógico. Portanto, a construção efetiva deste caminho terá como consequências a atitude de escuta, discernimento e decisão.

O vocábulo diálogo, como método de ensinar, por três vezes ele é citado no Decreto *Christus Dominus* sobre o múnus pastoral dos bispos na Igreja (CD 13). O objetivo é convocar o episcopado para que sejam os primeiros a ir ao encontro das pessoas para provocar e fomentar o diálogo. Assim, ao chamar este método de diálogo de Salvação, aponta como o mesmo deve ser desenvolvido. À vista disso,

elencaremos alguns elementos do método dialógico considerando a otimização da missão em diálogo:

- a) Que seja imposto pela clareza na linguagem, humildade, mansidão, confiança e que seja fomentado pela amizade. Com o fim de que as pessoas se aliem sempre à verdade com a caridade e a compreensão através do amor (CD 13). Porque não é possível dialogar sem um relacionamento aberto e transparente (WOLFF, 2018, p. 179).
- b) Primeiramente, a missão deve abster-se de qualquer ação que possa ter sabor de coibição e persuasão. O cristão, ainda que conservando os bens espirituais que possui, necessita saber dialogar com as outras demais religiões estabelecendo uma verdadeira fraternidade (DH 4; RATZINGER, 2016, p. 460). Neste sentido, Wolff (2018, p. 179), ao falar do método apologético de controvérsia, afirma que não há gratuidade nas relações quando as atitudes são motivadas por interesses sem a compreensão do outro.
- c) O caráter interpessoal é a primeira característica do método dialógico. Para compreender o outro em pé de igualdade é necessária disposição, ânimo, renúncia de poder e de autoafirmação. Sem estas, jamais se chegará ao verdadeiro encontro com o outro (SPINSANTI, 1993, p. 312).
- d) Para as pessoas enviadas em missão, o apelo é fazer uma avaliação dos métodos e as maneiras de fazer missão. Daí a importância de um sério exame de consciência, comparando os métodos anteriores empregados à missão com a proposta dos atuais métodos hoje propostos pelo Vaticano. Um deles é que seja evitado todo e qualquer método e expressão “europeísmo” no ambiente missionário (RATZINGER, 2016, p. 466).
- e) Desempenhar a tarefa com autocrítica e se deixando levar tão somente pelas energias do amor. Precisamente, pelo amor que não ambiciona, mas tão somente se dando aos outros. Se a missão assim se desenvolver, poder-se-á com certeza afirmar que o respeito pelos outros e pelo mundo em que vivem tornar-se-á a sua lei fundamental. Com essas considerações, fica claro para Ratzinger que a missão “não exclui o diálogo e nem sequer procurará fugir dele, mas antes o exige” (ibidem).
- f) Em primeiro lugar, se faz necessário uma conversa sobre a vida humana ou simplesmente um compartilhar das alegrias e das dores. Dessa maneira, aprendemos a aceitar os outros na sua maneira diferente de ser, de pensar e

de se exprimir. Em si, o diálogo vai além da realidade pragmática, visibilizado por um compromisso ético na busca comum pela paz e pela justiça social (EG 250). Neste contexto, se aplica muito bem o método contextual-relacional na qual possibilita proximidade, testemunho comum da fé e a superação do diálogo doutrinal. Assim, somente a práxis definirá o compromisso recíproco da missão (WOLFF, 2018, p. 181).

- g) O método do diálogo abrirá novas possibilidades de encontros, de convivência, e complementariedade gerando assim uma verdadeira prevenção de todo dogmatismo, fanatismo, totalitarismo e fundamentalismo religioso, “para uma realidade de libertação e fraternidade”. (WOLFF, 2012, p. 102.103; 2018, p. 181).
- h) Sem abolir as diferenças que são dádiva de Deus, o método é realizar a missão juntos para que possam trabalhar em comum pela promoção da vida, participando da realização do plano de Deus, descobrindo os feitos de Deus na vida e na história em direção ao Reino de Deus. (FAUSTINO, 1995, p. 17).
- i) O método dialógico é o encontro entre pessoas no reconhecimento e valorização da dignidade do outro. Acima de tudo, tendo como fator preponderante a reciprocidade na sinceridade em clima de respeito e liberdade. Na missão, os parceiros do diálogo só podem existir quando a igualdade estiver na base das relações. O próprio Vaticano II diz: “de igual para igual” (UR 9).
- j) A virtude da humildade é o reconhecimento de que o Espírito está ativo nos outros crentes, nas religiões e nas pessoas de boa vontade. Na missão, pelo método do diálogo, se torna possível a reversão do poder secreto que está em nosso comportamento para não estarmos abertos ao diferente. “É mais fácil estar em missão ‘para’ eles, que estar ‘com’ eles em um projeto comum”. (AMALADOSS, 2000, p. 131).
- k) Na construção do diálogo com as diferentes culturas é significativa a assunção da alteridade, na qual a *Gaudium et Spes* destaca no apelo da construção e cooperação conjunta de todas as pessoas para um mundo melhor. Tudo isso exige um prudente e sincero diálogo (GS 21,6). Logo, o método do “diálogo não é estratégia sofisticada da missão, mas uma teologia que emana do diálogo de Deus com a humanidade” (SUESS, 2017, p. 88).

Tendo em mente os significativos passos que o Vaticano II desenvolveu, na questão dialógica, na missão, precisamos cada vez mais crescer na consciência

conforme (AG 1-8) alerta, que a missão é do próprio Deus. Por caminhos que só Ele sabe e conduz, dialogando, se aproxima da humanidade considerando a todos filhos e filhas. Além disso, o próprio Deus, ao mesmo tempo, abre possibilidades de participarmos de sua vida divina. Não de forma isolada, mas como povo de Deus, na unidade e a partir de Jesus Cristo, conduzidos pelo Espírito em comunhão fraterna que pelo caminho do diálogo busca a concretização do Reino Deus. Neste sentido, a missão será continuadora da missão de Jesus Cristo. O que o Papa Francisco chama: um diálogo de exercício prazeroso entre pessoas que se amam (EG 142).

#### 4.2 OS HORIZONTES DA MISSÃO EM DIÁLOGO

A Igreja, movida pela graça e pela caridade do Espírito Santo e na fidelidade ao mandamento de Cristo, mediante a atividade missionária à missão da Igreja, se torna atual e plenamente presente a todos os homens ou povos. Essa atividade se desenvolve não só pelo testemunho de vida e pelo anúncio do evangelho, mas também pelos sacramentos e outros meios da graça. O importante é a abertura de caminhos livres para que todos possam participar plenamente do mistério de Cristo (AG 5).

Neste sentido, Amaladoss apresenta o horizonte desta missão como:

O horizonte dessa missão é a missão do próprio Deus, mediante a Palavra e a procura do Espírito para comunicar sua vida abundante a pessoas que realiza a missão mistério de Deus. O fim da missão é o Reino - novo céu e nova terra – que é promessa de Deus a todos os povos; e a Igreja é seu sacramento, ou símbolo e serva. O caminho dessa missão é o caminho de Cristo: auto imolado e amor de serviço que salva. A tarefa dessa missão é a construção da comunidade humana como povo de Deus. [...] O caminho fundamental de tal missão é o diálogo com Deus e com as pessoas. Em esperança e confiança. O diálogo respeitoso. Não impaciente nem agressivo. (AMALADOSS, 2000, p. 62.65).

Portanto, compreende-se este horizonte tendo como caminho a “atividade missionária”, isto é, a manifestação ou epifania da realização do desígnio de Deus no mundo e na história. Sua meta e configuração teológica é o anúncio do Reino de Deus e sua razão é a “vontade de Deus que todas as pessoas sejam salvas e cheguem ao pleno conhecimento da verdade” (AG 9-18; RMI 41). O *Standard* é o próprio Jesus, verbo encarnado que veio para Evangelizar (cf. Lc 4,18, AG 3). Assim, a igreja no exercício desta atividade, cujo fim próprio é evangelizar, Deus é plenamente

glorificado e a libertação chegará a todos os povos até a plenitude escatológica (Mt 11,4-6; LG 9b, AG 9; SUESS, 2015, p. 628). Por isso, afirma o papa Paulo VI: “a atividade missionária ainda hoje representa o máximo desafio para a Igreja” (RMi 40).

Com o objetivo de reunir as forças dos fiéis e uma só família e um só Povo de Deus, essa atividade missionária se concretiza através de ações missionárias de modos bem distintos tais como:

#### 4.2.1 Evangelização

A Evangelização como tarefa da ação missionária é um substantivo que não consta no Novo Testamento. Por outro lado, enquanto verbo, evangelizar se encontra em Lc 4,18; At 8,25, 1Cor 9,16-17; Ef 2,17, 1Pd 1,25. Já o substantivo Evangelho, palavra de origem grega *εὐαγγελίζω* significa trazer ou anunciar boas novas Lc 1,19; Ap 14, 6. Proclamar, pregar (o evangelho), evangelizar Mt 4,23; Mc 1,1; Lc 4, 43; Lc 8,1; At 13 32; Rm 15 20; 1 Cor 15,1; 2 Cor 10,16; Gl 1,11, 23; 1 Pd 1,12. Ser evangelizado, receber a pregação das boas novas Mt 11.5; Hb 4.2, (GINGRICH, 1979, p. 87). Neste sentido, assim explicita Wolff:

Etimologicamente o termo evangelização procede da palavra evangelho, que no segundo Testamento tem o sentido de uma mensagem de produz alegria e paz, sendo, assim, uma boa notícia (Is 52,7). Também no mundo grego “evangelho” é mensagem alegre, de modo que “evangelizar significa proclamar boas notícias, como a subida ao trono do imperador ou a vitória de uma batalha. No segundo Testamento, não existe o termo evangelização, mas o verbo “evangelizar” é encontrado 57 vezes (28 em Paulo, 15 nos atos, 10 em Lucas), e “evangelho” 76 vezes, das quais 60 em Paulo. Aqui “evangelho” é a boa notícia de Deus ou de Jesus Cristo e relaciona-se ao Reino de Deus que Jesus traz para a humanidade (WOLFF, 2018, p. 334).

Neste seguimento de pensamento, Mello (1996, p. 61) afirma que o substantivo evangelização, que deriva do verbo evangelizar, apesar de suas raízes estarem fincadas nas Sagradas Escrituras, vai encontrar sua expressão na realização dos congressos Ecumênicos nas décadas dos anos de 1900. Neste sentido, a palavra evangelização, a princípio, teve seu apogeu nos movimentos protestantes. E seu maior reconhecimento na História do catolicismo, como também do protestantismo, somente após dois milênios de missão.

Mello ainda recorda que mais tarde seu linguajar começa a ser inserido nas questões teológicas e pastorais da Igreja Católica, sendo considerada como a tarefa

essencial da atividade missionária da Igreja. Evangelização, por conseguinte, passa ser a tarefa que engloba toda a vida da Igreja, desde sua ação pastoral como todos os ministérios e toda a vivência no mundo onde a Igreja se faz presente (MELLO, 1996, p. 61). Isto é, “se refere à missão da Igreja em seu conjunto” (DA 8).

“Evangelizar é levar a Boa Nova à todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade” (2 Cor 5,17; Gl 6,15, EN 18). Portanto conforme diz o Papa Francisco: “Evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG 176). Prete (2010, p. 201.203) afirma que a missão evangelizadora da Igreja implica o ato de se dirigir ao encontro do outro através de um diálogo estabelecido, gerando pela força do Evangelho e da comunhão. Por se tratar de um longo processo que envolve indivíduos, comunidade e sociedade, a Igreja, na ótica da Reino de Deus, meta da missão, deve se inserir, se debruçar sobre aqueles(as) que mais sofrem e são mais oprimidos por diversas circunstâncias existenciais que o cercam. Como afirmava Paulo VI, “tudo o que é humano é do meu interesse” (ES 54). Como assegura o Papa Francisco,

“A Igreja ‘em saída’ é uma Igreja com as portas abertas. Sair em direção aos outros para chegar às periferias não significa correr pelo mundo sem direção nem sentido. Muitas vezes, é melhor diminuir o ritmo, pôr de parte a ansiedade para olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho. Às vezes, é como o pai do filho pródigo, que continua com as portas abertas para, quando este voltar, poder entrar sem dificuldade” (EG 46).

Dessa maneira, o processo de evangelização, a partir de Cristo, pela libertação integral da pessoa à vida, renasce. Ainda que envelhecidos, renovam as suas forças. “Têm asas como a águia, correm sem se cansar, marcham sem desfalecer” (Is 40, 31). Considerando que somos cooperadores do Deus que nos chamou, (as) primado é da Evangelização sempre Dele. Portanto, de qualquer evangelizador se espera uma viva libertação e maior sensibilidade face às necessidades dos outros. Por isso, quem deseja viver com dignidade e em plenitude não tem outro caminho senão reconhecer o outro e buscar o seu bem. “Quando a igreja faz apelo ao compromisso evangelizador deseja indicar que a vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros”. Isto é, definitivamente, a atividade missionária, logo a concretização da “*Missio Dei*”.

Desta forma, “como é doce e reconfortante a graça de evangelizar” (EG 9). Consequentemente, diante das multidões que procuram receber a Boa Nova, urge

aos evangelizadores recuperar o fervor do espírito e, se preciso for com lágrimas, evangelizar com uma suave e reconfortante alegria. Uma evangelização cada vez mais renovada proporciona aos que creem, aos descristianizados, tíbios ou não praticantes, uma nova alegria na fé. Sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão. Na realidade, toda a ação evangelizadora autêntica é sempre nova (EG 10-12).

Por conseguinte, conforme indica as diretrizes da CNBB (Doc 54, n. 86, p. 57), a evangelização se concretiza através de 04 exigências intrínsecas, tão importantes tanto para a Igreja como para a sociedade: o serviço, o diálogo, o anúncio e o testemunho de comunhão.

1. *Serviço*: Nos tempos atuais, a evangelização exige sincera abertura e solidariedade diante das aspirações e angústia que vive a humanidade. Do evangelizador se espera sensibilidade frente aos contextos de maior vulnerabilidade que afligem a vida humana.
2. *Diálogo*: vale aqui destacar sua importância no processo evangelizador. À medida em que o evangelho se insere em uma cultura, pelo diálogo, o anúncio se torna possível. Por isso, somente através do diálogo a pessoa poderá se realizar de forma integral.
3. *O anúncio*: indicação da proclamação explícita da mensagem do evangelho. O anúncio tem a prioridade permanente da missão. Na realidade complexa da missão, o anúncio tem seu papel central e insubstituível. A fé nasce do anúncio (EN 41. RMi 44). “O anúncio é a comunicação da mensagem evangélica, o mistério de salvação realizado por Deus para todos em Jesus Cristo, com o poder do Espírito” (DA 10).
4. *O testemunho*: Atitude de vida muitas vezes até de forma silenciosa e outras por atos de solidariedade e fraternidade testemunham a verdadeira fé em Jesus Cristo.

Assim, segundo o Documento Diálogo e Anúncio (75), a Evangelização da Igreja por longos tempos consistia simplesmente em convidar as pessoas para viverem o seguimento de Jesus na Igreja. Contudo, pela missão em diálogo, uma nova compreensão de evangelização lentamente vai se desenvolvendo. Essa nova compreensão revela que a solidariedade, o diálogo e a colaboração vêm antes do testemunho e do anúncio do evangelho (AG 11-13; DA 75).

### 4.2.2 Nova evangelização

Compreende-se nesta ação, uma evangelização que implica ir aos grupos que embora foram batizados e que perderam o sentido vivo da fé ou não se consideram mais membros da igreja. (Ex. igrejas da Europa, nas Américas do norte e do sul). (RMi. 33; CNBB Doc. 108, 2016, p. 24; SUESS, 2015, p. 629). Assim afirma o Papa Francisco: “um anúncio renovado proporciona aos crentes, mesmo tíbios ou não praticantes, uma nova alegria na fé e uma fecundidade evangelizadora” (EG 11).

Portanto, a tarefa é o esforço criativo para passar de uma pastoral de conservação para uma pastoral decididamente missionária (DAp. 370). Isto é, sair do “ninho” e ir àqueles que estão longe de Cristo (RMi 34). Tarefa primária da Igreja para o aprofundamento do *Kerygma*. Não para despertar a fé de modo teórico, mas despertar a possibilidade de abertura aos valores evangélicos (WOLFF, 2018, p. 335). Por isso, por ser trinitário, o *Kerygma* é o centro de toda ação evangelizadora e de toda a tentativa de renovação eclesial tanto comunitária como social e ecumênica. Por conseguinte, esta tarefa exige atividades de proximidade através de visitas, abertura ao diálogo, paciência, acolhimento cordial que não condena (EG 160.165).

### 4.2.3 Implicações para a igreja do Brasil

A Igreja no Brasil, através da Conferência Nacional do Bispos (CNBB) vocacionada a evangelizar, constantemente se sente interpelada ao “*aggiornamento*”. Neste sentido, já antes do Vaticano II, tem buscado discernir caminhos para cumprir sua tarefa evangelizadora visando corresponder a atividade missionária da Igreja. Assim sendo em 1958, acolhe a exortação do papa João XXIII quando reunido com o Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) em 15 de novembro de 1958 solicita às Igrejas locais redobrado empenho pastoral que envolva a maior participação do povo na ação evangelizadora.

Assim, três anos depois, 8 de novembro de 1961, a CNBB escreve a todos os Bispos do Brasil insistindo na evangelização a partir da valorização do conteúdo do diálogo, dos leigos, e de uma ação social com mais justiça. A partir de então, o

processo de evangelização da Igreja do Brasil se mobiliza na missão em diálogo com renovado ardor missionário. Para ativar os apelos do papa João XXIII, em 1961, através de um Plano de emergência (PE), convoca toda a Igreja do Brasil à urgência de uma Igreja que se abra aos clamores do mundo, preparando a Igreja para uma profunda renovação (MELLO, 1996, p. 32-33).

Mais tarde, em pleno regime militar, 1966, no empenho da unidade pastoral e no ajustamento à Igreja do Concílio Vaticano II, é construído o Plano de Pastoral de conjunto com o objetivo: promover a renovação da Igreja no Brasil, conforme a imagem de Igreja do Vaticano II. Assim, inspirados pelos grandes Documentos do Concílio, a Evangelização na Igreja do Brasil será mediada por seis “linhas”:

1) Unidade visível da Igreja Católica (*Lumen Gentium, Christus Dominus, Presbyterorum Ordinis, Optatam Totius, Perfectae Caritatis, Apostolicam Actuositatem*); 2) Ação Missionária (*Lumen Gentium, Ad Gentes*); 3) Ação Catequética, aprofundamento doutrinal, reflexão teológica (*Dei Verbum*); 4) Ação Litúrgica (*Sacrosanctum Concilium*); 5) Ação Ecumênica (*Unitatis Redintegratio*); 6) Ação da Igreja no mundo (*Gaudium et Spes, Dignitatis Humanae, Nostra Aetate, Gravissimum Educationis, Inter Mirifica*) (PPC, 1966-1970, p. 2.20).

Todas essas linhas por ação evangelizadora exigem conhecimento dos grupos humanos a serem evangelizados, um esforço de encarnação na realidade concreta em que vivemos, respeito a seus autênticos valores, o diálogo, um testemunho pessoal e comunitário da Igreja. E acima de tudo, a insistência na dimensão comunitária da Paróquia através das comunidades Eclesiais de base (CEBs) (PPC 1966, p. 30). Em sequência, no ano de 1971, os termos vão se delineando de ação pastoral para ação evangelizadora, de orientação pastoral para diretrizes. A missão será evangelizar a partir do método ver, julgar e agir com insistência na ação missionária, a vivência de comunidade e na preocupação com a desigualdade social e injusta.

O renovado ardor missionário assegurará uma evangelização que implicará novos métodos e novas expressões. Destacando então, três realidades desafiadoras: os não evangelizados, batizados não praticantes, e os fies que pertencem ao rebanho e que se encontram afastados. Além disso, a consciência de que evangelizar inclui o serviço da vida, a encarnação nas culturas. Nesta complexidade se faz necessária a consciência da missão em diálogo e unidade.

Neste sentido, Wolff (2018, p. 114-115) relembra que a Igreja do diálogo, para melhor testemunhar o Evangelho ao mundo, precisa um processo de conversão pastoral, sair de si mesmo, se descentrar e superar toda tentação de autor

referencialidade e da pastoral de conservação. Na sequência, ele destaca a valorização da ministerialidade, de todos os batizados(as), sobretudo o empenho das mulheres com seu ativo papel missionário e ministerial em todas as comunidades cristãs.

Revisitando este contexto histórico do processo de evangelização da igreja do Brasil na fidelidade às propostas do Vaticano II, nota-se a ênfase na Evangelização como anúncio do Reino de Deus e a opção preferencial pelos pobres e a libertação integral da pessoa. Segundo Mello (1996, p. 42), a meta será uma evangelização em estado permanente de missão, de forma inclusiva, na construção de uma sociedade mais justa e fraterna. E avançando cada vez mais, nos tempos hodiernos, diante da cultura urbana, evangelizar implica formação de comunidade missionária, com a opção preferencial pelos pobres, cuidando da casa comum como testemunho do Reino de Deus (DGAE, 2019-2023, p. 13).

#### **4.2.4 “Missão *ad gentes*”**

Tendo em vista que milhões e milhões de seres humanos ainda não conhecem Cristo Redentor do homem, papa João Paulo II vai denominar essa missão como anúncio da Boa Nova a todos os povos (Mc 16,15). Esta missão é única, sendo a mesma à sua origem e fim, mas na sua dinâmica de realização, há diversas funções e atividades. Antes de tudo, está a ação missionária, denominada “missão *ad gentes*” pelo Decreto conciliar: trata-se de uma atividade primária e essencial da Igreja, jamais concluída. Com efeito, a Igreja não pode se eximir da missão permanente de levar o Evangelho a quantos [...] Esta é a tarefa mais especificamente missionária que Jesus confiou e continua quotidianamente a confiar à Sua Igreja (RMi 31).

Segundo Raschiatti (2011, p. 7), essa missão no decorrer da história foi marcada por uma “visão discriminatória, etnocêntrica e por trágico senso de superioridade”. Suess (2006, p. 130) sublinha que a teologia da missão do Vaticano II não germinou nos viveiros da *Ad Gentes*. A “Propaganda *Fidei*” não soube ler os sinais do tempo pós-cristandade. Portanto, não levou em consideração as novas perspectivas da reflexão teológica. Considera-se então, que o germinar da teologia da missão, no Vaticano II, se deu nos campos teológicos assegurado pelas emergentes

práticas pastorais. Práticas estas que, no interior da Igreja, por muito tempo foram refutadas.

Suess, porém, ainda afirma que foi no florescer do Vaticano II que a missão *ad gentes* emergiu como autênticas leituras dos sinais de Deus no tempo, sobretudo, “nos campos eclesiológico-pastorais, litúrgicos e ecumênicos”. Com isso, a missiologia, como teologia fundamental, se tornou núcleo central do Vaticano II, em conexão com os impulsos de outros documentos conciliares. Entre os documentos, Suess destaca: os impulsos marcantes para a teologia da missão vieram, portanto, das Constituições sobre a Igreja (*Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes*) e sobre a Liturgia (*Sacrosanctum Concilium*), dos Decretos sobre o Ecumenismo (*Unitatis Redintegratio*) e sobre a Vocação dos Leigos (*Apostolicam Actuositatem*) e das Declarações sobre a Liberdade Religiosa (*Dignitatis Humanae*) e sobre as Religiões Não-Cristãs (*Nostra Aetate*) (SUESS, 2006, p. 130).

Desta maneira, essa ação missionária tem como modo específico: ir ao encontro dos povos que não foram alcançados ou onde a Igreja não é suficientemente forte e inculturada para proclamar o evangelho (AG 35; RMI 34). Considerando que essa tarefa não tem fronteiras, sua atividade também é expandida pelo papa Paulo VI à outras situações, com seus fenômenos sociais: áreas urbanas, a juventude, as migrações, os refugiados, e outros contextos que demandam a libertação.

O papa Paulo VI ainda ressalta nesta tarefa a importante atividade de ir aos novos Areópagos do mundo (At 17, 22-31), na qual somos chamados à unidade e à solidariedade tais como: as condições de pobreza, o direito da mulher, da criança, da cultura, da ecologia e a promoção da paz, chamadas as novas culturas, os meios de comunicação, as redes sociais e o vastíssimo campo da pesquisa científica, das relações internacionais, da política e da economia que favorecem o diálogo e levam a novos projetos de vida (AG 12; RMI 37; BEVANS, STEPHN, 2016, p. 220).

Assim, o “anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo tem destinação universal. Seu mandato de caridade alcança todas as dimensões da existência, todas as pessoas, todos os ambientes da convivência e todos os povos” (EG 181). Nesta ação, a missão aos povos revela que a Igreja, enquanto “sacramento universal de salvação” (LG 48; AG 74), de forma alguma, suas tarefas devem estar centradas em seus territórios paroquiais, diocesano ou nacional. Sendo a universalidade, a alma da missão e do discípulo missionário de Cristo, pela ativa ação missionária junto de outros povos, a

Igreja, no diálogo e pelo diálogo exerce na práxis a comunhão fraterna com os povos em suas diferentes culturas (AG 20).

#### **4.2.5 A missão “*Inter-gentes*”**

Na perspectiva do Concílio Vaticano II, a partir da hermenêutica teológica da atividade missionária, surge como enfrentamento aos desafios missionários dos tempos atuais a missão “*Inter-gentes*”. No campo da missiologia, a reflexão entorno desta modalidade de missionar vem se desenvolvendo cada vez mais no intuito de que a atividade missionária não seja tanto uma ação restrita na igreja, mas simplesmente a igreja em ação. Sua tarefa é a valorização do encontro e do diálogo entre sujeitos, credos e culturas, grupos humanos, diálogo inter-religioso, ecumenismo, centros urbanos, minorias étnicas, pobres, migrantes, mundo digital, ecologia, continentes, Igrejas locais e comunidade (ANDRADE, 2018, p, 501).

Para a teóloga, Vásquez (2008, p. 23), as tarefas da missão “*Inter-gentes*” se realizam em todos os espaços onde falamos e testemunhamos Deus, tais como: geográfico, social, cultural e espiritual teológico. Neste sentido, ela declara que diante da atual realidade social, política, cultural, econômica e religiosa, que afeta profundamente a presença missionária entre povos, continentes e pessoas, o discípulo missionário não pode ser tíbio(a), e acrescenta: isso supõe uma Igreja discípula a serviço da humanidade, chamada a viver seu compromisso missionário em uma atitude de escuta, superando não apenas as fronteiras geográficas, mas também as culturais.

#### **4.2.6 A dimensão ecumênica**

Este aspecto relativamente novo na missiologia é tão bem destacado pelo Papa Paulo VI na questão da missão. Por isso ele diz que é urgente considerar a atividade ecumênica e a atividade missionária. Tendo em vista que todos os que receberam o

Batismo estão constituídos em uma comunhão entre si, por meio da comum profissão de fé em Deus e em Jesus Cristo, aqui a tarefa da atividade missionária é:

- a) O testemunho comum de Jesus Cristo, dado pelos cristãos pertencentes a diversas Igrejas e comunidades eclesiais.
- b) O intercâmbio de dons, de formas diferentes na vivência do Evangelho da Boa-Nova do Reino. A missão neste âmbito, como as demais, se espera o empenho de todos os cristãos.
- c) Compreensão do diálogo como conteúdo da missão, sem essa compreensão não há como fazer um eficaz anúncio. Daí a importância da
- d) Missão, como proximidade, como diálogo que visa aprofundamento da fé em Deus e a caminhada conjunta para ele. Assim, a Evangelização não tem como fim diminuir as religiões, mas
- e) Estabelecer diálogo e intercâmbio, compreendendo Deus pelas diversas formas de viver o seu projeto (RMI 50; BEVANS, 2016, p. 220; WOLFF, 2016, p. 102-103).

Dada a relevância destas tarefas, a Conferência de Aparecida, é constante o apelo para que toda ação evangelizadora seja direcionada para que o diálogo e a cooperação ecumênica se encaminhem para despertar novas formas de discipulado como missão em comunhão. Desta maneira, despertará uma nova eclesiologia de comunhão onde caminhar junto em comunidade, diálogo e identidade podem gerar novas formas de discipulado. Constatando que “onde se estabelece o diálogo, diminui o proselitismo, crescem o conhecimento recíproco e o respeito, e se abrem possibilidades de testemunho comum” (DAp 233).

O Papa Francisco recorda que necessariamente toda atividade missionária para a eficácia de suas tarefas implica um caminho de diálogo. Afirma que quantas críticas e queixas recebem os missionários por causa do escândalo da falta de escuta, diálogo e divisão entre os cristãos. O anúncio do evangelho, o serviço e o testemunho, poderiam caminhar com mais eficácia e chegar às imensas multidões sedentas da Boa notícia do Evangelho se com afincado dessemos maior importância ao diálogo. Pelo diálogo, a unidade será facilitada e a recepção de Jesus Cristo deixa de ser mera diplomacia ou um dever forçado para se transformar em um caminho imprescindível da evangelização (EG 246). Assim acrescenta o Papa Francisco:

São tantas e tão valiosas as coisas que nos unem! E, se realmente acreditamos na ação livre e generosa do Espírito, quantas coisas podemos aprender uns dos outros! Não se trata apenas de receber informações sobre

os outros para os conhecermos melhor, mas de recolher o que o Espírito semeou neles como um dom também para nós (EG 246).

À vista disso, Wolff (2018, p. 77), corrobora com o Papa Francisco, dizendo que o fortalecimento de uma nova hermenêutica da fé cristã é consequência do esforço do diálogo e a cooperação entre as religiões. Não obstante, as dificuldades na vivência do ensino do Vaticano II, prioritariamente, dos critérios e princípios das declarações *Nostra aetate* e *Dignatatis humanae*, muitas afirmações teológicas e doutrinárias foram revistas, tais como: “revelação”, “inspiração”, “mediação salvífica”, “plenitude da salvação” e “Sagradas Escrituras”.

Assim conclui:

A teologia das religiões, com seus diferentes matizes, possibilita o desenvolvimento de uma postura inclusiva no repensar teológico católico, reconhecendo o valor do pluralismo religioso e assumindo o diálogo com outras fés como paradigma do fazer teologia (WOLFF, 2018, p. 78).

Desta maneira, o Papa Francisco nos faz lembrar a importância do diálogo ao reconhecer que grande parte da humanidade do planeta se declara crente. Tal expressão de fé deveria se transformar em ação missionária, na qual as religiões estabelecem o diálogo entre si, visariam a transformação do mundo, através do cuidado da natureza, da defesa dos pobres, na construção do respeito entre si na busca da fraternidade e da paz. Ainda, diz o Papa Francisco, que o próprio cristianismo, “mantendo-se fiel à sua identidade e ao tesouro de verdade que recebeu de Jesus Cristo”, diante das novas situações históricas, deveria não cessar de repensar e reformular em diálogo o modo de realizar a missão no contexto histórico em que vive buscando caminhos de libertação (LS 121.201).

Portanto, todo processo de Evangelização da igreja, na fidelidade ao Reino de Deus, meta da atividade missionária, tem o seu caminho construído pelas tarefas desenvolvidas pela prática do diálogo. Não uma prática fundamentada por elementos superficiais ou formais, mas realizada a partir da fé que se transforma em compromisso no cuidado pela vida (Jo 10,10). Neste sentido, o diálogo como elemento teológico da missão não é simplesmente meio motivacional para pregar o Evangelho, mas conteúdo da evangelização, porque expressa a plenitude da revelação do amor de Deus. Um Deus que por amor se aproxima da humanidade.

A relevância desse caminho dialogal na missão da Igreja tão bem é expressa por Wolff:

O testemunho e a missão são vividos como serviço que se fundamenta na gratuidade de proposta do evangelho pregado. A credibilidade do Evangelho

é comprometida quando se pratica a missão com conflitos em oposição aos outros. A missão não é ganhar conquistar, concentrar. Evangelizar é uma partilha autêntica da graça de Deus, da vida em abundância oferecida em Cristo por meio do Espírito Santo [...]. A proposta do Evangelho é inclusiva, é para todos, e não para alguns. O cenário plural da sociedade hodierna tem o potencial de constituir-se em um laboratório de articulação dialogal em prol de princípios teológicos e pastorais relevantes para o ser a missão da Igreja em nossos tempos (WOLFF, 2018, p. 116).

#### O Decreto sobre o Ecumenismo (UR 4.24) completa:

Com este diálogo, todos adquirem um conhecimento mais verdadeiro e um apreço mais justo da doutrina e da vida de cada Comunhão. Então estas Comunhões conseguem também uma mais ampla colaboração em certas obrigações que a consciência cristã exige em vista do bem comum. No entanto, no próprio diálogo a Sagrada Escritura é um exímio instrumento na poderosa mão de Deus para a consecução daquela unidade que o Salvador oferece a todos os homens.

Dada a relevância desta missão, em comunhão fraterna diante da crescente difusão do ateísmo, secularização, materialismo e massas descristianizadas nos tempos atuais, o Diretório para o Ecumenismo aponta a missão ecumênica, enquanto testemunho comum dos cristãos na missionação, como necessária e proveitosa para o mundo contemporâneo. Além disso, “constituirá um forte incentivo e uma confiança renovada na fé cristã no meio de uma sociedade secularizada”. Por isso, as Igrejas e comunidades se agregam e organizam programas que favoreçam o apoio comum às atividades missionárias (DE 208).

Com consistências teológicas, a missão ecumênica está presente no Vaticano II como umas das tarefas da atividade missionária da Igreja. Em vista disso, o Secretariado para os Não-Cristãos no documento Diálogo e Missão, ao descrever os vários modos e aspectos da missão, afirma que também “há o diálogo, no qual os cristãos encontram os que seguem outras tradições religiosas para caminhar em conjunto em direção à verdade e colaborar em ações de interesse comum” (DM 13).

Mesmo que no passado a Igreja católica lastimava as missões protestantes, no entanto, com os impulsos do Vaticano II, na dimensão ecumênica foi crescente a compreensão das missões nas outras Igrejas cristãs. Não é somente nos âmbitos da Igreja católica que a evangelização dê seu valor. Como fruto do Vaticano II, hoje a orientação é ordenar e organizar as iniciativas das atividades missionárias considerando a colaboração fraterna e a convivência de outras comunidades cristãs. Desta maneira, é considerável a ação evangelizadora dos cristãos das diferentes Igrejas (AG 29; WOLFF, 2014, p. 61).

Neste sentido, assim assegura o Decreto “*Ad gentes*” Sobre a Atividade Missionaria da Igreja:

Os irmãos que creem em Cristo são discípulos de Cristo, regenerados pelo Batismo, participantes de numerosos bens do Povo de Deus. Quanto o permitirem as condições religiosas, deve promover-se a ação ecumênica, de sorte que, banindo toda a aparência de indiferentismo, de confucionismo e odiosa rivalidade, os católicos colaborem com os irmãos separados, em conformidade com as disposições do decreto sobre o Ecumenismo, por meio da comum profissão de fé em Deus e em Jesus Cristo diante dos gentios, na medida do possível, e pela cooperação em questões sociais e técnicas, culturais e religiosas. Colaborem, sobretudo, por amor de Cristo, seu Senhor comum: que o Seu nome os una! (AG 15).

Desta forma, Wolff (2007, p. 242) afirma que “o anúncio do *Kerygma* e a missão de todas as Igrejas não será eficaz se não for realizado no horizonte do diálogo”. Além disso, esclarece que, apesar de ser desafiador unir as Igrejas para a realização do anúncio, a missão ecumênica pela unidade, Cristo Jesus, Filho de Deus encarnado, na qual as Igrejas são chamadas a testemunhar, será oferecido a todos como dom da graça e da misericórdia do Pai. E por conseguinte, pelo impulso do Espírito Santo, protagonista da Missão, as Igrejas, pelo testemunho da unidade testemunharão o desejo de Deus para com a humanidade revelado em atos de salvação.

Wolff, (2007, p. 244-245) afirma que sem a fidelidade missionária, a unidade da Igreja é falsa, cuja relevância teológica é a sua fidelidade missionária pelo ser missão realizando o propósito de Deus para o mundo, a *oikoumene* de Deus. Assim sendo, a missão nos fará ver o mundo com os olhos e o coração de Deus, abrindo novos horizontes e esperança, como sinal da presença do Reino de Deus no já da história. Portanto, uma evangelização, em unidade e partilhada com muitos outros irmãos e irmãs, será a riqueza e o compromisso com a vontade salvífica do Pai, inaugurada por Cristo. Deus quer que todos os homens sejam salvos, chegando ao conhecimento da verdade e à experiência da sua misericórdia (1Tm 2, 4; 3, 15; LG, 48).

O Magistério pontifício recorda que, no atual século, a perspectiva missionaria do movimento ecumênico é de grande importância. Neste sentido, insiste na unidade entre os cristãos como instrumento de evangelização, porque a salvação de toda a humanidade deveria ser a constante preocupação daqueles e daquelas que professam sua fé em Cristo. Trata-se, portanto, de um imperativo, porque o ecumenismo diz respeito ao amor de Deus, em Cristo Jesus. Logo, a divisão no anúncio do Evangelho se torna um grave obstáculo (UUS 98- 99).

Portanto, a missão ecumênica, como expressão da unidade, se desenvolve através da cooperação, onde todos os que creem em Cristo com mais facilidade

aprenderão a se estimar e abrir caminhos para o crescimento da unidade entre os cristãos (UR 12). O Vaticano II também insiste na valorização da preparação e a formação no intuito que todos sejam educados no espírito de ecumenismo e convenientemente preparados para o diálogo fraterno com os não-cristãos (AG 16). Por isso, em comunhão fraterna, nas mesmas terras de missão, com outros cristãos, devemos ter cada vez mais a consciência dos problemas, como também os frutos que procedem das obras missionárias a partir da missão ecumênica (UR 10b).

Consideramos então que missão ecumênica é também expressão da vivência dos cristãos em missão no mundo. Neste sentido ressaltamos que na comemoração dos 100 anos da Conferência Internacional Missionária de Edimburgo (1910), os participantes reunidos em Edimburgo em 2010 apresentam o documento final, na qual declaram:

Afirmando a importância dos fundamentos bíblicos de nosso engajamento missionário e valorizando o testemunho dos Apóstolos, santos e mártires, somos chamados a rejubilar com as expressões do Evangelho em muitas nações ao redor do mundo. Celebramos a renovação experimentada através dos movimentos de migração e missão em todas as direções, a forma pela qual todos são equipados para a missão pelos dons do Santo Espírito e a vocação contínua de Deus a crianças e jovens a levarem adiante o Evangelho. Reconhecendo a necessidade de formar uma nova geração de líderes com autenticidade para a missão num mundo de diversidades no século 21, somos chamados a trabalhar juntos em novas formas da educação teológica. Porque somos todos feitos à imagem de Deus, todas as pessoas terão proveito do carisma específico de cada qual. Poderão se desafiar mutuamente para crescerem na fé e no entendimento, compartilhando equitativamente recursos em abrangência global, envolvendo o ser humano por inteiro e toda a família de Deus, e respeitando a sabedoria de nossas pessoas idosas e simultaneamente fomentando a participação de crianças (DF 5-6).

Por conseguinte, também assegura o magistério pontifício:

Como evangelizadores, nós devemos apresentar aos fiéis de Cristo, não já a imagem de homens divididos e separados por litígios que nada edificam, mas sim a imagem de pessoas amadurecidas na fé, capazes de se encontrar para além de tensões que se verifiquem, graças à procura comum, sincera e desinteressada da verdade. Sim, a sorte da evangelização anda sem dúvida ligada ao testemunho de unidade dado pela Igreja. Nisto há de ser vista uma fonte de responsabilidade, como também de reconforto (EN 77b).

Estamos certos de que “a esperança não decepciona” (Rm 5,5). Como batizados e enviados, Igrejas cristãs conseguem desenvolver a missão em diálogo estabelecendo projetos no nível teológico-doutrinal, cooperação na evangelização, na promoção humana e várias iniciativas de oração em comum. São expressivas as positivas experiências de missão em diálogo, entre tantas destacamos: a valiosa cooperação nos espaços acadêmicos, no que diz respeito ao ensino e

desenvolvimentos de projetos de pesquisas no campo bíblico-teológico e nas edições de livros e revistas. Na relevância de atuação do Conselho Pontifício para a Unidade dos Cristãos, Conselhos ecumênicos: mundiais e nacionais, comissões episcopais, movimentos ecumênicos e outras organizações de serviços ecumênicos torna possível a missão ecumênica. Além disso, na *oikoimene*, a missão também se realiza pelas ações comuns em favor da vida e gestos de solidariedade através da Campanha da fraternidade Ecumênica e Semana de oração pela unidade cristã. Assim, a partir do horizonte teológico, cuja prática se torna evidente pela tarefa missionária, a missão em diálogo é possível na unidade daqueles e daquelas que creem em Cristo.

Ao reavivar o compromisso missionário entre as Igrejas Cristãs é mister recordar o que nos diz o papa João Paulo II,

As relações entre os cristãos não tendem somente ao recíproco conhecimento, à oração comum e ao diálogo. Preveem e exigem, desde já, toda a colaboração prática possível aos diversos níveis: pastoral, cultural, social, e ainda no testemunho da mensagem do Evangelho. A cooperação de todos os cristãos exprime vivamente aquelas relações pelas quais já estão unidos entre si, e apresenta o rosto de Cristo Servo numa luz mais radiante. Tal cooperação baseada na fé comum não só aparece densa de comunhão fraterna, mas é uma epifania do próprio Cristo (UUS 40).

Assim sendo, todo o planejamento das atividades missionárias se propõe o esforço de implementar a cooperação conforme indica o Diretório Ecumênico que o testemunho comum já é por si, missionário. Esse afirma que, no contexto de missão, os católicos podem se agregar a outras Igrejas e comunidades eclesiais. Deste modo caminha o movimento ecumênico, porque “o fundamento do Batismo e patrimônio da fé nos é comum”. Deste modo, todos os que são enviados em missão, exorta o diretório, que sejam sensíveis a esta necessidade de cooperação com outros irmãos (DE 205-206).

O caminho do diálogo na missão tem uma importância fundamental, porque conduz as pessoas ao amor e ao respeito recíproco. Para mais, elimina, ou ao menos, atenua os preconceitos entre os adeptos das várias denominações cristãs e religiões, promovendo a unidade e a amizade entre os povos. Pois, “o diálogo e a comunhão têm a sua raiz última naquilo que os homens “são” antes e mais ainda do que naquilo que eles “têm”; este diálogo, quando recíproco, deverá se fazer com grande cordialidade, clareza e coragem, favorecendo assim, o encontro e o intercâmbio entre os povos (Chf, 35.46).

Entretanto, neste caminho de diálogo se fazem necessárias a consciência e a fé de que é Deus no seu desígnio, sabedoria e amor que ordena, dirige e governa os

caminhos da vida dos povos. Logo, a lei divina é a própria norma da vida humana na qual Deus torna a pessoa humana participante. Todavia, segundo o Vaticano II, de maneira livre a pessoa deve buscar a verdade, com a ajuda do magistério ou ensino, da comunicação e do diálogo. Assim, as pessoas se relacionam, dão a se conhecer uns aos outros e a verdade que julgam ter encontrado é buscada pelo modo que convém à dignidade da pessoa humana e da sua natureza social (DH 2.3).

Concluindo, Bühlmann (1993, p. 33) assegura que estas subdivisões teológico-pastorais da atividade missionária proposta pelo Concílio Vaticano II se concretizam no sociológico-religioso, onde cada vez mais existem lugares que clamam por estes âmbitos oriundos da única missão, a *Missio Dei*. Contudo, a partir do Vaticano II, já não existem mais territórios, regiões, nem países, católicos, protestantes e pagãos. Portanto, na prática todos estes âmbitos se exercem nos cinco continentes. A exemplo das primeiras comunidades, que não eram círculos fechados em si, mas o Batismo os fizera um único povo de Deus e o seu modo de viver, constituíam a melhor pregação e preparação para a missão, “*vede como eles se amam*” (At 4,34, 2,42-47).

#### 4.3 A MISSÃO EM DIÁLOGO COMO COOPERAÇÃO

Na perspectiva do Vaticano II, percebemos a valorização da dimensão de cooperação na missão, principalmente quando os textos conciliares destacam o cuidado paternal de Deus por toda família humana, no desejo que todos se tornem irmãos e irmãs. E, enquanto filhos e filhas, discípulos missionários de Cristo, estamos interligados pelo mesmo envio e compromisso de ser sinal da Boa Notícia. Sobretudo com consciência de que todos têm o direito de receber o Evangelho. Não com imposição, mas como quem partilha uma alegria (GS 1, 24, AG 36, EG 14).

Pela sua dimensão teológica, geográfica, e escatológica se nota que o horizonte da missão é sempre um movimento de sair de si, de proximidade e cooperação. A pessoa, vocacionada, segundo os desígnios de Deus, vai à missão até os confins da terra e até os fins dos tempos. Um partir que não se baseia na vontade própria, mas um desejo que nasce do interior do ser. Uma paixão, um vibrar pelo mundo, própria da vocação cristã que se expressa na cooperação, na solidariedade, na partilha e aproximação às pessoas e aos povos. Um crer e uma disposição de levar

a Boa notícia com a consciência que não existem fronteiras para encontrar as pessoas (CNBB, Doc 108, p. 23). Além disso, assim sublinha a CNBB,

Cooperação missionária é aquela ação que promove a efetiva participação do povo de Deus na missão universal, uma vez que a missão *ad gentes* e essencialmente uma ação eclesial, um mutirão onde todos são convidados a participar. A missão por sua natureza é sempre uma tarefa compartilhada, é um verdadeiro exercício de comunhão intereclesial. Esta participação se realiza essencialmente em três formas: pela comunhão espiritual, pela comunhão dos bens materiais e pela entrega da vida (CNBB, Doc 108, p. 34).

Com essa consciência é perceptível que nos tempos hodiernos a atividade missionaria na Igreja, em seus diversos âmbitos de missão, com suas específicas tarefas, é vocacionada e com prontidão a cooperar com as urgentes necessidades que envolvem a humanidade. Um caminho proposto é o de se deslocar do “centro” rumo às “periferias”. Dois espaços geográficos bem distintos pelas características que desafiam a atividade missionária da Igreja. Por isso, o Papa Francisco insiste que “cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG 20).

Assim instrui a Congregação para a Evangelização dos povos:

A participação das comunidades eclesiais e de cada fiel na realização do desígnio divino recebe o nome de “*Cooperação missionária*” [...] cooperação missionária é o primeiro fruto da animação missionária, entendida como um espírito e uma vitalidade que impele os fiéis, as instituições e as comunidades a uma responsabilidade universal, formando uma consciência e uma mentalidade missionária orientada “*ad gentes*”. Por isso toda, toda iniciativa de animação missionária se dirige sempre para o seu objetivo: formar o povo de Deus para a missão universal “específica” e suscitar boas e numerosas vocações missionarias, promovendo toda forma de cooperação na evangelização (CMi 2b).

Diante deste emergir missionário, perguntamos: como concretamente podemos florescer a missão em diálogo? Bevans nos auxilia na resposta dizendo: Uns dos primeiros passos para iniciar uma missão em diálogo é se perguntar por que estou entrando no “jardim do outro”. Considerando que missão, “mais do que um modelo teológico que pode estar sujeito a um imperialismo cultural e ao etnocentrismo”, é respeito e discernimento na percepção de como Deus está presente através do diálogo, trabalhando na vida e nas culturas dos povos.

Em sequência ainda sublinha, a mesma fé será compartilhada como boa notícia de forma dialógica através das palavras e ações. Obviamente, intercalados e inter-relacionados e, acima de tudo, estar consciente das atitudes e fundamentos

teológicos. Logo, esta concepção será mais vista como encontro do que como expansão (BEVANS 2016, p. 117. 49). Todavia, com a mesma consciência e dever do Apóstolo Paulo: “anunciar, “Evangelho não é título de glória para mim: é antes, necessidade que se me impõe. Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho” (1 Cor 9,16). Neste sentido, a exortação do Vaticano II se dirige a todos os fiéis que, enquanto povo de Deus, sujeitos da missão, cooperem no anúncio do Evangelho, segundo as suas possibilidades, aptidões, carismas e ministérios (AG 28.35, CNBB Doc 108, p. 24).

Desta maneira, a cooperação missionária, segundo a Conferência nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), é toda a ação que promove a efetiva participação do povo de Deus na missão universal. Logo, é um exercício de comunhão eclesial, tendo em vista que a missão é uma tarefa compartilhada. Por isso, ela se concretiza através da: oração como exercício de comunhão espiritual; pela partilha dos bens materiais; e pela entrega da vida. Estes exercícios de cooperação, de forma bem concreta, se realizam através dos sujeitos e espaços de missão (CNBB Doc 108, p. 34.35).

#### **4.3.1 Sujeitos e organizações de cooperação na missão em diálogo**

Enquanto cooperação, a missão em diálogo tem como destinatário e ao mesmo tempo sujeito, meta e também interlocutor, os povos que clamam: “*Vem, e ajuda-nos*” (At 16,9). Não obstante os desafios, a igreja por sua vocação missionária é vocacionada a “ver, ouvir os clamores e ir ao encontro” (cf Ex 3,7-8) dos povos, para o anúncio permanente do Reino como Boa Notícia de libertação.

Assim sendo, a missão em diálogo, enquanto cooperação, “é a expressão do bem-querer recíproco, profundo e permanente do Povo de Deus para com a humanidade” (SUESS, 2006, p. 133). Por isso, ela é o “primeiro fruto da atividade missionária que se realiza nas formas de oração, testemunho, sacrifício, oferecimento do próprio trabalho, ofertas e doações” (CMi 2). Na perspectiva do *aggiornamento*, o Vaticano II impele todos os batizados(as), enquanto sujeitos da missão, a uma maior renovação interior, no intuito de maior compromisso e responsabilidade com as atividades missionárias e suas distintas tarefas.

Toda sua orientação está bem orientada no espírito da comunhão eclesial, com a participação na comunhão do Deus Uno e trino expresso no diálogo entre as Igrejas. Uma comunhão que se desdobra na reciprocidade, no amor fraterno e no espírito da missão que dialoga (CMi p. 12, n 2b). Assim sendo, para bem desenvolver a atividade missionária, o Decreto *ad Gentes* apresenta diligentemente os principais sujeitos e suas organizações (AG 35).

a) Sujeito

1. *Povo de Deus*: todos os fiéis, enquanto membros de Cristo pelo Batismo, pela confirmação e pela Eucaristia, como “luz do mundo” (Mt. 5,14) e “sal da terra” (Mt. 5,13) tem o dever de cooperar no crescimento e na expansão do Seu corpo. Este testemunho de vida produzirá mais facilmente o seu efeito se for dado conjuntamente com as outras comunidades cristãs, segundo as normas do decreto sobre o ecumenismo.
2. *As comunidades Cristãs*: diocesanas e paroquiais, essas comunidades enquanto sujeitos de cooperação missionaria, de certo modo, se tornam visíveis, testemunho de Cristo por meio da oração e atividades missionarias perante as nações pela caridade até os confins do mundo.
3. *O episcopado*: “todos os Bispos, como membros do corpo episcopal, são consagrados não só em benefício de sua diocese, mas para salvação de todo o mundo”. Para levar adiante a obra da evangelização devem buscar aquela comunhão e cooperação, umas às outras, conforme as próprias necessidades de cada Igreja. Por isso, se faz necessário promover e dirigir a obra missionária e motivar o espírito e o ardor missionário do Povo de Deus de forma que cada diocese se torne missionária AG 38).
4. *Presbíteros*: sendo cooperadores da ordem episcopal, na tríplice função sagrada, os presbíteros estão estreitamente ligados à atividade missionária da Igreja. Pelo trabalho pastoral, pregação, catequese, favorecerão aos fiéis o zelo pela evangelização e pelas vocações missionárias. Ensinem os fiéis pela oração e pela partilha material a cooperarem pelas missões (AG 39).
5. *Os institutos missionários*: o sagrado concílio reconhece a fervorosa cooperação missionária dos Institutos religiosos e seculares na sua

diversidade de carismas. São testemunhas do Evangelho pelo seu modo de ser e de viver segundo a realidade do povo (AG 40).

6. *Os missionários leigos*: assim afirma o Vaticano II, pelo amor as missões, os leigos missionários são verdadeiros cooperadores nas missões. Com seu testemunho desenvolvem a atividade missionaria no ensino nas escolas, administrem as coisas temporais, na atividade paroquial e diocesana. Além disso, cooperam no campo das Universidades ou em Institutos científicos, nas investigações históricas ou científico-religiosas, no conhecimento dos povos e das religiões e nas organizações internacionais colaboram fraternalmente com os outros cristãos, com os não-cristãos. Por conseguinte, o Vaticano II, se referindo especificamente aos leigos(as), sublinha a importância da promoção dos valores verdadeiramente humanos, como também o desenvolvimento da arte de conviver e a cooperação de maneira fraternal. Para este fim, se faz necessário estabelecer o verdadeiro diálogo em si e com os outros, cultivando, acima de tudo, boas relações humanas. Para culminar, alerta que na missão, ao comunicar a mensagem de Cristo, o diálogo seja estabelecido com todos, quer crente quer não crentes “(AA 29.31).
7. Também destacamos tantos missionários(as) formados pelo Centro Cultural missionário (CCM), enviados como sujeitos de missão a tantos outros lugares que cercam a humanidade.

b) Organização:

“Da comunhão espiritual nas Igrejas brota a necessidade de uma comunhão visível e organizada” (CMi p. 13, n 3). Assim sendo, as organizações são organismos missionários que de acordo com seus estatutos desenvolvem iniciativas de serviços e projetos para atender as manifestações das solitudes nos diversos âmbitos de missão. Sua finalidade específica é a cooperação missionária. De modo geral revelam a multiforme presença do Espírito que fortalece a Igreja a partir de dentro, para sair ao encontro da humanidade. Neste sentido, conforme as Instruções da Congregação para a Evangelização dos povos (1999, Doc 174, p. 15-35) destacamos:

1. *A Congregação para a Evangelização dos povos*, principal sujeito de missão enquanto organismo Pontifício encarregado de dirigir e coordenar as atividades missionária no âmbito universal (AG 29; CMI 3). Sua principal tarefa, com o auxílio das Pontifícias Obras<sup>7</sup>, Missionarias (POM), é atender os territórios e espaços de missão, segundo as suas urgentes necessidades através do envio de missionários e coletas de subvenções.
2. *Comissão Episcopal Pastoral para a Ação Missionária e cooperação Intereclesial*, em comunhão com a Congregação para a evangelização dos povos em todas as conferências episcopais, constitui essa comissão para incrementar a evangelização e a cooperação missionaria em suas várias formas no seio de uma nação (AG 38; CMI p.21 n 10).
3. *Conselho Missionário Nacional (COMINA)*, constituído e articulado pela Comissão Episcopal Pastoral para a Ação Missionária e cooperação Intereclesial, é composto por diversos organismos de missão, outras Instituições e voluntários, em comunhão com a Comissão Missionaria, vários projetos são incrementados para que a missão em diálogo atenda seus consideráveis objetivos. No Brasil, estes projetos buscam especialmente se aproximar dos irmãos dos países tais como: Ásia: Timor Leste, África: Moçambique, Guine Bissau e na América Latina, Haiti.
4. *Conselhos missionários*: para a eficácia do desenvolvimento das tarefas missionarias, tanto a nível nacional, regional e nas igrejas locais, Conselhos Missionários, com estatutos próprios, formados por organismos missionários e Instituições missionárias com o objetivo de promover e articular as atividades em favor das missões (CNBB, Doc 108, p. 30).
5. *Conselho Missionário Indigenista*: a partir da proposta evangélica do Reino de Deus, sua finalidade é a missão junto aos povos indígenas. Uma missão em diálogo que se realiza no respeito ao contexto histórico, plural e étnico-cultural

---

<sup>7</sup> a) a Obra da Propagação da Fé, fundada por Paulina Jaricot em 1822, na França, que tem a tarefa de promover a cooperação missionária nas comunidades cristãs, particularmente nos jovens, nas famílias, nos idosos e nos enfermos; b) a Infância e Adolescência Missionária, fundada por Dom Carlos Forbin-Janson em 1843, na França, que tem como finalidade educar as novas gerações no espírito missionário; c) a Obra de São Pedro Apóstolo, fundada por Joana Bigard em 1889, na França, que se ocupa da formação do clero local nas Igrejas recém formadas; d) a União Missionária, fundada por Pe. Paulo Manna em 1916, na Itália, que tem como incumbência a animação missionaria dos presbíteros, seminaristas, religiosos e religiosas, leigos e leigas.

dos povos indígenas (CIMI, Plano de Pastoral 2005, n. 48-49) Neste sentido, assim afirma o Papa Francisco:

Cuidar dos valores culturais dos grupos indígenas deveria ser interesse de todos, porque a sua riqueza é também a nossa. Se não progredirmos nesta direção de corresponsabilidade pela diversidade que embeleza a nossa humanidade, não se pode pretender que os grupos do interior da floresta se abram ingenuamente à civilização (QA 37).

6. *Centro cultural missionário* (CCM): enquanto organização missionária vinculada à Conferência episcopal (CNBB), sua finalidade é a promoção de cursos de formação missionária tanto para brasileiras e brasileiros enviados a outra região ou país como missionários *ad gentes*, como para missionários que chegam do exterior (CNBB, Doc 108, p. 41). Neste sentido, nos últimos cinco anos, conforme os dados fornecidos pela administração do CCM, o centro preparou 138 missionários(as) estrangeiros(as) que chegaram ao Brasil para as missões, 93 missionários(as) foram preparados para serem enviados(as) para fora do Brasil, e com os brasileiros que participaram de cursos de formação missionária somam um total de 1.172.<sup>8</sup>

#### 4.3.2 Cooperação e “Igrejas irmãs” no contexto Amazônico

Seguindo o exemplo dos primeiros cristãos, a cooperação missionária entre as Igrejas Irmãs é uma forma de compreender a existência de carências não atendidas em regiões na qual se faz necessária a comunhão e a partilha dos bens. “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 13,34). “Não havia necessitados entre eles, distribuíam seus bens conforme as necessidades” (At 4,34-35). Exemplo também é a visão que Paulo tem do macedônio que lhe pedia: “Vem à Macedônia, socorre-nos” (At 16,9). Por isso, uma das formas de cooperação missionária de muito valor é o empenho das Igrejas Locais em vista de cooperar com outras Igrejas, seja no campo espiritual, econômico, social e religioso (CNBB 2003, p. 12, n. 2.3).

---

<sup>8</sup> Favoretto, Osmar. Administrador, *Centro cultural missionário*, [www.ccm.org.br](http://www.ccm.org.br)

O Concílio Vaticano II ressalta que na atividade missionária seja incluso todas as regiões nas quais ainda não tem o suficientemente para a pregação do evangelho e a maturidade da vida cristã. Neste sentido, convoca as Conferências episcopais para: a) tomar a direção de todos os assuntos que dizem respeito a uma ordenada cooperação da própria região. b) que tenham contribuição fixa, em proporção com os seus recursos, para a obra das missões. c) que auxiliem se for preciso, até da fundação de Institutos missionários e seminários do clero diocesano para as missões (AG 38). Desta maneira, a conferência de Aparecida reforça esta exortação ao dizer:

Conscientes de que a missão evangelizadora não pode estar separada da solidariedade com os pobres e sua promoção integral, e sabendo que existem comunidades eclesiais que carecem dos meios necessários, é imperativo ajudá-las, imitando as primeiras comunidades cristãs, para que verdadeiramente se sintam amadas (DAP 545).

Assim, Igrejas-Irmãs, como projeto para todo cristão, daremos relevância ao contexto da Igreja em missão nos territórios Amazônicos, considerando que desde 1972 esta cooperação através do projeto Igrejas-irmãs se realiza como gestos de solidariedade entre as dioceses e Regionais da Igreja do Brasil (CNBB 2006, p. 7.9; n.1-6). No entanto, os bispos desta Igreja, tão rica de expressões e diversidade missionaria, conclama:

Apesar dos inúmeros esforços empreendidos, ao longo destes anos, para buscar autonomia, tanto de agentes de pastorais, quanto de iniciativas pastorais e de promoção humana, há ainda um longo trabalho a realizar. Sem a ajuda de outras Igrejas é impossível, no momento, continuar realizado o trabalho de evangelização de forma adequada na Amazônia (CNBB, 2007, p. 31, n. 81).

Por isso, que mesmo antes do Vaticano II, de 02 a 06 de julho de 1952, os bispos da Amazônia reunidos em Manaus já refletiram sobre a realidade de missão na Amazônia, sobretudo, no diz respeito à cooperação missionaria a partir da sua multiculturalidade. Tal reflexão teve respaldo no encontro em Santarém de 24 a 30 de maio de 1972. Neste encontro, marco da história desta Igreja, acentuava o Papa Paulo VI, “Cristo aponta para a Amazônia” (CNBB, 2012, p. 27).

Então, missão não é somente intenção de missionar e cooperar, mas também um viver em comunhão com disposição de aprender. Portanto, se abrir a esta comunhão-cooperação é acima de tudo considerar as situações de riqueza e fragilidade presente na Igreja da Amazônia. Como descreve o documento da CNBB 100, p. 14, n 14), assim se expressam os bispos da Amazônia, “comunicamos-lhes as

riquezas de nossa caminhada. Ao mesmo tempo, reiteramos nosso apelo para que venham em nosso socorro”. “*Vinde e Vede*” (Jo 1,39).

Diante deste apelo, a Igreja na Amazônia é sempre, pra todos, um urgente anúncio de cooperação missionária. A partir do Vaticano II, vários encontros foram realizados na Amazônia com o intuito de renovar e atualizar a missão a partir da sua realidade histórica. Por isso, assim se expressam os Bispos da Amazônia reunidos em Manaus (2007), “seguimos como discípulos missionários até os confins de nossos rios e igarapés, estradas e vicinais, cidades e vilas, malocas e tapiris desta vasta Amazônia: Jesus Cristo, nossa espera e única salvação” (CNBB, 2007, P. 7).

Evangelizar é, antes de tudo e em primeiro lugar, proclamar a Boa Nova através do testemunho” (EN 26). Neste sentido, a Igreja da Amazônia se encontra rodeada por nuvens de testemunhas (cf, At 12, DF 15) que neste chão, águas e florestas amazônicas, missionários(as) no seu dia a dia, através da missão em diálogo, cooperaram e doaram sua vida em missão. Destacamos: Ir. Doraty Stang, Chico Mendes, Irmã Adelaide Molinari, Ir. Creuza Rody Coelho, Padre Ezequiel Ramim, Marçal Tupã-i, Irmão Vicente Cañas, Dom Pedro Casaldáliga e muitos outros.

Desta maneira, pelo empenho da Comissão Episcopal para a Amazônia, implementa, coordena e acompanha significativos projetos de cooperação tanto pelas Igrejas-irmãs, como também por Organismos eclesiais e civis a nível Nacional como também internacional (CNBB, 2003, p. 7).

### **4.3.3 Cooperação ecumênica**

Tendo em vista que a atividade missionária não se faz de maneira isolada, do enviado, da enviada, se espera encarnação, escuta, discernimento e maturidade na fé e unidade cristã (RMI 77). Eminentemente, conforme orienta o decreto sobre o ecumenismo, é com o testemunho de vida em unidade com as outras comunidades cristãs, meta fundamental, que a missão se torna mais fecunda. Urge, portanto, que os cristãos deem testemunho de missão em diálogo na mútua cooperação (UR 12).

Wolff (2018, p. 349) assegura que teologicamente a cooperação ecumênica se fundamenta no Batismo, razão comum de nossa profissão de fé. Neste sentido, a cooperação é a visibilidade do testemunho público da fé do Deus encarnado no qual

todo cristão recebeu a missão de testemunhar até os confins do mundo. Assim sendo, os cristãos, na partilha comum dos dons e experiências e na vivência da cooperação, revelam o amor de Cristo que convoca ao serviço e à fraternidade. Assim, segundo Wolff, através de três direções as Igrejas buscam concentrar suas forças de cooperação:

No anúncio do *Kerygma*, que tem como conteúdo central a pessoa de Jesus Cristo e seu Reino; na formação da consciência, pelos seminários, consultas e simpósios; na eleição de áreas emergências de ação, pelas quais a cooperação busca concretizar o anúncio do *Kerygma* e a consciência social no compromisso pela promoção humana segundo os critérios do Evangelho (WOLFF, 2018, p. 359).

Nesta sequência, o autor apresenta alguns desafios que precisam ser enfrentados para que possamos expandir os espaços para a cooperação ecumênica na evangelização. Entre tantos desafios, encontra-se nas convicções no nível interno das igrejas, no sentido de superação das barreiras doutrinárias, em vista de projetos comuns de evangelização e consciência do objeto comum do anúncio missionário, a pessoa de Jesus Cristo. Também ele ressalta que a fragmentação do anúncio e cooperação muitas vezes é devido a desconsideração da realidade social. Tal atitudes dificultam a proposta da *Koinonia* e da comum solidariedade. Outros fatores desafiantes são as orientações religiosas que nem sempre consideram a dimensão social e o testemunho cristão (*ibidem* p. 343).

Diante de uma sociedade de frágeis princípios cristãos e que fragmenta os princípios da comunhão, o processo de cooperação ecumênica precisa ser revisto. “O critério de reciprocidade é fundamental na cooperação ecumênica”. O testemunho comum do Evangelho exige a unidade das igrejas e “convicções” de que a solidariedade é o caminho desejado por Jesus aos seus discípulos”. Portanto, à medida em que as igrejas se perceberem unidas, recuperando o fundamento teológico da comunidade cristã reunida em nome de Jesus à solidariedade, a luta pela justiça tornar-se-á compromisso necessário de todos que professam a fé comum em Jesus de Nazaré. Por isso, a prática da cooperação ecumênica se realiza em três níveis: Pessoal, eclesial, e organizações ecumênicas (WOLFF, 2018, p. 346. 349. 356).

#### 4.3.4 A cooperação e os meios de comunicação

Nos tempos hodiernos, são inúmeros os meios de comunicação que cooperam com a atividade missionária da igreja. Jaime Patias ressalta as iniciativas que, pelo diálogo, criam interação entre as pessoas. São eles: os espaços de reflexão nas comunidades, pastorais, os grupos, os movimentos. Esses são sinais da fidelidade aos valores do Evangelho e entendem a missão como “verbo de Deus é por sua natureza, palavra, diálogo e comunicação” (PATIAS, 2008, p. 357).

Igualmente, assegura o Vaticano II, através do decreto *Inter Mirifica* (n. 3): diante da urgente e permanente necessidade de evangelizar, a Igreja foi gerada para fazer chegar a todos os seres humanos a salvação de Cristo. Por isso, através da sábia orientação para o uso correto, deve usar todos os atuais meios de comunicação social para anunciar essa Salvação (IM 3). Corroborando com este pensamento, mencionamos: os meios radiofônicos, televisivos, audiovisuais, eletrônicos e mediáticos, transformações digitais e internet, canais e as redes sociais.

Além disso, o Vaticano II, também certifica através do decreto *Ad gentes*,

Porém, para que todos e cada um dos fiéis conheçam plenamente o estado atual da Igreja no mundo e ouçam a voz das multidões que clamam: “*Vem em nosso auxílio*” facilitem-se, até pelos meios modernos de comunicação social, notícias missionárias tais que os façam sensíveis à atividade missionária e lhes abram o coração a tão profundas e imensas necessidades dos homens par lhes poderem valer (AG 36).

Deste modo, comunicar e cooperar com a missão de Deus em diálogo é nossa missão. Obviamente, com estes meios, a cooperação missionária alargará os seus horizontes de caridade, ao manifestar solicitude por todos os povos da terra, pois a graça da renovação, indicada pelo Vaticano II, “não alcançará as comunidades se não estenderem o seu amor até os confins da terra e se preocuparem com os que estão longe como se fossem seus próprios membros” (AG 37).

Para a prática, vivência e testemunho de toda cooperação missionária, extraímos da (EG 24) doze atitudes fundamentais apresentadas pelo Papa Francisco:

1. Experimenta que a missão não é sua, mas é pura iniciativa do Senhor que a precedeu no amor (cf. 1 Jo 4, 10).

2. Deseja encontrar as pessoas, transcende o medo e vai à frente, acolhe os que estão distantes da Igreja, chega às encruzilhadas dos caminhos para estar perto dos excluídos e mais vulneráveis.
3. Vive um inesgotável desejo de oferecer misericórdia, porque já experimentou a misericórdia infinita do Pai.
4. Pelo diálogo, encurta as distâncias nas relações com os diferentes. E para assumir a vida humana é capaz de se baixar até à humilhação, tocando a carne sofredora de Cristo.
5. Contraem o cheiro das ovelhas, e estas escutam a sua voz (Jo 10,27).
6. Se sensibiliza e acompanha as dores da humanidade em todos os seus processos, por mais vulneráveis que sejam.
7. Conhece as longas esperas e suporta ação apostólica. Tem consciência que a missão exige muita paciência e tolerância.
8. Se mantém atenta aos frutos da missão, porque o Senhor a quer fecundar.
9. Cuida do trigo e não perde a paz por causa do joio.
10. De modo criativo faz com que a Palavra se encarne nas situações concretas da vida humana e dê frutos de vida nova.
11. Em doação e entrega oferece a vida, e se preciso for, até ao martírio como testemunho de Jesus Cristo (cf Fl 2,7). Contudo, não deseja estar cheio de inimigos, mas antes que a Palavra seja acolhida e manifeste a sua força libertadora e renovadora.
12. Celebra e festeja na comunhão fraterna cada pequena vitória, cada passo em frente da missão em diálogo.

## CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Concluindo o capítulo sobre o diálogo como método para as atividades e cooperação missionária nos leva a inferir que este método, como proximidade do método teológico indutivo, favorece possibilidades da missão da igreja, se liberta da autorreferencialidade e partir ao encontro do outro. Considerando que sem a contextualidade do cotidiano não se faz teologia. À vista disso, Jacques Dupuis vai

dizer que o diálogo, enquanto conteúdo, é a expressão hermenêutica do contexto para o texto e do texto para o contexto (DUPUIS, 1999, p. 525).

Neste sentido, busquemos dissertar neste capítulo uma apresentação da missão em diálogo a partir dos conceitos que abrangem a atividade missionária da Igreja, com suas tarefas nos diversos âmbitos de missão. Dado a relevância da missão em diálogo, de forma concreta busquemos apresentar a cooperação missionária, cuja realização se faz através de sujeitos comprometidos com a missão envolvidos em suas diversas organizações. Não obstante, os desafios à missão ecumênica, na *oikoiimene*, a missão também se realiza pelas ações comuns em favor da vida. Porém, com estes meios de comunicação, a cooperação missionária alargará os seus horizontes de caridade ao manifestar solicitude por todos os povos da terra.

A fundamentação teórica possibilitou o embarco nestas realidades contextuais. Sobretudo, a literatura do magistério do Vaticano II e dos documentos pontifícios como também as indicações teóricas e práticas dos teólogos e teólogas que refletem conteúdo em estudo. Pois o diálogo, enquanto método constitutivo da atividade missionária, oferece substancial contribuição na concretização de suas tarefas com uma evangelização reinocêntrica.

Por conseguinte, a cada dia a Igreja, por fidelidade à sua missão no mundo, precisa rever suas estruturas, doutrinas e linguagem (WOLFF, 2007, p. 254). Assim, pela permanente disposição dialogal, a missão, como proximidade histórica, encarnação, será *pericórese*, a exemplo do Deus Uno e trino, intercomunicação e interpenetração ontológica que a todos deseja salvar. É o ser de Deus que se desdobra à toda humanidade, sem distinção de raças, credos e culturas, por uma unidade que não se confunde, oferece a todos o diálogo de salvação (1Tm 2,4).

Com o Papa Francisco chegamos à conclusão de que sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão. Na realidade, toda a ação evangelizadora autêntica é sempre nova (EG 10-12).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa girou em torno de uma prática missionária permeada pelo método do diálogo como atividade primordial da missão da Igreja. A díade missão e diálogo, ambos almejados veementemente pelo Concílio Vaticano II, foi uma forma concreta de realizar o tão sonhado “*aggiornamento*” querido pelo papa João XXIII. Dissertar sobre uma dinâmica de missão foi relevante como propositiva na superação de uma prática missionária hegemônica para um desempenho missionário dialogante, inclusivista e pluralista. Além disso, a superação de práticas missionárias tradicionais baseadas no colonial para uma prática decolonial.

A fim de alcançar seus objetivos a pesquisa procurou responder às quatro questões propostas na Introdução desta dissertação. Constatamos que, dos vinte e um concílios realizados no decorrer da História, a construção do diálogo como processo conciliar ainda tem muito a florescer. Com a aplicação do método teológico dedutivo, em tese, nem sempre o diálogo foi uma prática concreta nos concílios. Os objetivos dos concílios se desenvolveram mais na dinâmica do corrigir, condenar e consertar desvios doutrinários, com maior acento na verdade ou funções dogmáticas do que na prática da misericórdia.

Compreendemos que a realização do Concílio Vaticano II, enquanto concílio pastoral e ecumênico, revela o retorno decisivo às fontes e uma profunda revisão de si mesmo e da missão da Igreja. O relevante sentido da busca de um “*aggiornamento*” – como forma fundamental da evangelização – seguido da pedagogia do diálogo, despertou a Igreja a se abrir para o mundo, sociedades, religiões e culturas. Por isso, o Vaticano II favoreceu passos significativos para o processo do método de missionar da igreja, na busca da construção do diálogo com as diferentes culturas. E, sem desprezar suas convicções de fé, mostrou que a Igreja também pode, através do diálogo, aprender com seu interlocutor (WOLFF, 2012, p. 7).

Portanto, faz-se necessário transcender as práticas missionárias sacramentalistas e aprofundar o diálogo na Igreja com as religiões cristãs e não cristãs através do diálogo inter-religioso, como também o intercultural e o ecumênico, teologicamente tão necessário nos tempos atuais. Destacam-se, na pesquisa, as religiões dos povos indígenas e afrodescendentes, os povos afro-ameríndios e suas respectivas tradições religiosas, cultos de origem africana na valorização de suas

liturgias. O magistério da Igreja afirma que todas as religiões existentes no mundo, de várias maneiras, desejam ir ao encontro das inquietações do coração humano, propondo caminhos, isto é, doutrinas e normas de vida e ritos sagrados (NA 2; DAp 370, EG. 15).

Dessa maneira, a atividade missionária, na qual a Igreja é vocacionada a desenvolver requer um espírito de equilíbrio, de abertura e de acolhimento à diversidade. A metodologia, tendo como base a pesquisa exploratória bibliográfica, fundada nos documentos do Concílio Vaticano II e em outros documentos do magistério, com o método de análise crítica, favoreceu a contextualização dessa realidade.

Verificou-se que mundo plural, cada vez mais, desafia o pensamento teológico e missiológico. Todavia, conforme afirma Villas Boas (2018, p. 270), a tarefa epistemológica nunca se esgota tanto nos elementos teóricos quanto nos métodos e pode influenciar as políticas sociais e culturais. O Concílio Vaticano II, ao convocar a Igreja para estar intimamente ligadas ao gênero humano e à sua história, afirma que o discípulo de Cristo não pode se descuidar das alegrias e das esperanças, das tristezas e das angústias da humanidade de hoje (GS 1).

Como cooperadores da *Missio Dei* (1Cor, 3,9) neste mundo plural, somos chamados a levarmos em conta a missão como um chamado e envio para um serviço que, a princípio, se inicia pela contemplação e depois se torna diálogo. Compreendemos que a concepção teológica da missão, cujo conceito está na natureza do Deus trindade, o seu amor fontal transborda pela humanidade. Um amor que não se contenta, mas que se comunica e, ao sair de si, reintegra-se com toda criatura. Um Deus que, pela sua autocomunicação, se revela na história, contempla toda a humanidade nas suas mais variadas culturas e formas religiosas. Dessa maneira, revela a salvação, vai até os confins da Terra (Is 49,6b). Sua vontade salvífica é universal, inclusiva, sem distinção e por si alcança toda a humanidade através da “missão do Filho e do Espírito Santo” (LG 16, GS 22, AG 1).

Depreendeu-se, portanto, que Jesus Cristo, o missionário do Pai, é o modelo apresentado pelo Vaticano II. Ele veio para que todos tivessem vida (cf João 10,10), percorreu todas as cidades e aldeias, curando todas as enfermidades e proclamando o Reino de Deus (cf Mt 9,35ss; At 10,38). Assim, a missão iniciada pelo próprio Cristo - o enviado do Pai - que veio para evangelizar os pobres (Lc 4,16-21), a Igreja hoje

movida pelo Espírito Santo deve continuar o mesmo caminho do seu Mestre através do método do diálogo.

Confirma-se, então, uma inovada postura evangélica e eclesial. O enviado(a) descobre Deus presente na vida das pessoas e, através do método dialogal, método considerado pelo Vaticano II, se insere na realidade, ouvindo e respeitando as experiências históricas do interlocutor. Nesse sentido, a prática missionária culmina em um diálogo de experiências espirituais que leva à comunhão com Deus, fonte da missão.

Confirmou-se que o método do diálogo é a base para a compreensão do mesmo como conteúdo da missão. Assim sendo, a missão, baseada pelo método do diálogo envolve sensibilidade ao contexto, testemunho e convicções de fé, pois o diálogo, como método constitutivo da atividade missionária, oferece substancial contribuição na concretização de suas tarefas com uma evangelização reinocêntrica.

Assim, a intenção do método dialogal é a busca de atitudes missionárias de proximidade, de diálogo, de respeito, de sensibilidade e de compaixão. Conclui-se que a relevância teológica se faz ao acolher as dores e os sofrimentos do mundo, já que não se faz Teologia fora do real contexto cotidiano. A teologia do Papa Francisco contribuiu para essa conclusão com sua proposta de que missão é o deslocar-se do “centro” rumo às “periferias”, sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG 20).

Ficou evidenciado que, para a prática do método dialogal, é indispensável o reconhecimento do dinamismo da comunhão, da gratuidade nas relações, disposição para o encontro, abertura à alteridade. Além disso, sensibilidade em relação à riqueza vinda do próximo e profunda compaixão com o sofrimento e a vida dos mais fragilizados. Essencial também é a virtude da humildade que permite a hospitalidade mútua, fidelidade às próprias convicções sem torná-las absolutas. Também, a busca conjunta da verdade, da beleza, da bondade, da unidade e da espiritualidade dialogal.

Levando em consideração que a fé é relacional, evidencia-se, na segunda sessão e subseções, que é constitutivo ao ser humano: o diálogo, a intersubjetividade, e a relacionalidade. Não obstante as diferenças que circundam o ser humano, todo diálogo se fundamenta de forma primária nas experiências das relações fraternas. Justifica-se: missão sempre supõe relacionamento eu-você.

Conclui-se que, para uma atividade missionária relevante, se fazem necessários os princípios antropológicos de relação do amor recíproco, da

solidariedade e da fraternidade universal. Por isso, tais princípios se fundamentam como imperativos teológicos, modelo de relação dialógica intratrinitária e interpessoal, tal como historicamente revelado por Jesus Cristo no mistério da encarnação. O Filho de Deus, Palavra que se faz carne e que veio fazer parte da humanidade, participa da vida social de todos, armando sua tenda no meio de nós (Jo 1, 14; Jo 3,16 GS 32).

Não obstante os desafios que os tempos atuais revelam, tais como: divisões, intolerâncias, competições, ainda há um análogo eclesiocentrismo que impera em algumas comunidades cristãs. Na pesquisa, a Trindade é apresentada como o modelo de comunhão, de diálogo e de complementariedade, é força motivadora para uma ação missionária que busca, acima de tudo, a mística dialógica e o compromisso de relações fraternas baseadas no acolhimento do outro em uma mútua relação.

Consideramos, na terceira sessão, a missão em diálogo a partir dos conceitos que abrangem a atividade missionária da Igreja com suas tarefas nos diversos âmbitos de missão. Primeiramente, os desenvolvimentos dessas atividades realizam-se pelo processo de evangelização, cujo objetivo é levar a Boa notícia a todos os povos, em um ato de ir ao encontro do outro, como Igreja serva, samaritana e misericordiosa.

Constatamos que o processo de evangelizar, na ótica do Reino de Deus, envolve o indivíduo, a comunidade e a sociedade. A partir de Cristo, as exigências intrínsecas de serviço, diálogo, anúncio e testemunho de comunhão seguramente serão o marco de uma nova evangelização. Uma nova evangelização que implica ir aos povos, passando assim de uma pastoral de conservação para uma pastoral decididamente missionária (DAp 380).

Percebemos que as implicações dessa evangelização corroboram o processo histórico da Igreja do Brasil interpelado pelo *aggiornamento* proposto pelo Concílio Vaticano II. Uma evangelização que acarreta novos métodos e novas expressões. Uma Igreja esperançosa, cujo desejo é se abrir aos povos pela missão *ad gentes*. Não obstante os desafios, constatamos que a teologia do Vaticano II não germinou para uma missão *ad gentes*. Entretanto, percebemos que foi a partir daí que essa tarefa tomou um novo impulso com novos métodos de evangelizar.

Nossas considerações são que essa tarefa não tem fronteiras e, pela missão *inter-gentes*, hoje, a tarefa é a valorização do encontro e do diálogo entre sujeitos, credos e culturas, grupos humanos, diálogo inter-religioso, ecumenismo, centros

urbanos, minorias étnicas, pobres, migrantes, mundo digital, ecologia, continentes, Igrejas locais e comunidade.

Somos, então, levados a acreditar que, dada a relevância dessa tarefa, é constante o apelo para que a missão, neste âmbito, como as demais, receba o empenho de todos os cristãos. Na *oikoumene*, a missão também se realiza pelas ações comuns em favor da vida. Daí a pesquisa aponta para a importância da dimensão da missão ecumênica, isto é, a missão como expressão da unidade desenvolvida através da cooperação entre todos os que creem em Cristo. Espera-se que assim, com mais facilidade, aprendamos a nos estimar e a abrir caminhos para o crescimento da unidade entre os cristãos (UR 12).

Entende-se que todo processo de Evangelização na fidelidade ao Reino de Deus – meta da atividade missionária – tem o seu caminho construído pelas tarefas desenvolvidas na cooperação pela prática do diálogo. Não será uma prática fundamentada por elementos superficiais ou formais, mas realizada a partir da fé que se transforma em compromisso no cuidado pela vida (Jo 10,10). O testemunho comum do Evangelho exige a unidade das Igrejas, convicções e solidariedade.

Nesse sentido, é necessário que o diálogo, como elemento teológico da missão, não seja simplesmente meio motivacional para pregar o Evangelho, mas conteúdo da evangelização que se faz através de sujeitos comprometidos com a missão, envolvidos em suas diversas organizações. Assim, a luta pela justiça tornar-se-á compromisso necessário de todos os que professam a fé comum em Jesus.

Na dinâmica da cooperação solidária, a pesquisa apontou as mais variadas organizações. Tais organizações são organismos missionários que, de acordo com seus estatutos, desenvolvem iniciativas de serviços e projetos para atender as manifestações das solicitações nos diversos âmbitos de missão. Sua finalidade específica é a cooperação missionária. Pela sua atuação de serviço através de vários projetos, revelam a multiforme presença do Espírito que fortalece as Igrejas a sair ao encontro da humanidade que clama missão.

Por isso, a pesquisa mostra que o próprio Concílio Vaticano II ressalta a importância da inclusão de todas as regiões que ainda não tem condições suficientes para a pregação do evangelho e a maturidade da vida cristã. Por isso, no Brasil, uma das formas de cooperação missionária de muito valor é o empenho das Igrejas Locais em cooperar com outras Igrejas, seja no campo espiritual, econômico, social ou religioso.

Outro dado importante pesquisado foi que comunicar e cooperar com a missão de Deus em diálogo, é nossa missão. Claro está que, com o correto uso e auxílio dos meios de comunicação dos tempos atuais, a cooperação missionária alargará os seus horizontes de caridade ao manifestar solicitude por todos os povos. Assim, a graça da renovação, indicada pelo Vaticano II, “não alcançará as comunidades se não estenderem o seu amor até os confins da terra e se preocuparem com os que estão longe como se fossem seus próprios membros” (AG 37).

A nossa intenção com esta pesquisa foi compreender e reforçar que, sendo a missão um processo da encarnação, de proximidade, o diálogo será constitutivo nesse delinear missionário. Assim, a Igreja, convocada pelo Concílio Vaticano II para um novo impulso missionário, uma vivência de diálogo e de comunhão, tem sido marcada pela tônica do imperativo de uma Igreja de diálogo em estado permanente de missão.

Tendo em vista a importância dos significados dos conceitos de missão e de diálogo, dados a sua complementariedade, vários foram os documentos do Concílio Vaticano II que delinearam, ainda que de forma tímida, a ação missionária da Igreja, por ser essa uma tarefa única que se concretiza a partir dos diferentes condicionamentos da realidade da vida à qual a missão está direcionada. Nas variedades indicativas da missão da Igreja, uns documentos dão respostas de maneira precisa, outros ainda esperam um maior aprofundamento.

Contribuir nesse labor foi a pretensão da presente pesquisa que, ao analisar a missão em diálogo - uma proposta para o ser e o agir da Igreja na perspectiva do Concílio Vaticano II - finalmente consideramos que o mesmo não é uma técnica para conseguir determinados resultados, nem meio de conquista ou proselitismo. De mais a mais, não é uma prática manipuladora para converter as pessoas à sua própria religião. Também não é um serviço oportunista de estratégias para convencer as pessoas de suas fragilidades e erros.

Finalmente, é imprescindível que todos se conscientizem de que, diante dos incomensuráveis desafios apresentados pela pesquisa, a missão em diálogo, mais do que ideias e convicções, é despojamento, atenção, acolhida, relacionamento aberto de estima pelo outro. Como disse o papa João Paulo II, “o diálogo é um caminho que conduz ao Reino e certamente dará frutos, mesmo se os tempos e os momentos estão reservados ao Pai” (RMi 57).

A nossa consideração final é que, na perspectiva teológica e eclesial dos fundamentos conciliares, a missão, pensada de forma dialogal, posiciona a Igreja não

como detentora da verdade a ser levada aos povos, mas convocada a gerar um novo processo de descolonização na forma da transmissão da fé. Portanto, vislumbra-se um cenário promissor: os desafios e obstáculos que se apresentam serão removidos pela tomada de consciência de que a “missão é diálogo, somente diálogo”, e a “missão hoje será uma missão em diálogo”.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMALADOSS, Michael, Concílio: um olhar indiano, Revista **UHU On-line**, nº 171, jan, 2013, São Leopoldo, disponível em < <http://www.ihu.unisinos.br/171-noticias/noticias-2013/516764-concilio-um-olhar-indiano-artigo-de-michael-amaladoss>, > Acesso em: 01.06.2019.

\_\_\_\_\_. **Missão e Inculturação**. Tradução Barbar Theoto Lambert, São Paulo: Loyola, 2000.

\_\_\_\_\_. **Pela estrada da vida**: prática do diálogo inter-religioso. Tradução Luz Fernando Gonçalves Pereira, São Paulo: Paulinas, 1995.

\_\_\_\_\_. **Promover a Harmonia**: Vivendo em um mundo Pluralista. São Leopoldo: Unisínos, 2006.

ANDRADE, Joachim. Tradições, transições e transformações: missão além de ad gentes. **Revista. Pistis Prax, Teologia. Pastoral**, Curitiba, v. 10, n. 3, 477-504, set./dez. 2018.

\_\_\_\_\_. Novo paradigma da missão na visão antropológica. **Caminhos para a missão: fazendo missiologia contextual**, Labonté, Guy; Andrade, Joachim (Orgs), abc BSB Editora Ltda, 2008.

BEVANS Stephen B; Schroeder Roger P. **Diálogo profético**: Reflexões cristãs hoje. Tradução, Joachim Andrade, São Paulo: Paulinas.2016.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada Africana**. Maputo (Moçambique): Paulinas, 2004

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, Leonardo. O Conflito dos modelos de Evangelização para a América Latina, Reflexão e proposito para os 500 anos, **Revista Eclesiástica Brasileira**. vol. 52, fasc.206 pp. 344-363, junho, Petrópolis: Vozes,1992.

BOFF, Clodovis. **Teoria do método teológico**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOMBONATTO, Vera Ivanise. **A Missão** a serviço da vida plena. Bogotá: CELAM, 2008.

BRIGHENTI, Agenor. **Por uma evangelização inculturada**. Princípios pedagógicos e passos metodológicos. São Paulo: Paulinas, 1998.

BUBER, Martins. **Eu e Tu**. Tradução, Newton Aquiles von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2012.

BÜLHMANN Walbert. Apostolado, a dimensão missionária de toda a Igreja. In: **Dicionário de Espiritualidade**. (Organizadores, Stefano de Fiores, Tullo Goffi), tradução edição espanhola, adaptado por Augusto Guerra, Isabel Fontes Leal Ferreira) São Paulo: Paulus, 1993.

CASALDÁLIGA, Pedro. Opción por los pobres y espiritualidad. In: **Sobre la opción por los pobres**, José Maria Vigil (Org) Quito-Ecuador: Abya-yala, 1998.

CATÃO, Francisco. Ecumenismo católico: pródromos, formulação e perspectiva. In: de 1964 a 2004 - BIZON, J.; DRUBI, R. (Org.). **A unidade na diversidade**. São Paulo: Loyola, 2004.

COMBLIN, José. **As sete palavras-chave do Concílio Vaticano**. Disponível em <<https://www.vidapastoral.com.br/artigos/documentos-e-concilio/as-sete-palavras-chave-do-concilio-vaticano-ii/>> (Ano 2005 pp 17-22) acessado em 03.04.2020.

CONGREGAÇÃO PARA EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS. **Cooperação Missionária**, Instrução da Congregação para a Evangelização dos povos. São Paulo: Paulinas, 1999.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Comissão Episcopal para a Amazônia**, A missão da Igreja na Amazônia. São Paulo: Paulus, 2003.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil**, Documento da CNBB,54, 1995-1998. Brasília: Edições CNBB. 1995.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil**, Documento da CNBB, 94, 2011-2015. Brasília: Edições CNBB. 2011.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil**, Documento da CNBB 109, 2019-2023. Brasília: Edições CNBB, 2019.

\_\_\_\_\_. **Discípulos Missionários na Amazônia**, Documento do IX encontro de Bispos da Amazônia. Brasília: edições CNBB, 2007.

\_\_\_\_\_. **Igrejas-Irmãs na Amazônia**, a Igreja que alarga a sua tenda. Brasília: edições CNBB, 2006.

\_\_\_\_\_. **Igreja na Amazônia, Memória e Compromisso**, Conclusões do Encontro de Santarém, Brasília: Edições CNBB, 2012.

\_\_\_\_\_. **Missionários (as) para a Amazônia**. Documento da CNBB 100, Brasília: Edições CNBB, 2010.

\_\_\_\_\_. **Missão e Cooperação Missionária**, Orientações para a animação Missionaria da Igreja do Brasil. Documento da CNBB 108, Brasília: Edições CNBB, 2016.

\_\_\_\_\_. **Plano de Pastoral de conjunto**. (1966-1970), Rio de Janeiro, CNBB, 1966.

COELHO, Antônio Salvador. **Missiologia e Diálogo Inter-religioso**. Batatais: Claretianos, 2013.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL MISSIONÁRIA DE EDIMBURGO (1910). “**Um chamado comum**” – Documento final de Edimburgo 2010, disponível em: <[https://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/conselho-mundial-de-igrejas-cmi-1/um-chamado-comum-documento-final-edimburgo-2010](https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/conselho-mundial-de-igrejas-cmi-1/um-chamado-comum-documento-final-edimburgo-2010)> Acesso 14.07.2020.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Constituição dogmática Dei Verbum sobre a revelação divina. In: **Compêndio do Vaticano II**, Constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 121-139.

\_\_\_\_\_. Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo de hoje. In: **Compêndio do Vaticano II**, Constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 143-256.

\_\_\_\_\_. Constituição dogmática, Lumen Gentium sobre a igreja. In: **Compêndio do Vaticano II**, Constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 39-113.

\_\_\_\_\_. Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium sobre a sagrada liturgia. In: VATICANO In: **Compêndio do Vaticano II**, Constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 2015. p .259-306.

\_\_\_\_\_. Declaração Nostra Aetate sobre a relação da Igreja com as religiões não - cristãs. In: **Compêndio do Vaticano II**, Constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 2015. p.619-625.

\_\_\_\_\_.Decreto, Apostolicam Actuositatem, sobre o apostolado dos leigos. In: **Compêndio do Vaticano II**, Constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 2015. p.529-564.

\_\_\_\_\_.Decreto Inter Mirifica sobre os meios de comunicação social. In: **Compêndio do Vaticano II**, Constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 2015. p.567-578.

\_\_\_\_\_.Decreto Unitatis Redintegratio sobre o Ecumenismo. In: **Compêndio do Vaticano II**, Constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 2015. p.309-332.

\_\_\_\_\_.Decreto Ad Gentes sobre a atividade missionária da Igreja. In: **Compêndio do Vaticano II**, Constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 2015.p.351-399.

\_\_\_\_\_.Declaração Dignitatis humanae sobre a liberdade religiosa. In: **Compêndio do Vaticano II**, Constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 2015. p.600-616.

CONSELHO INDIGINISTA MISSINÁRIO. **Plano de Pastoral**. Brasília: CIMI, 2005.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS. **Diretório para a aplicação dos princípios e normas sobre o Ecumenismo**. Petrópolis: Vozes, 1994.

COPPI, Paulo. **Igreja em Missão**, Teologia e História da Missão, animação Missionária e Nova Evangelização. Florianópolis: Cidade e missão, 2006.

CÓRDOVA Quero, H. **El desafío del diálogo: historia, definiciones y problemáticas del ecumenismo y la pluralidad religiosa**. 1ª ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires GEMRIP, 2014.

COSTALUNGA, Agnese. **Globalização excludente, trindade e evangelização, no contexto do Continente Americano**. Dissertação de Mestrado em Teologia, São Paulo: PUC/SP, 2013.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. 2. ed. Brasília, CNBB, São Paulo: Paulinas, 2007.

SÍNODO PARA AMAZONIA. **Documento final Sínodo para a Amazônia**. Amazônia: novos caminhos para a igreja e para uma ecologia integral. Disponível em :[http://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20191026\\_sino-do-amazonia\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20191026_sino-do-amazonia_po.html)> acessado em 11.07.2020.

DUPUIS, Jacques. **Rumo a uma teologia cristã do Pluralismo Religioso**. São Paulo, Paulinas, 1999.

GOLFI, TULLO. Conversão, **Dicionário de Espiritualidade**/Organizadores: Stefano de Fiores, Tullio Golfi: Tradução da edição Espanhola, adaptada por Augusto Guerra, Isabel Fontes, São Paulo: Paulus, 1993.

FRANCISCO, Carta Encíclica, **Evangelii Gaudium**, A alegria do evangelho. São Paulo: Paulinas, 2013.

\_\_\_\_\_. Carta Encíclica, Carta Encíclica, **Laudato si'**, sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2013.

\_\_\_\_\_. Exortação Apostólica Pós-Sinodal - **Querida Amazônia**, Ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade. São Paulo: Paulus, 2020.

FERRARO, Benedito. Reino de Deus, **Dicionário do Concílio Vaticano II**/dirigido por João Décio Passos e Wagner Lopes Sanches, São Paulo: Paulus, 2015.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Dicionário de língua portuguesa**, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira: Coordenação Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos 5 ed Curitiba: Positivo, 2010.

FORTE, Bruno. **Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história**: ensaio de uma cristologia como história, Tradução Luiz João Gaio, revisão João Anibal Garcia Soares Ferreira. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

FREUD, Sigmund (1856-1939). **O futuro de uma ilusão, Mal-Estar na civilização**. (Originalmente publicado em 1927-1931), Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XXI). Traduzindo do Alemão e do Inglês sob a direção de Jayme Salomão, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido** 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz terra, 1987.

GRINGRICH, F, WILBUR. **Léxico do Novo Testamento** – Grego/Português, Tradução de Júlio P. T. Zabatiero, 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 1996.

JOÃO PAULO II. Exortação apostólica pós-sinodal **christifideles laici**, sobre vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo. São Paulo: Paulinas, 2004.

\_\_\_\_\_. Carta encíclica **Redemptor Hominis** a todos os homens de boa vontade no início do seu ministério pontifical. São Paulo: Paulina, 1979.

\_\_\_\_\_. Carta **Encíclica Redemptoris Missio**, sobre a validade permanente do mandato missionário, São Paulo: Paulinas, 1990.

KACHEL, Fabiano, S. **Devo anunciar**: Missiologia para principiantes. 3ª ed Curitiba: Verbo Nam e POM,2003.

KNITTER, Paul, F. **Jesus e os Outros Nomes**: Missão cristã e responsabilidade global. tradução Leszek Lech, São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2010.

KRÄMER Klaus Claus. (Hg.), **Misión und Dialog. Ansätze für ein kommunikatives Missionsverständnis**, «Theologie der Einen Welt», Herder, Freiburg 2012, páginas 31-43. Original en español. In: VIGIL, José María, **ESCRITOS SOBRE TEOLOGÍA DEL PLURALISMO** Cruzando la teología latinoamericana de la liberación con la teología del pluralismo religioso, en camino hacia nuevos paradigmas. **Misión es diálogo**, p. **439-448**, Edición digital, 2012.

LACOSTE, Jean-Yves. **Dicionário crítico de teología**. Tradução Paulo Meneses. São Paulo: Paulinas, 2004.

MAÇANEIRO, Marcial. **Teologia das Religiões** Salvação e religiões não-cristãs - dissertação de Mestrado em Teologia. Belo Horizonte: FAJE, 2006.

\_\_\_\_\_. Eclesialidade, eucaristia e ministérios, Perspectivas ecumênicas a partir do Decreto Unitatis redintegratio. In: **Unidade na Diversidade**, coletâneas de artigos em comemoração aos 40 anos do decreto Unitatis redintegratio sobre o ecumenismo, São Paulo: Loyola, 2004.

MELO, Antônio, A. **Evangelização no Brasil**, Dimensões teológicas e desafios pastorais, (Tesi Gregoriana), Roma: Universidade Gregoriana, 1996.

MIRANDA, Mário, F. O Concílio Vaticano II, ou Igreja em contínuo aggiornamento, **Revista Pistis & Praxis, Teologia Pastoral**, Curitiba, v 4, n.2, p. 395-420, jul/dez, 2012, disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/8774/8429>> acesso em: 06.06.2019.

MORAIS, Pedro S. Diálogo e cultura do encontro: um itinerário cristão em tempos de fundamentalismo. **Revista Eletrônica Espaço Teológico** ISSN 2177-952X. Vol. 10, n. 17, jan/jun, 2016, p. 277-286.

MOSCONI, Luiz. **A vida é missão**, para uma missiologia mística popular. 8ª ed, Belém, PA: ASMP, 2015.

NASCIMENTO, Analzira. **Missão e alteridade**: descolonizar o paradigma missiológico. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) Faculdade de Humanidades e Direito. Pós-graduação em Ciência de Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo: São Bernardo do Campo, 2013.

NETO, Luiz, Q.S. **Diálogo ecumênico e inter-religioso para o caminho da paz**. Dissertação de Mestrado, Programa de pós-graduação em teologia mestrado em teologia sistemática, Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica – PUC RS, 2017

NERY, José, Israel. O mundo secularizado e Pluricultural, no qual nos cabe ser Discípulos Missionários. In: **Missão no mundo Pluricultural**, Brasília: Ed. CNBB, 2013.

PANAZZOLO, João. **Missão para todos**: Introdução à missiologia, São Paulo: Paulus, 2006.

PATIAS, Carlos Jaime. COMUNICAÇÃO: EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO NA MISSÃO, o papel dos meios de comunicação na Evangelização. In: **Caminhos para a Missão, fazendo missiologia contextual**/ Labonté, Guy; Andrade, Joachim (Orgs) – abc BSB Editora Ltda, 2008.

PAULO VI. Carta Encíclica, Exortação apostólica **Evangelii Nuntiandi** A evangelização no mundo contemporâneo. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

\_\_\_\_\_. Carta encíclica **Ecclesiam Suam** sobre os caminhos da igreja. São Paulo: Paulinas, 1964.

PASSOS, Décio João. O diálogo no Concílio Vaticano. **Revista: Caminhos de Diálogo**, Curitiba, ano 4, n. 6, p. 56-69, jan./dez. 2016.

\_\_\_\_\_. “Diálogo”. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes. **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2015.

PERRIN, Christine Lienemann. **Missão e diálogo Inter Religioso**. tradução, Walter O. Schlupp, São Leopoldo: Sinodal, CEBI, 2005.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. **Diálogo e Anúncio** São Paulo: Paulinas, 1986.

PRETE, Vitor Del. **La buona terra, riflessioni sull'evangelizzazione**. Roma: Pacelli, 2010.

RATZINGER, Joseph, (1969). **O novo Povo de Deus**. (Tradução, Clemente Rafael Mahl) São Paulo: Molokai, 2016.

RASCHIETTI, Estevão. **Ad Gentes**, textos e comentários. São Paulo: Paulinas, 2012.

REIS, Ari Antônio. Missão na cidade. In: **Caminhos para a Missão, fazendo missiologia contextual**/ Labonté, Guy; Andrade, Joachim (Orgs) – abc BSB Editora Ltda, 2008.

REZENDE, Antônio Martinez. **Dicionário do latim essencial**. / Antônio Martinez de Rezende, Sandra Braga Bianchet. 2ª ed. rev. e ampl, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

REVUELTA, José, A. El pluralismo teológico, condición para el diálogo intra- y extraeclesial, **Revista Espiga**, Año XI, N.º 23: 215-243, Enero-junio 2012. Pp.215-243.

RIBEIRO, Claudio, Oliveira. **Pluralismo e libertação**. São Paulo: Paulinas, 2014.

RIBEIRO, Romilda Iyakemi. Religiões brasileiras afrodiáspóricas e diálogo inter-religioso. In: **Diálogo inter-religioso, religiões a caminho da paz**. São Paulo: Paulinas, 2018.

TEIXEIRA, Faustino. **Ecumenismo e diálogo inter-religioso: a arte do possível**. Aparecida: Santuário, 2008.

\_\_\_\_\_. O diálogo inter-religioso, In: **Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso**. Aparecida: Santuário, 2008.

\_\_\_\_\_. O Imprescindível desafio da diferença religiosa, **Revista Scielo, Rev. Inter. Mob. Hum**, Brasília, Ano XX, Nº 38, p. 181-194, jan./jun. 2012, disponível em [www.scielo.br/pdf/remhu/v20n38/a11v20n38.pdf](http://www.scielo.br/pdf/remhu/v20n38/a11v20n38.pdf) > Acesso em: 01.06.2019.

SPINSANTI, Sandro (Itália). Ecumenismo espiritual. In: **Dicionário de Espiritualidade**, (Organizadores, Stefano de Fiores, Tullo Goffi), tradução edição espanhola, adaptado por Augusto Guerra, Isabel Fontes Leal Ferreira) São Paulo: Paulus, 1993.

SARACENI, Solange das Graças, Martinez. Missão em perspectiva de diálogo e respeito às culturas. **Revista Caminhos de Diálogo**, Ano 03, nº 05, agosto a dezembro de 2015, disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/caminhosdedialogo/article/download/.../22968> > acesso em: 09.06.2019.

SECRETARIADO PARA OS NÃO CRISTÃOS. Igreja e as outras religiões: **Diálogo e Missão**. São Paulo: Paulinas, 1984.

SINNER, Rudolf von. **Confiança e convivência: reflexões éticas e ecumênicas**. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

\_\_\_\_\_. Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões, **Caderno Teologia Pública**, UNISINOS, São Leopoldo, Ano 2, Nº 9, 2005, disponível em  
<[http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/009cadernosteologia\\_publica.pdf](http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/009cadernosteologia_publica.pdf)> Acesso em: 04.06.2019.

\_\_\_\_\_. A Santíssima Trindade é a melhor comunidade": Trindade, igreja, sociedade civil, **Estudos Teológicos**, ano 48, n. 2, p. 51-73, 2008, disponível em  
<[https://www.academia.edu/4482826/A\\_Sant%C3%ADssima\\_Trindade\\_%C3%A9\\_a\\_melhor\\_comunidade\\_Trindade\\_igreja\\_sociedade\\_civil](https://www.academia.edu/4482826/A_Sant%C3%ADssima_Trindade_%C3%A9_a_melhor_comunidade_Trindade_igreja_sociedade_civil)> acesso em: 20.05.20.

SUESS, Paulo. A missão no canteiro de obras do Vaticano II. Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois de sua promulgação. In: **Revista Eclesiástica Brasileira REB**, v.66, n, 261, Janeiro, 2006, doi:

\_\_\_\_\_. Discípulo Missionário do Brasil para o mundo secularizado e pluricultural, à luz do Vaticano II e da caminhada Latino-Americana. In: **Missão no mundo pluricultural, 3º Congresso Missionário Nacional: Memórias e perspectivas**, Brasília: CNBB, 2013.

\_\_\_\_\_. Missiologia como teologia fundamental, In: **Concilio Vaticano II: Batalha perdida ou esperança renovada?** Agenor Brighenti e Francisco Merlos Aroyo (Orgs). São Paulo: Paulinas, 2015.

\_\_\_\_\_. **Missão e Misericórdia**, A transformação missionaria da Igreja segundo a Evangelii gaudium. São Paulo: Paulinas, 2017.

\_\_\_\_\_. Missão/Evangelização, **Dicionário do Concilio Vaticano II**/dirigido por João Décio Passos e Wagner Lopes Sanches. São Paulo: Paulus, 2015.

\_\_\_\_\_. Teologia da Missão. In: **Caminhos para a Missão, fazendo missiologia contextual**/ Labonté, Guy; Andrade, Joachim (Orgs) – abc BSB Editora Ltda, 2008.

TORRES Queiruga, Andrés. **Autocompreensão cristã** - diálogo das religiões, Tradução Jose Afonso Beraldin da Silva. São Paulo: Paulinas, 2007.

\_\_\_\_\_. **Repensar a Ressurreição**, a diferença cristã na continuidade das religiões e culturas, Tradução Afonso Maria de Ligório Soares. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

WOLFF, Elias. **A unidade da Igreja**: ensaio de eclesiologia Ecumênica. São Paulo: Paulus, 2007.

\_\_\_\_\_. **Caminhos do Ecumenismo no Brasil**, História, Teologia, Pastoral. São Paulo: Paulinas, Paulus, Sinodal, 2018.

\_\_\_\_\_. Comunhão, **Dicionário do Concílio Vaticano II**/dirigido por João Décio Passos e Wagner Lopes Sanches. São Paulo: Paulus, 2015.

\_\_\_\_\_. **Unitates Redintegratio, Dignitates Humanae, Nostra Aetate**: textos e comentários. São Paulo: Paulinas, 2012.

\_\_\_\_\_. **Igreja em Diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2018.

\_\_\_\_\_. **Espiritualidade do diálogo inter-religioso**: Contribuições na perspectiva cristã, São Paulo: Paulinas, 2016.

\_\_\_\_\_. O ecumenismo no horizonte do Concílio Vaticano II. **Revista Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, Ano XV, nº 39, set/dez, 2011. Disponível em: <[https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/20406/20406.Artigo\\_em\\_PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/20406/20406.Artigo_em_PDF)> Acesso em: 01.06.2019.

\_\_\_\_\_. **Vaticano II**, 50 anos de ecumenismo na Igreja Católica, São Paulo: Paulus, 2014.

USARSKI, Flank. **A construção do Diálogo**: o Concílio Vaticano II e as religiões. São Paulo: Paulinas, 2018.

VÁSQUEZ, Marina, Aguilar. La Misión Inter gentes, entre la humanidad. In: **TERCER SIMPOSIO INTERNACIONAL DE MISIONOLOGÍA, Misión para la Humanidad**, Quito, Ecuador: OMP, 2008.

VIGIL, Jose Maria **Teologia do Pluralismo Religioso** para uma releitura pluralista do cristianismo / Jose Maria Vigil, [tradução Maria Paula Rodrigues]. São Paulo: Paulus, 2006.

\_\_\_\_\_. José Maria, **Espiritualidade do Pluralismo Religioso** Uma experiência espiritual emergente Pelos muitos caminhos de Deus, vol I, Editora Rede, Goiás 2003, pp. 120-134

Disponível em <[https://www.academia.edu/20334687/EATWOT Pelos muitos caminhos de Deus,Os desafios Port ?auto=download](https://www.academia.edu/20334687/EATWOT_Pelos_muitos_caminhos_de_Deus,Os_desafios_Port?auto=download)> acessado 13.04.2020

\_\_\_\_\_. **La teología necesaria para la convivencia entre las religiones.** Ponência en el Workshop sobre «Religiones y Paz» celebrado en el Foro Social Mundial celebrado en Dakar, Senegal, en 2011. Recogida y publicada en la revista VOICES 2011-2, p. 197-199. In: VIGIL, José María, **ESCRITOS SOBRE TEOLOGÍA DEL PLURALISMO** Cruzando la teología latinoamericana de la liberación con la teología del pluralismo religioso, en camino hacia nuevos paradigmas, p. 499-500. Edición digital, 2012.